

INTERCALARES

Cada deputado "custa" 28 mil votos

As eleições intercalares de Dezembro poderão ter a participação de 6 milhões 908 mil 458 eleitores ou seja, após a actualização do recenseamento eleitoral de 1978/79, mais 36 mil 858 eleitores. Estes eleitores escolherão com o seu voto, que pode ser distribuído até ao momento por 20 partidos políticos, os 250 deputados da próxima Assembleia da República que têm por missão cumprir a quarta sessão legislativa da primeira Legislatura. Estes números são os que resultam das somas dos eleitores por distrito, segundo um volume acabado de publicar pelo STAPE, Secretariado Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral do MAI.

Entretanto a Comissão Nacional de Eleições, órgão composto com a participação dos 5 partidos mais representados na Assembleia da República, deve reunir 48 horas após a dissolução da Assembleia pelo Presidente da República. Nessa reunião a CNE deve elaborar o mapa da distribuição de mandatos por círculo eleitoral.

Como principais alterações a registar entre as eleições para a Assembleia da República em 1976 e as intercalares de Dezembro, salientam-se dois factos: o primeiro, diz respeito ao número de deputados a eleger, 250 contra os 262 da actual AR; o segundo, decorre em parte do

Continua na pág. 20



Nacionalistas curdos fusilados no Irão

«Guardas revolucionários» preparam-se para fuzilar em Paveh guerrilheiros nacionalistas curdos acusados de terem morto milicianos pró-Khomeiny. Ao todo, 29 curdos foram executados em Paveh e Kermanshah e uma centena de nacionalistas, comunistas e esquerdistas estão presos em Sanandaj, capital do Curdistão iraniano. Dirigentes curdos exigem a Khomeiny que liberte todos os nacionalistas, ou matarão quinhentos guardas que afirmam ter em seu poder. (V. mais notícias na pág. 11)

A Volta foi para S. João de Ver

Confirmada esta manhã a análise positiva a Marco Chagas a Volta é ganha por Sousa Santos (aqui, com o pai).

Pág. 17



A QUESTÃO PALESTINIANA NA ONU

EUA querem ganhar tempo

A reunião do Conselho de Segurança da ONU sobre a questão palestina, que hoje pelas 16 horas de Lisboa se reinicia, após a suspensão de ontem, poderá terminar da melhor maneira para os EUA: pela não votação da moção sobre os direitos legítimos dos palestinos. Com efeito, a proposta, apresentada pelo Senegal, poderá não ser votada, desde que nenhum membro do C. da S. accione os mecanismos indispensáveis para que a votação se efectue. Mas, se a votação for para a frente, os EUA não terão outra saída que não seja o veto. Se assim acontecer, o embaixador norte-americano na ONU, Andrew Young, terá de vetar uma moção com a qual concorda. Neste momento, as diligências diplomáticas concentram-se exactamente na tentativa de evitar um resultado tão desastroso para Washington.

Pesem embora todos os desmentidos, o certo é que, depois de um acordo com a Arabia Saudita, os EUA fizeram uma viragem na sua política no Médio Oriente, tentando a reaproximação com a OLP, que eles queriam fazer intervir nas negociações em curso decorrentes dos Acordos de Camp David entre Israel e o Egipto.

Combinados com os Estados árabes, os EUA conseguiram, no mês passado, adiar o debate do Conselho de Segurança sobre a questão palestina, a fim de patrocinarem, ou, pelo menos, aprovarem

uma resolução tendente a garantir o direito dos palestinos a um Estado.

Imediatamente desencadearam um processo diplomático, junto de Israel e do Egipto para receberem a aprovação dessa diligência. O enviado especial para o Médio Oriente, Robert Strauss, falhou, porém, nessa tentativa e fez uma viagem ao Cairo e a Telavive que se saldou por um malogro. Entretanto, Andrew Young, consciente dos prejuízos diplomáticos que para os EUA adviriam de novo veto sobre a magna questão do Estado palestino, fazia diligências pouco ortodoxas junto do representante da OLP na ONU para tentar novo adiamento do debate. Mas os serviços secretos israelitas estavam atentos e denunciaram o encontro havido entre Young e o representante palestino.

POSIÇÃO PORTUGUESA

Mantém-se a possibilidade de Portugal votar favoravelmente a proposta do Senegal, mas tudo depende de negociações que decorrem nos bastidores do «palácio de vidro». Segundo declarações feitas esta madrugada pelo embaixador Anderson Guimarães, a posição do voto português está precisamente dependente destes contactos e da forma que venha a assumir o texto da resolução.

Pág. 11.

Direita teria preferido assassínio político



Infelizmente para a direita, as investigações policiais sobre o assassinio de Joaquim Torres não apontam para a descoberta de uma motivação política para o crime. O enterro do financiador de bombistas, ontem, perto de Amarante, (na foto) deu origem a encontros pouco habituais à luz do dia. Dentro do círculo, Walter Cudell, do CDS e o major Mota Freitas

Pág. 20.

Costa
Martins
e Pereira
Pinto
saneados
da Força
Aérea

Pág. 5

Hoje há



Cáceres Monteiro *

A necessidade dos jornalistas respeitarem as normas éticas, deontológicas e técnicas do exercício da profissão, bem como as questões relativas à formação foram muito referidas (e ainda bem) no decurso da discussão do programa do V Governo da Assembleia da República.

Os jornalistas conscientes, mais do que ninguém, se têm batido por esses objectivos e, assim, é com consolo que se vêem responsáveis governamentais, ao mais alto nível, mostrarem-se atentos à importância de tais problemas.

É natural que a eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo tenha suficientemente amadurecidas as reflexões sobre estes temas: possuía já um «sentido jornalístico» apurado quando, há sete anos, colaboramos na organização de um suplemento para um vespertino de Lisboa, e o exercício da sua função de embaixadora na Unesco permitiu-lhe uma grande familiarização com as questões da Informação, perspectivadas a um nível vasto. O major João Figueiredo há muito que vem exercendo cargos ligados à Comunicação Social, e é natural que tenha adquirido a natural sensi-

bilização.

Mas atenção. Os problemas da Informação portuguesa passam muito além das questões deontológicas, técnicas e de formação. Seria errado fazer recair sobre os jornalistas a responsabilidade da criação de um clima de isenção e imparcialidade neste período pré-eleitoral. Sobretudo se, como acontece, a organização da maioria das redacções impedir que o exercício da profissão se faça em termos minimamente aceitáveis.

Por outro lado, e ainda a propósito de «reflexões» recentes sobre a Comunicação Social, é incorrecto pensar, como era sugerido numa notícia de um semanário, exprimindo alegadamente os pontos de vista do Ministério da Comunicação Social, que este organismo tenha a pretensão de corrigir pontualmente os desvios dos critérios de isenção estabelecidos.

Este ponto levar-nos-ia muito longe: à discussão dos conceitos e mecanismos de garantia da independência dos órgãos de Co-

municação Social estatizados. Esta discussão está por fazer, mas deve acontecer num período de maior acalmia, proporcionada pela não premência de tantas questões conjunturais. Mas os mecanismos que garantam essa independência, diga-se desde já, terão de ser profundamente repensados, dado o fracasso dos meios até agora disponíveis — **maxime** os conselhos de Informação.

Mas é evidente que se esses jornais devem dispor de uma independência grande em relação aos partidos políticos (a qual não deve ser entendida como sua hostilização, nem pôr em causa os critérios jornalísticos de cobertura dos acontecimentos), tal não pode ter como contrapartida o aumento de dependência, pelo menos directa, em relação ao Governo, mesmo quando surge como zelador da imparcialidade eleitoral.

A acção reguladora da actividade deste Governo deve fazer-se claramente e à partida, pela nomeação ou reconfirmação de administrações dos órgãos estatizados, que nomeiam ou reconfirmam direcções, as quais por sua vez, escolhem as chefias, salvaguardado o parecer dos Conselhos de Redacção. A acção reguladora do Governo não pode ser exercida «a posteriori», «apagando os fogos» onde

já se sabe que eles vão aparecer.

«CONTROLEIRISMO»

Depois da passagem dos últimos Governos (exceptuado o III que não teve tempo para nada e em especial o IV) o equilíbrio das redacções foi profundamente afectado. A dinâmica das próprias redacções, exercida de forma estruturada e dentro dos preceitos legais, não podendo ser um factor determinante, é ainda uma das maiores garantias de acção independente e isenta.

Os lugares de directores de Informação da Televisão, do Rádio e das agências de imprensa nacionalizadas e as direcções dos órgãos da imprensa escrita devem ser exercidos por jornalistas ou personalidades de reconhecido valor intelectual, dispondo de um mínimo de capacidade, respeitabilidade, e espírito de independência, e não por pessoas, como acontece em alguns casos (não em todos), nomeadas unicamente com preocupações de «controleirismo» político.

Neste período eleitoral e sobretudo depois da expectativa que se criou em redor desta questão, um mínimo de coerência exige a regularização de um dado número de situações, de modo a que o «jogo» não esteja viciado à partida.

A aplicação da legislação recentemente aprovada na AR, depois de promulgada, poderá revelar-se da maior importância, se os jornalistas não fizerem dela «letra morta» ou se não forem coibidos de fazer uso das faculdades legais. O papel dos Conselhos de Redacção, agora também previstos para a Rádio e Televisão, pode ser importante. Se a sua eleição for livre (o que, de momento, não acontece em pelo menos um jornal estatizado) e o seu exercício for respeitado nos seus limites legais.

Nas condições presentemente existentes em certos órgãos de comunicação social, com administrações incompetentes e direcções desprestigiadas, não há possibilidade dos jornalistas exercerem as suas regras deontológicas e técnicas com um mínimo de responsabilidade, e não é exigível que a própria classe «inter pares» vigie a aplicação dessas leis, isolando aqueles que se mostrem indignos.

Os jornalistas e o público mais atento sabem que as «grandes

jogadas políticas» não se fazem tanto através dos editoriais mas por todo um conjunto de acções e omissões na tarefa quotidiana de informar. A selecção do agente da Informação é fundamental, e não pode estar sujeita ao critério dos controladores nomeados com uma intenção política bem determinada. Apesar das previsíveis manobras «camaleónicas» a que vamos estando habituados.

Uma questão que também se colocou foi a da formação profissional. Desde 1941 que os jornalistas portugueses vêm perseguindo o objectivo de uma escola universitária. Mas as questões da formação não podem ser tratadas de forma tão apressada, e à revelia dos jornalistas, como sucedeu com um recente despacho de Proença de Carvalho.

Para passar ao papel esse projecto terá de ser suficientemente ponderado, e não nos termos para que aponta a criação de (mais um) «grupo de trabalho». É indispensável que a Escola apareça, logo à partida, apetrechada de meios humanos e materiais que lhe confirmem a indispensável credibilidade.

* Presidente do Sindicato dos Jornalistas



LITORAL AO SUL DO TEJO

- **SESIMBRA** Pedro Batista Cardoso
- **PORTINHO ARRÁBIDA** Quiosque Arrábida
- **SINES** Rest. Vela d'Ouro
- **VILA NOVA MILFONTES** Café Rest. Mira Mar
- **PORTO COVO** Augusto António Vilhena

LITORAL NORTE

- **BARCELOS** Casa do Pedro
- **ESPINHO** Quiosque Reis
Pap. Razoril
Aires Moreira da Rocha
- **PÓVOA DE VARZIM** Albino Ferreira Lima
Clarisse Gonçalves
Lima
- **VILA DO CONDE** Altino Lopes Martins
- **VILA PRAIA ÂNCORA** Pap. Arcada
- **VIANA DO CASTELO** José Aires
Tab. SISO
Av. Combatentes da
Grande Guerra, 131

Os leitores que o desejarem, poderão fazer uma assinatura especial de férias para o período de 2 semanas (120\$00), 3 semanas (180\$00) ou 4 semanas (240\$00). Para o efeito basta remeter um cheque ou vale do correio e indicação bem legível do nome e morada de férias, bem como do dia do início do envio dos jornais.

Remete para «Diário de Lisboa» - Assinaturas
R. Castilho, 185-1.
1200 LISBOA

COMUNICAÇÃO SOCIAL

DIRECTOR-GERAL DA INFORMAÇÃO

“Vamos ao trabalho que de palavras estamos fartos”

«Vamos ao trabalho, que de palavras estamos fartos» — assim se expressou o dr. António Pedro Ortet, director-geral da informação, ontem empossado no Ministério da Comunicação Social.

Afirmaria ainda que visando o estreitamento dos contactos entre as estruturas produtivas de informação referentes à actualização do poder político e às Redacções dos meios de Comunicação Social, entendia «ser positivo um estreitamento das relações com todos os órgãos da informação escrita e audiovisual, através de contactos pessoais com os responsáveis por esses órgãos». O empossado declarou também que contactara os correspondentes estrangeiros acreditados entre nós, «tendo em vista melhorar o seu acesso às fontes de informação».

«No campo ainda das iniciativas e com o intuito de dinamizar o sector (disse por fim), serão organizados para os funcio-

rios do Ministério cursos ou seminários de aperfeiçoamento e sensibilização (curta duração) nas áreas específicas da comunicação social.» O titular da pasta da Comunicação Social, major João Figueiredo diria, por sua vez, que «o «Estado, o Governo nomeadamente, tem de ser translucido, tem de ser transparente nas suas decisões, tem de fornecer uma informação que possibilite ao cidadão a escolha do melhor caminho» (...).

Lembrou também o apoio que deve merecer a imprensa regional. «É necessário (disse) fazer um levantamento urgente dos estudos existentes sobre imprensa regional. É necessário pensar nas hipóteses do estabelecimento nas capitais de distrito de Centros de Apoio Técnico à transmissão de material informativo — e é necessário também pensarmos no auxílio à imprensa no que respeita à revisão da questão do porte pago e do subsídio ao papel.»

CCTV da Imprensa

Efectua-se, no MT, a primeira reunião da nova Comissão Técnica encarregada de elaborar a contratação colectiva, de âmbito vertical, que vai abranger todos os trabalhadores da imprensa à

excepção dos jornalistas.

Foi precisamente a marcação desta sessão de trabalho que levou à desconvocação da greve marcada para ontem dos trabalhadores do sector.

Formado o Conselho Nacional de Telecomunicações

Por intermédio de um decreto assinado ainda pelo Governo Mota Pinto foi instituído o Conselho Nacional de Telecomunica-

ções, órgão consultivo do Governo na dependência directa do Primeiro-Ministro.

LISBOA, VERBO RIR



Os nossos direitos

Uma das mais importantes conquistas que nos trouxe o 25 de Abril foi a liberdade de expressão e de reunião. Nunca é de mais repetir. Sem querer instaurar mais uma definição para este bicho tão especial, direi que o «homem é o animal que reúne». Está provado que os homens que não reúnem se lixam com muito mais facilidade de que os outros, porque esta dita nas Sagradas Escrituras: o homem é um animal colectivo.

No pleno uso, portanto, das minhas prerrogativas naturais e constitucionais, eu e os meus amigos da freguesia quisemos fazer uma reunião. Para tanto nos dirigimos à Sociedade Recreativa Contiança e Alegria no Bairro. A sala da Sociedade era mesmo o que nos convinha.

— Pois é, mas não pode ser — explicou o Presidente, amabilíssimo. E mostrou-nos o Artigo Catorze, aprovado na Assembleia em 1976 e que reza: «Fica expressamente proibido ceder a sala, para sessões de carácter político.»

— Paciência — dissemos nós — Vamos bater a outra porta.

Fomos à Escola Primária e o director, alias amabilíssimo, informou-nos que nos devíamos munir de uma autorização especial do Ministério. Claro que não a tínhamos, mas iam providenciar.

— Não vale a pena. Tanto quanto sei, as autorizações estão suspensas...

Dirigimo-nos à Paróquia. Foram amabilíssimos. Prontificaram-se a alugarmos uma sala, na cave, uma salinha recatada no sector

das casas mortuárias. Por razões óbvias fomos obrigados a não aceitar, já viram os grandes títulos da imprensa adversa: «Os mortos reúnem em família!».

A Junta de Freguesia estava para obras. No grupo desportivo havia competição de pesos e halteres, primeiro, e pinguepongue, depois e a seguir não sei o quê, em resumo: em certos meios não simpatizam com a cedência das instalações para fins políticos, compreende, e nós precisamos tanto do subsídio. E claro que foram amabilíssimos.

Ja desesperavamos quando encontramos a maior receptividade e amabilidade por parte do director do Pavilhão local. Sim senhor, ora essa, quantas noites queriamos?

— Queríamos uma, na próxima sexta-feira.

Eu, o Chico Latoeiro, a Margarida dos Frangos, o sr. Lobato, que é da Conservatória, entregamos as mãos de contentes enquanto o senhor director preenchia um recibo ou coisa parecida.

— Quem fica responsável?

— perguntou.

— Podes ser tu — e a Margarida apontou para mim, que sou o intelectual da freguesia.

— Aqui está. São vinte contos.

— Vinte quê?!!!

Eram vinte contos.

— Vinte contos não vi eu nunca — dizia o Chico — nem a sonhar!

A tal reunião com os parquianos ficou sem efeito. Mas de pé continua bem firme o nosso direito de reunião. Isto de ter direitos é muito importante, estou farto de o dizer.

MÁRIO CASTRIM

ponto a ponto



O aparecimento de 600 sacas de batata, com o peso total de trinta toneladas, no Lumiar, perto dos estúdios da RTP, parece indiciar mais um caso de especulação. Brigadas da Fiscalização Económica estiveram ontem no local e selaram as sacas, que, ao que tudo indica, foram compradas na Malveira da Serra, e chegaram a ser pagas.



O Primeiro-Ministro Maria de Lurdes Pintasilgo recebeu esta tarde no Palácio de S. Bento o provedor da Justiça, dr. José Magalhães Godinho e o primeiro-ministro de Cabo Verde, comandante Pedro Fries, que se encontra de visita a Portugal.



Uma delegação da Assembleia da República parte na próxima segunda-feira para Sri Lanka (Colombo), onde representará Portugal numa reunião internacional sobre população e desenvolvimento. A delegação é composta por António Guterres (PS), Henrique Pereira de Morais (CDS), Cunha Leal (ASD) e Carlos Carvalhas (PCP).



Ângelo Correia, deputado do PSD e presidente da Comissão Parlamentar de Defesa, segue amanhã para Bruxelas, acompanhado por José Luis Nunes (PS), para participar na capital belga, na reunião da Comissão Militar da Assembleia do Atlântico Norte, organismo da NATO.



Assuntos respeitantes ao desenvolvimento local preenchem a agenda do presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, que ontem iniciou uma viagem de cinco dias às ilhas das Flores, Pico, S. Jorge e Corvo. O líder regional do PSD é acompanhado pelos secretários regionais das Finanças, do Comércio e Indústria e da Educação e Cultura.



Como já anunciamos, foram ontem empossados mais quatro secretários de Estado do V Governo Constitucional. Melo Biscoia, na População e Emprego, Mario Neves (na foto), na Emigração, António Correia de Campos, na Saúde e Cândido Ferreira na Habitação são os novos membros do Governo, empossados por Ramalho Eanes em Belém. Falta apenas encontrar o novo secretário de Estado das Finanças para que se complete o elenco do Executivo Lurdes Pintasilgo.

A CRÓNICA AGRÍCOLA

1 - Energia e Agricultura.

O que importa, não é o aspecto terrífico, abissal, do fim do mundo, pelo desaparecimento cerce, radical, do petróleo.

Mais do que isso, mais que o dilúvio, é a indicação contínua do aumento dos preços, que afecta, no quotidiano, a vida das pessoas.

Daí que, nas realidades presentes, e, nesta actividade agrícola, um esforço de imaginação e actuação tem de ser feito, no sentido de poupança, no sentido de evitar a continuidade da produção baseada só, no esquema energético petrolífero. O balanço energético, a entrada e saída de energia no planeamento da exploração agrícola tem de estar sempre presente.

Quem percorre este país, ou quem se debruça sobre a nossa precária informação estatística, não pode deixar de constatar, quanto é diminuta a área de cereal de inverno semeada, a partir do centro para o norte. As cevadas, as aveias, os trigos, quase desapareceram. Aqui e ali, aonde adrega, uma belga de lavrador velhote, agarrado à tradição de poucos alqueires de trigo para regulifas do Natal.

Coimbra, Aveiro, Porto, Braga e Viana, são, hoje, distritos desertos de sementeiras de cereais de inverno. Certamente, ainda, alguma areia, que foi avançando, na época de sementeira, para Fevereiro e Março e até Abril.

E, todavia, searas civilizadas de trigo houve-as há quatro dezenas de anos nos barros de Soure e Alfaielos, nas quasi areias de Oia e Costa do Valado, nas cercanias de Aveiro, nas terras da Maia e Vilar do Conde, nas terras altas de Paredes de Coura, onde a variedade local de trigo «Magueija» dava, provavelmente, o melhor pão do mundo. Ainda, lá em cima, no Minho fronteiriço, na ilha jóia da Boega, em pleno rio, frente a Cerreira crescia com viço a seara trigueira.

Então porquê este transtorno, esta mudança? O leva, sem dúvida, do antigo regime, quando passada a campanha da «Campanha de Trigo» dos anos trinta, é abandonada a ideia, de que o **trigo da nossa terra, é a fronteira que melhor nos defende.**

De uma política de apoio, violenta, tecnicamente devastadora, que para além do propósito político objectivo, de poupar importações, encheu os bolsos dos agrários latifundiários, com a brutal exploração dos rendeiros do Sul, pela aproximação de maior renda, passou-se no desinteresse, à marginalização da produção interna. O «Fundo de Abastecimento» cobria as importações de trigo barato, pelo arrecadamento dos diferenciais do petróleo, correspondendo ao crescimento do poder económico e político da burguesia industrial e financeira, em detrimento da burguesia agrária.

A emigração, e o crescimento industrial no espaço geográfico dos distritos atrás referidos, desaparecida toda a política de incentivo agrícola, foi, por sua vez, atirando fora as culturas cerealíferas de muito escasso rendimento monetário.

A diminuição da mão-de-obra obrigara ao emprego da pequena máquina de ceifar e, esta, para funcionar, impunha a sementeira à rasa, fazendo desaparecer a técnica correcta da armação da terra, em margiado, camalhão ou espigado, o que vitima a seara, por encharcamento, por falta de escoamento das águas.

Este rosário de factores negativos levou quase ao desaparecimento das culturas cerealíferas de inverno nos distritos atrás mencionados, distritos onde, aliás, se encontram as mesmas condições climatéricas para a produção dos cereais de inverno.

No nosso país, as produções

ALEXANDRE RAMOS

de cereais de Inverno, quando bem conduzida, são aquelas que proporcionam a abstenção de calorías a preços mais baixos. E, porque aproveitam as condições naturais, produzindo sem necessidade de rega, são económicas de energia.

E, hoje, é inteiramente possível, fazer em termos de grão por ha, produção idêntica à da cultura do milho de regadio, de forte dispêndio energético. O trigo, o centeio a cevada, a aveia, o milho, equivalem-se em unidades forrageiras, e mais do que este último, todos os outros são mais ricos em proteínas.

Em muitas terras hoje dedicadas ao milho, de produção baixa ou baixíssima, por falta de abastecimento de água obtêm-se magníficas produções dos cereais de Inverno.

Mas o aproveitamento potencial desses terrenos exige, em muitos casos, trabalhos de drenagem. E, esta, por mais barata que a obra de regadio, terá forçosamente prioridade.

Técnicos e governantes deste país, têm de convencer-se de que a grande revolução da agricultura europeia, de que a inglesa no século XVIII, e a nossa, do Noroeste, a do milho foram

produto a produto, da nossa situação, quanto às consequências da entrada na CEE, não é boa, não é má. É péssima.

Aos analistas mais optimistas, quando chegam ao capítulo cereais, seca-se-lhes a boca.

O grande volume das nossas importações em artigos alimentares é de cereais — milho, trigo, sorgo, cevada, aveia. Vai, nos doze ou treze milhões de contos.

Actualmente compramos o grosso desses artigos aos USA, à Argentina, e, mais aqui e acolá, fora da CEE.

Ora, sendo parceiros na CEE, e, havendo nesta, excedentes de exportação, temos, por força da nossa parceria, de adquiri-los em França, ou na Alemanha.

Mas, aqui, o preço dos cereais, é vinte a trinta por cento mais caro.

Se quisermos comprar aos USA, mais baratos, temos de entregar ao FEOGA (Fundo Europeu Orientação e Garantia Agrícola), o diferencial, que vai do preço do trigo americano para o francês.

Ao nosso volume e aos preços actuais corremos o risco de, para a nossa actual importação, pagarmos mais três a quatro mi-



sobretudo a revolução da drenagem. As ideias aqui expressas não significam que se abandone a cultura do milho, nem a obra de regadio.

Temos de avançar barato e, economizando, energia. Com os cereais de Inverno obtemos calorías, ou unidades forrageiras 20 a 30%, mais baratas que com as culturas de Primavera.

Tem de intensificar-se a cultura dos cereais de Inverno. E, é, no centro litoral Norte, que se encontram as melhores condições naturais para a sua produção.

Uma política correcta, com fortes incentivos e prémios para sementeiras nesta área, sem desprezo, nem marginalização de outras regiões seria conveniente.

Funciona actualmente na Inglaterra, e, estende-se já à França, o clube dos 100 quintais — 10.000 kg.

O que é isto? É um clube profissional, em que os seus sócios pretendem atingir a produção de 10.000 quilos de trigo por ha. O ano passado, e, em 79 alargou-se, mais de uma centena de agricultores atingiu e ultrapassou aquele objectivo. E, nós temos condições para isto, no Minho e, na Beira Litoral.

2 - O Mercado Comum, nós, e a importação de cereais.

A perspectiva, no sector agrícola, de um modo geral, e, ou,

lhões de contos. Ai, esta.

3 - Feiras e Festas

A das frutas, nas Caldas. Uma feira certa no sítio certo. O Ribatejo/Oeste teve neste capítulo forte expansão. Resta saber, se a péra rocha, vai resistir à Passe Crassanne, ou às espánholas temporais, baratas e de bom sabor. Quanto às maçãs, ou se arranja bichinho que coma a «aranha vermelha», ou se gasta-rão dia-a-dia maiores fortunas com os pesticidas.

A feira do ano passado não estava boa. Fraquita. Foi o primeiro ano. Pensa-se que este ano será melhor.

De qualquer modo, é uma homenagem póstuma ao grande Vieira Natividade, o apaixonado da árvore, o profissional, o agrônomo distinto e que melhor soube escrever português.

FESTA DA CERVEJA NA MEALHADA

Ou é da minha vista ou anda por aqui caveira de burro.

Na Mealhada, no coração da Bairrada, onde se criam, naqueles barros calcários, os melhores vinhos tintos velhos deste País, fazer uma festa da cerveja, não lembra nem ao senhor Phalos.

Claro que, Marcio e Lili, os simpáticos actores do «Astro», não têm nisto qualquer responsabilidade. São profissionais do espectáculo.

Venderam os seus serviços. Todavia, tudo isto é tão estranho, tão chocantemente estranho como a importação do vinho, que na caveira de burro, que por aí anda poderão estar implantados dentes de multinacionais.

Longe os tempos, em que o Alexandre de Almeida, fazia, nos jardins do Palace da Cunha, a festa das vindimas, onde, à noite, o Menano cantava o fado combrão que botava lágrimas à D. Zita.

Marcio, por favor, ora por nós a São Francisco.

Ali, no vale do calor do inferno, onde, no pino do Verão, se assam sardinhas nos carris, construiu o homem uma das mais espantosas obras de engenharia agrícola de todos os tempos e de todos os lugares.

Falar em ordenamento Agrícola é conceber a cultura própria no lugar certo. E ligar a terra, a planta, a energia solar, o Homem num total entrosamento económico.

O Douro, é, assim, o exemplo magnífico do ordenamento rural. Que mais dará o Douro seco, além da vinha? A oliveira, a amêndoa, a figueira.

A vinha é, a mais nobre, a mais saudosa, ao, se assam sardinhas nos carris, construiu o homem uma das mais espantosas obras de engenharia agrícola de todos os tempos e de todos os lugares.

Falar em ordenamento Agrícola é conceber a cultura própria no lugar certo. E ligar a terra, Guerra Junqueiro.

Agora, o rio potente está manso. Já não se lhe vêem as fragas do leito, onde tantos «rebelos» estoiraram os costados.

A história do Douro, do vinho do Porto, está por fazer, à altura da sua grandeza, da sua dimensão.

Debaixo de cada surribo estão enterradas gerações de músculos de trabalhadores rurais, e, pelas vertentes íngremes, ao longo de uma história de mais de quatrocentos anos, foram carregados sobre ombros de fome cestos de uvas, cujo peso será superior ao da terra.

E, à noite, nos cardanhos, ainda tinham forças e, ainda têm, depois de comido o rabo da sardinha, e o caldo das berças, de cantar e bailar.

Na Foz, no Arenho, davam à costa cadáveres de barqueiros que a torrente do rio implacável escaquerava.

Destes mortos ninguém fala: ficou na história, a morte de D. Antónia Ferreirinha e do Barão de Forrester engulidos no cachão da Valeira.

A história do vinho neste País, começa e acaba no vinho do Porto — no Douro.

A-mais-valia que desceu o rio, direita a Londres, a Porthsmouth, ao Havre, e que continua a descer, é a história da penetração perfeita do capitalismo na agricultura, um dos exemplos mais antigos e profundos da exploração do homem pelo homem.

Hoje, a Casa do Douro tem um colossais património de vinhos, de mais de 6 milhares de contos.

Os viticultores durienses pretendem fazer um Entrepósito, na sua região, e terem acesso directo à exportação.

Muito desse património, se não todo, veio de pequenos agricultores, daqueles que, sem recursos, têm de entregar o vinho novo, sem possibilidade de ir buscar mais valor, com a justificação da idade.

Se a Feira do Vinho na Régua, é esforço, para conseguir aquele objectivo, força, amigos. Assim, valerá a pena continuar a regar as videiras com o suor de todo o corpo.

Meu país do Douro, meu vinho, minha lágrima dourada de suor, inteligência e sumo de uva.

PODER LOCAL

Valbom: alargar o processo democrático

Em comunicado dirigido ao povo de Valbom (Gondomar), a Coordenadora da Aliança Povo Unido afirma que «um dos grandes objectivos da APU para as próximas eleições às autarquias (em Dezembro) é que, no próximo executivo da junta, estejam presentes homens da APU, pois só assim conseguiremos dar combate à estagnação, ao atraso, à incapacidade que nos querem obrigar a viver».

O comunicado sublinha, depois, que o balanço da actividade do actual executivo daquela autarquia tem sido francamente negativo pois pouco mais além passou de promessas vãs e de planos ambiciosos e irrealistas. No entanto, foi marcadamente notório o desinteresse pelo estudo e aprofundamento dos problemas e realidades locais, tantas vezes na AF sublinhados pelas organizações populares, nomeadamente as comissões de trabalhadores.

A coordenadora salienta noutro passo que o seu grande objectivo é «alcançar nas próximas eleições votos suficientes que permitam que no executivo da junta estejam presentes homens da APU» e visa também conduzir «o PS a uma acção comum», de forma a derrotar os «planos da reacção e dos seus caciques» com a finalidade de alargar a vida democrática da freguesia.



Os comboios de Sintra superlotados, não aguardam pela chegada da água às sete da manhã

... Ao menos um horário decente nos cortes de água a Sintra!

Há mais de um mês (a «história» que vamos contar começou nos últimos dias da primeira quinzena de Julho) sucede que em Sintra a água desaparece das torneiras às 21 horas (mais ou menos) para aparecer (pontualmente) às 7 da manhã do dia seguinte.

Contactos havidos com a EPUL (Empresa Pública de Aguas de Lisboa) têm proporcionado a informação que tal se deve às obras da estação eleva-

tória de Carenque, nas proximidades de Queluz, e a certas negligências por parte dos Serviços Municipalizados de Sintra. Estes Serviços, por sua vez contactados, afirmam que não lhes cabe qualquer responsabilidade no assunto, e que todas as queixas devem ser endereçadas à EPUL.

Estão os habitantes de Sintra (e certas zonas da linha) perante um pingue-pongue enervante, contínuo — e, mais do que isso, sofrendo as consequências de

medidas que os afectam profundamente no termo e no começo dos seus afazeres quotidianos.

Atentemos nestas palavras de um leitor, devidamente identificado, residente na Rua António Cunha, Portela, Sintra:

«Lavar a louça do jantar, só com água previamente armazenada. (...) O pior, no entanto, é de manhã. Como eu, milhares de outras pessoas residentes na linha, vêm-se sem uma pinga de água para se lavarem, uma vez que as torneiras só deitam a partir das 7 horas, e todos nós temos de levantar e sair muito antes dessa hora. (...) Claro que se pode utilizar a água armazenada na véspera, mas isso, além de ser insuficiente, exige o gasto de gás do fogão, com todas as demoras que só o esquentador pode evitar...»

Efectivamente, seja de quem for a culpa, ou da EPUL ou dos Serviços Municipalizados de Sintra, uma coisa é certa: dez horas sem água (das 21 às 7 horas) é demasiado.

Disso se dá conta uma leitora, com dois filhos para a creche, quando em carta a nós endereçada apresenta a seguinte sugestão:

«Dado que se trata de um corte sistemático, não seria possível fazer outras contas, e a água voltar às torneiras às 6 horas da manhã?...»

A verdade é precisamente essa. E quer a EPUL, quer os Serviços Municipalizados de Sintra, e outras zonas da linha, verdadeiros dormitórios de pessoas (aos milhares) que exercem as suas profissões em Lisboa, e localidades limítrofes, o sair da cama cedo (muito antes das 7 horas) impõe-se como o pão para a boca. Não é com a água a chegar à hora acima indicada que se pode entusiasmar todos quantos tentam alcançar Lisboa (e outras zonas) dentro do horário de trabalho.

Impõe-se, por conseguinte, uma atitude de compreensão por parte de quem superintende na distribuição de água ao domicílio. Se os cortes são indispensáveis (pelo menos de momento), que se atente, no entanto, no momento mais propício ao aparecimento da água nas torneiras da linha de Sintra (bem como, também, em certas localidades da linha de Cascais). Mais: nem todo o grosso da população se encontra de férias. Milhares e milhares de pessoas já regressaram ao trabalho — e todas essas pessoas exigem que a água se apresente em suas casas no momento em que o despertador, matutino e repentino, acaba com o sono para mais um dia de labor...»

CRÓNICA À MARGEM

As praias e os porcos

Se eu não fosse português e tivesse de Portugal, turisticamente, a perspectiva estival dos seus areais atlânticos, clamaria sem hesitar:

Mas que cambada de porcos! (Enfim, era uma forma de manifestar o meu repúdio pelo espectáculo indigno que a maioria das praias portuguesas oferece a quem as frequenta, e dava por encerrado o assunto).

Dada, no entanto, a minha condição de indígena deste «jardim (mau profeta, o Poeta...) à beira-mar plantado», outro remédio não terei que o de usar mais sofisticada linguagem se quiser levar o recado a bom termo...

Poderia chamar, então, falta de civismo, ao (péssimo) costume que os banhistas têm de abandonar nas praias toda a sorte de detritos: de envólucros de gelados e de batatas fritas a papéis (antes) higiénicos, de embalagens de plástico a cascas de melão, de latas de conservas (vazias) às porcas e críveis e incriveis. Mas penso que falta de civismo é rótulo demasiado doce e para além do mais quase gasto de tanto uso.

Então, que dizer dos cidadãos que, sem respeito pela saúde dos outros e pela sua própria, conspurcam as lusas plagas?

Então, que chamar às pessoas que se estão nas tintas para os códigos, para as posturas, para as regras... e para os apelos insistentes

que em forma de dísticos grande parte das praias ostenta?

Então, que medidas tomar para que os prevaricadores aprendam finalmente a usar os recipientes adequados em vez de jogarem na areia, por vezes junto desses mesmos recipientes, o lixo que repugna e polui?

Pegando num exemplo que conheço tão bem como as minhas mãos — o das praias da Caparica — confesso desde já uma grande dificuldade em encontrar as respostas mais precisas.

Certo é que a Câmara Municipal de Almada tem feito das tripas coração: na sequência de uma campanha que encetou na época passada, colocou este ano, em profusão, recipientes para o lixo e cartazes bem visíveis, apelando para o civismo e para o asseio dos larguíssimos milhares de frequentadores dos extensos areais da Costa de Caparica.

Resultados práticos? — Escassíssimos. As praias metem nojo! E sendo assim, como se pode constatar, limito-me a duas sugestões:

Exigir, recorrendo ainda ao Poeta, que «outros valores mais altos se alevantem» em defesa das praias da nossa terra... ou chamar, como eu quis fazer ao princípio mas quase me faltou a coragem:

— Mas que cambada de porcos!

Rodrigues Borges

Urbanização de Aljustrel face à população

Depois de terem sido aprovados pela edilidade local, encontram-se patentes à apreciação pública, os planos de urbanização e de expansão Norte da vila baixo-alentejana de Aljustrel.

Os trabalhos, que vão estar postos à apreciação dos munícipes aljustrelenses durante trinta dias, serão, posteriormente, re-

metidos à apreciação da assembleia municipal e da Direcção-Geral do Planeamento e Urbanismo (DGPU).

Segundo os realizadores dos planos, a vila de Aljustrel fica dotada a partir de agora de instrumentos de trabalho que permitirão o seu desenvolvimento correcto e disciplinado, durante os próximos anos.

Aljustrel: vereador PS pede demissão

O vereador socialista da Câmara Municipal de Aljustrel, António José Largunho Ramires, pediu a demissão do seu mandato, alegando motivos de ordem pessoal — apurou a ANOP junto deste órgão autárquico.

Entretanto, segundo uma funcionária da edilidade, a demissão de António Largunho Ramires (que neste momento se encontra ausente daquela) originou que o executivo camarário de Al-

justrel passe a funcionar com menos um membro até final do mandato, em virtude de nenhum dos elementos da lista do PS estar interessado em substituir o vereador demissionário.

Após a demissão de António Ramires, a Câmara de Aljustrel, que é presidida por António Alexandre Raposo, é composta por um elemento socialista (presidente) e dois vereadores da Aliança Povo Unido.

Porto das Flores só em 1984

A construção do porto das Flores deverá iniciar-se no Verão do próximo ano.

Com uma população de cerca de 6000 habitantes, as Flores terão o porto construído em 1984.

Apesar da polémica surgida sobre a localização do porto, entre o secretário regional dos Transportes e Turismo e o secre-

tário regional adjunto da Presidência, a infra-estrutura ficará localizada nos arredores da vila de Santa Cruz, como inicialmente estava previsto.

A localização do porto em tal local, contestado pelo secretário adjunto por «razões económicas», baseia-se num estudo efectuado por uma empresa continental.

IV FEIRA AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL

DE 25 DE AGOSTO A 2 DE SETEMBRO

- FEIRA DO LIVRO E ARTESANATO
- EXPOSIÇÕES
Fotografia
Filatelia
Coches antigos
- VARIEDADES
- FOLCLORE
- GRANDE NOITE DO FADO DE COIMBRA E DE LISBOA
- FESTIVAL DE MÚSICA POP
- GRANDE CONCURSO HÍPICO
- MOTOCROSS

IV Feira Agro-Pecuária e Industrial 1979



MAFRA

25 de Agosto a 2 de Setembro

ORGANIZAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA

VISITE MAFRA

GRANDE DESFILE DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
CONCURSO DE GADO

Actividade do Governo

O ministro das Finanças, Sousa Franco, criou, com carácter experimental, o Conselho dos Directores-Gerais do Ministério das Finanças, que terá como primeira tarefa a preparação da nova lei orgânica do Ministério. O Conselho, presidido pelo ministro, reunirá, ao menos, uma vez por mês, competindo-lhe, entre outros, pronunciar-se sobre os programas anuais dos Serviços Centrais do Ministério, promover a harmonia permanente das actividades dos mesmos serviços e ser consultado sobre a reestruturação do Ministério e coordenar a sua implementação.

EXTRADIÇÃO

O ministro da Justiça, Pedro Macedo, delegou no Procurador-Geral da República, conselheiro Arala Chave a sua competência em matéria de extradição. A delegação inclui a formulação à competente autoridade estrangeira do pedido de extradição.

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

João Manuel Gaspar Caraça foi nomeado em regime de substituição presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. Gaspar Caraça sucede a José Mendes Mourão que exerce presentemente as funções de secretário de Estado da Ciência.

Novos embaixadores

O «Diário da República» de hoje publica as nomeações dos novos embaixadores de Portugal em Viena e em Bucareste. Para a capital austríaca foi nomeado António Novais Machado, que exercia idênticas funções em Bucareste. Para esta capital transita Sérgio Sacadura Cabral, que era o representante diplomático português em Viena. Ambos os embaixadores, que agora trocam de posto, são ministros plenipotenciários de primeira classe.

Delegação parlamentar vai ao Sri Lanka

Uma delegação do Parlamento português estará presente nos trabalhos da Conferência Internacional de Parlamentares sobre População e Desenvolvimento que se realiza nos próximos dias 28, 29 e 30 em Colombo, no Sri Lanka.

A delegação, que se integra na representação da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, é constituída por António Guterres (PS), Pereira de Moraes (CDS), Cunha Leal (ASDI) e Carlos Carvalhas (PCP).

Costa Martins e Pereira Pinto saneados da Força Aérea

Os maiores Costa Martins e Pereira Pinto foram saneados da Força Aérea, por decisão do subchefe do Estado-Maior daquele ramo, general Ferreira de Almeida, tomada em 16 de Julho deste ano.

Aqueles dois oficiais, que foram membros do Conselho de Estado e do Conselho da Revolução depois do 25 de Abril, são mais duas vítimas da tina saneadora que atingiu a hierarquia militar logo que se soube da aprovação pela Assembleia da República da Lei da Amnistia. Costa Martins e Pereira Pinto foram «licenciados» da Força Aérea, o que significa que passaram à situação de oficiais militares na situação de disponibilidade, como qualquer cidadão que tenha cumprido o serviço militar obrigatório. Esta medida adoptada pelo EMFA nem sequer permite àqueles militares obter uma pensão de reserva ou de reforma, ao contrário do que sempre aconteceu com os militares saneados depois do 25 de Abril, que eram simplesmente passados à «reserva compulsiva», mantendo os direitos adquiridos.

Esta decisão do EMFA será evidentemente anulada logo que o Presidente Ramalho Eanes promulgar a Lei da Amnistia, o que terá de fazer obrigatoriamente, já que a Assembleia da República recusou o veto político imposto por Eanes ao diploma.

Costa Martins, de 41 anos, foi o oficial encarregado pelo MFA de ocupar o aeroporto da Portela no dia 25 de Abril, tarefa que realizou sozinho. Mais tarde, foi nomeado por Spínola para representante do MFA no Conselho de Estado, donde transitou para o Conselho da Revolução. Exerceu as funções de ministro do Trabalho nos II, III, IV e V Governos Provisórios, sendo depois afastado do CR quando do pronunciamento de Tancos. A seguir aos acontecimentos do 25 de Novembro, onde desempenhou um papel que nunca foi clarificado, Costa Martins ausentou-se para Angola, donde regressou depois de ser considerado implicado no golpe «nista» de 27 de Maio de 1977.

O major engenheiro de aeródromos Pereira Pinto de aeródromos, fez também parte do Conselho de Estado e do Conselho da Revolução, sendo afastado tal como Costa Martins, na Assembleia do MFA de Tancos.

Esteve depois colocado no SDCL, abandonando o país a seguir ao 25 de Novembro.

Ambos regressaram entretanto a Portugal e ambos serão abrangidos pela Lei da Amnistia. Segundo um informador do EMFA, os dois oficiais foram saneados ao abrigo de disposições do Dec. Leim.º 179/78, do Conselho da Revolução.

Entretanto, confirma-se que o capitão Sobral Costa, um dos militares que em 25 de Abril ocupou as instalações do Rádio Clube Português, foi passado à «reforma compulsiva» uma das mais violentas penas aplicadas a militares. Segundo o semanário «O Jornal», tal pena foi aplicada por decisão do Conselho Superior de Disciplina da Força Aérea. O capitão Sobral Costa foi um dos subscritores do «Documento do COPCON», no Verão de 1975.

ASSEMBLEIA DA REPUBLICA REUNE NA PRÓXIMA SEMANA

Governo deseja 17 autorizações legislativas

Inicia-se na próxima segunda-feira a sessão extraordinária da Assembleia da República para apreciar os dezasseis pedidos de autorização legislativa do V Governo. Na segunda-feira 27, a conferência dos grupos parlamentares reúne para marcar a ordem dos trabalhos. O plenário deverá trabalhar na terça, quinta e sexta-feira. A próxima quarta-feira deverá ser reservada para o trabalho de comissões.

A Assembleia da República só poderá ser dissolvida após o Governo ter feito publicar no «Diário da República» as autorizações legislativas, após promulgação pelo Presidente da República e consoante a aprovação previamente concedida pelo Parlamento. Pensa-se assim que a dissolução possa ocorrer ainda em meados da primeira semana de Setembro.

O Governo pedirá inicialmente quinze autorizações legislativas, tendo, entretanto, apresentado na Assembleia da República mais dois pedidos de autorização relativos à possibilidade de fazer repercutir pelos vários intervenientes no circuito de produção e comercialização dos medicamentos o imposto de selo e à incidência e regime de cobrança das receitas dos organismos de coordenação económica.

Em carta entregue na AR no passado sábado o V Governo pretendia que o plenário apreciasse, entre outras, as seguintes propostas de lei: emissão de um empréstimo para a cobertura do défice do Orçamento Geral do Estado, a colocar nas instituições financeiras e no Banco de Portugal, a emissão de um empréstimo interno, igualmente para a cobertura do défice do OGE, denominado «Obrigações do Tesouro FIP 79» e a autorização para o Governo alterar a Lei do Orçamento para 1979. Para além destas propostas de lei, o Governo deseja ainda autorizações para vários empréstimos externos e para promulgar a legislação no domínio do turismo e justiça, para além de al-

terar o regime fiscal, nomeadamente no que diz respeito aos impostos profissional e de transacção.

Segundo alguns deputados, não é transparente que o Governo possa ver satisfeitos

todos os seus pedidos de autorização legislativa já que sobre algumas das propostas de lei existem dúvidas acerca da sua exequibilidade constitucional.

Se a Assembleia da República for dissolvida em meados

da primeira semana de Setembro, as eleições poderão realizar-se a partir de domingo 25 de Novembro. Os dois fins-de-semana seguintes incluem os feriados de 1 e 8 de Dezembro que caem este ano em sábados. Assim, não é de atestar a hipótese de as eleições, tendo em conta os atrasos normais em que a política é fértil, se realizarem a meio do mês de Dezembro.



A reunião da Comissão Permanente, ontem, em S. Bento



Câmara Municipal do Seixal

EDITAL

EUFRAZIO FILIPE GARCEZ JOSE, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONSELHO DO SEIXAL:

FAZ SABER, de harmonia com a deliberação tomada em reunião de Câmara de 10 de Agosto de 1979, e nos termos do Decreto Regulamentar 50/77 de 11 de Agosto, que se encontra aberto concurso para atribuição de 106 fogos, sendo 42 do tipo T² e 64 do tipo T³, sitos na Quinta da Princesa — Cruz de Pau, freguesia de Amora, deste concelho.

O período de inscrição é de 27 de Agosto a 14 de Setembro sendo a sua validade de um ano, e as condições necessárias para a inscrição as seguintes, de acordo com o citado Decreto Regulamentar:

- Ser cidadão nacional, maior e ter idade inferior a 45 anos.
- Residir ou trabalhar no concelho do Seixal.
- Ter um rendimento mensal por pessoa do agregado familiar que não ultrapasse os limites seguintes:

N.º de pessoas no agregado	Rendimentos máximos
1	14.250\$00
2	8.550\$00
3	7.125\$00
4	5.700\$00
5	5.130\$00
6	4.560\$00
7	4.275\$00
8	3.990\$00
9 ou mais	3.705\$00

Os fogos serão atribuídos em regime de propriedade resolúvel mediante concurso por classificação. Os Serviços Municipais de Habitação prestarão todos os esclarecimentos sobre os valores de rendas, tipos de prestações e condições de ocupação dos fogos.

Estes fogos correspondem à primeira fase do conjunto de 208 fogos, provenientes de Contratos de Desenvolvimento para Habitação, a distribuir no regime de propriedade resolúvel, por expressa diligência da Câmara Municipal do Seixal.

O limite de idade e uma imposição do aparelho central.

Para constar se lavrou o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos locais de costume.

Eu, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

Seixal, 17 de Agosto de 1979

O Presidente da Câmara Municipal
Eufrazio Filipe Garcez Jose

aspiradores
Siemens

2 anos de
garantia

PS reestrutura o seu secretariado

Com o sentido no que se diz ser «um mais eficaz funcionamento em diversas áreas de intervenção», o Secretariado do PS foi recentemente reestruturado. Responsável pela concretização de grande parte da tática e da estratégia dos socialistas no plano nacional e internacional, o Secretariado é um dos mais importantes órgãos de cúpula do partido.

A actual estrutura distribui os membros do Secretariado por diversas «áreas» ou zonas de acção. Salgado Zenha, considerado o segundo nome do PS depois de Mário Soares, fica como principal responsável na área de política interna, com Jorge Sampaio, Jaime Gama, António Guterres, Manuel Alegre e Herculano Pires. Gama e Guterres são também do pelouro de «organização interna», onde se encontram outros nomes como Alberto Arons de Carvalho, Gomes Fernandes e António Reis (responsável, este pelo sector de formação e informação). Reis está ainda na área da intervenção social, onde o nome mais responsável parece ser Maldonado Gonelha e onde estão outros nomes como Gomes Fernandes e Tito de Moraes.

Nomes ligados ao sector da administração: Sousa Gomes, Rui Mateus e Herculano Pires. Rui Mateus está à frente das responsabilidades práticas no tocante a relações internacionais, onde se encontram também nomes da área responsável pela política interna: Manuel Alegre e Jorge Sampaio.

Jorge Sampaio encontra-se à frente das relações do PS com o Parlamento Europeu, o Conselho Económico da Europa e a CEE. Rui Mateus é directamente responsável pelas ligações com a Internacional Socialista.

Outro nome da área de organização, António Guterres, chefiava a Direcção do Gabinete de Estudos, direcção onde estão nomes como Victor Constâncio, João Cravinho, Trigo de Abreu, João Gomes, Miller Guerra, Ferreira Lima, Herlander Estrela, José Niza, Joaquim Mestre e João Lima.

GNR aumenta efectivos

Os efectivos da GNR vão ser aumentados em 12 maiores, 35 capitães, 3 sargentos-mores, 10 sargentos-chefes, 20 sargentos ajudantes, 90 primeiros e segundos-sargentos, 250 cabos, 2600 soldados.

O decreto-lei do MAI ainda do Governo Mota Pinto que toma esta decisão considera que as necessidades se cifram em 95 efectivos de aberturas de quartéis e num reforço de efectivos de 3021 mil tares.

SEGUNDO FREITAS DO AMARAL

"Mesmo ganhando as eleições Aliança só será Governo se tiver a maioria absoluta"

Para o CDS, e segundo Freitas do Amaral (em entrevista publicada na edição de hoje do semanário «O País», a chamada «Aliança Democrática» só deverá governar se obtiver a maioria absoluta nas eleições intercalares.

O líder centrista aludia à afirmação de Mário Soares no plenário de S. Bento, segundo a qual «quem ganhar as eleições deve governar», e aos perigos de continuação da instabilidade governativa se não sair uma maioria estável das próximas eleições.

«Diferentemente do conteúdo implícito nas palavras do dr. Mário Soares — frisou o presi-

dente do CDS — entendo que a Aliança não deveria aceitar fazer um Governo minoritário. E isto por uma razão: enquanto que o PS, no tempo do I Governo Constitucional, era minoritário mas podia livremente escolher qual o parceiro que, para cada lei, para cada votação, ia adoptar no Parlamento, e assim podia ir orientando as coisas de acordo com as suas conveniências, a

Aliança, se estiver em minoria, não poderá nunca, no Parlamento, votar, a não ser com o Partido Socialista, uma vez que, por definição, não votara leis com o PCP e uma vez que, como é de esperar, não haveria nenhum partido à sua direita e se o houver não será certamente um partido com o qual possa fazer acordos».

«Por conseguinte, nas referidas circunstâncias, um Governo da Aliança estaria inevitavelmente nas mãos do Partido Socialista» — concluiu Freitas do Amaral.

SOARES AO "MONDE":

Nicarágua não corre risco de "cubanização"

«A cubanização da Nicarágua bloquearia a evolução do processo democrático em toda a América Latina» — afirma o secretário-geral do PS, Mário Soares, numa entrevista publicada ontem no jornal francês «Le Monde», e reportando-se à recente visita a Managua dum missão da Internacional Socialista, que chefiou. Soares, no entanto, não admite muito a eventualidade da «cubanização», processo que em sua opinião, não interessaria a ninguém, começando pelos próprios cubanos.

Segundo Soares, os Estados Unidos compreenderam, finalmente, que a defesa de regimes ditatoriais é contrária aos seus interesses. E, mais, idêntico desejo de moderação animaria a URSS, a quem — diz — «a experiência cubana custa os olhos da cara», e que — palavras de Soares ainda — «não querera encontrar-se com a criança nos braços».

«O que se passa na Nicarágua tem para nós o valor de um ensaio» — diz ainda o líder socialista português, acrescentando: — «As alterações políticas que Portugal e Espanha conheceram provam que uma ditadura pode ser derribada por meios pacíficos. Na Nicarágua, trata-se sobretudo de demonstrar que uma revolução armada pode desembocar numa democracia pluralista. Apesar da nossa hostilidade a formas de luta baseadas no terrorismo e na violência, sempre considerámos que a situação na Nicarágua não tinha outra alternativa».

MENSAGEM A CEAUSESCU

Por ocasião da passagem do 35.º aniversário da libertação da Roménia da dominação fascista — que ontem se celebrou na Roménia e em todas as missões diplomáticas da Roménia no Mundo —, o secretário-geral do

PS português enviou ao presidente Ceausescu uma mensagem de felicitações.

Soares manifesta ainda o desejo de que o alargamento das relações entre o PS português e o PC romeno possa contribuir para «novas relações entre os povos, numa perspectiva de desanuviamento e de paz».

A OPÇÃO "LOCKHEED" DA TAP

Governo quer mais informações

O ministro da Coordenação Económica, Correia Gago, e responsáveis de outros departamentos ligados à economia e à defesa, integrarão a Comissão Interministerial que vai dar parecer sobre a proposta de remodelação da frota da TAP.

Uma fonte fidedigna ligada ao Ministério dos Transportes, sector que propôs a constituição deste grupo de estudo, afirmou que, até ao momento, todas as dúvidas são válidas quanto a uma eventual encomenda da TAP à construtora norte-americana «Lockheed».

Ainda não estava esclarecido, acrescentou, «onde ira a transportadora nacional buscar o dinheiro respeitante a 10 por cento do total da transacção» (34 milhões e 300 mil contos) que terá de apresentar, nos termos do estudo de escolha de aparelho entregue ao Ministério pela TAP.

O Conselho de Gerência da companhia reuniu no passado dia 10 com o titular da pasta dos Transportes, Monteiro da Silva, que presidiu à administração da

companhia entre Outubro de 1977 e Julho do corrente ano.

Nesse encontro, foi pedido ao Conselho de Gerência da TAP um segundo relatório justificativo da proposta de compra a favor da «Lockheed», ainda por apresentar.

Fontes da administração indicaram que o estudo de opções apresentadas ao Ministério dos Transportes e Comunicações terá de algum modo surpreendido o seu responsável, apesar das suas recentes funções na empresa.

Outra questão que o Ministério querera ver garantida refere-se às contrapartidas que a companhia construtora dará ao Governo, dos pontos tidos como decisivos para a opção que o grupo interministerial terá que preparar dentro de 60 dias.

A «Lockheed», de acordo com as informações publicadas após conclusão do estudo feito pela TAP, estaria interessada na instalação de oficinas de reparação de aviões em Alverca.

Eanes no Comité de Honra do Forum/79

Ramalho Eanes vai fazer parte do Comité de Honra do Forum/79, que se realizará em Genebra de 19 a 26 de Setembro.

O Forum é um encontro no qual participam delegados dos 154 países membros da UIT (União Internacional das Telecomunicações) e que será composto por uma exposição, uma conferência e um simpósio sobre o tema das telecomunicações, realizando-se de quatro em quatro anos. Além de Eanes, fazem

também parte do Comité de Honra, os chefes de Estado dos nove países da CEE, o rei de Espanha e os presidentes de Cabo Verde e de S. Tomé.

Segundo a UIT, a constituição do comité, tem como objectivo acentuar o carácter universal das telecomunicações e o papel essencial que estas possuem como força ao serviço do desenvolvimento social, económico e cultural do mundo.

Unidade Popular: a Frente em impasse

As conversações entre organizações de extrema esquerda com vista à formação duma Frente de Unidade Popular para concorrer às eleições intercalares tiveram, até à data, uma reunião, somente. Foi no passado dia 8, na sede da UDP. Outra reunião, que deveria ter lugar oito dias depois na sede do MES, foi adiada, primeiro, e, depois, desconvocada, pelo MES — segundo a UDP, num comunicado público, a propósito.

A UDP critica o MES, considerando que a decisão de desconvocar a segunda reunião foi uma decisão «unilateral». Para o MES «existia apenas a dinâmica do manifesto à qual tinham dado o

seu apoio». A UDP fala dum «acordo interpartidário acordado em 8 de Agosto, com o objectivo de desbloquear a situação e dar passos em frente no caminho da constituição da Frente».

Na reunião do dia 8 estiveram representantes do MES, do PCP-R, da OUT, além da UDP e independentes. A UEDS, apesar de contactada, não compareceu.

Para a reunião que não chegou a realizar-se havia em perspectiva a participação também da BASE-FUT.

A situação é de impasse. Pelo menos o processo de formação da Frente não conhece progressos sensíveis.

AO ALTO COMISSÁRIO DA ONU PARA OS REFUGIADOS

Portugal pede delegado para Macau

O Governo português solicitou a nomeação de um delegado do Alto-Comissariado da ONU para os Refugiados para Macau, segundo revelou um porta-voz da Organização.

A resposta ao pedido português deveria ser dada dentro de dias, quando for publicado o relatório da visita de trabalho que uma equipa do Alto-Comissariado realizou recentemente ao Sudeste Asiático para estudar as medidas a adoptar relativamente ao problema dos refugiados.

Segundo o boletim semanal daquele organismo, existiam mais de trezentos mil e quinhentos refugiados naquela zona, no mês de Agosto, aguardando

transferência para países onde se instalarão definitivamente. A países de asilo chegaram já mais de quatro mil pessoas, a maioria das quais oriunda do Laos.

O boletim refere também a existência de problemas com refugiados noutros países, nomeadamente a Somália, onde se encontram cerca de 270 mil refugiados etíopes, o Uganda, para onde regressaram, depois da queda de Idi Amin, cidadãos refugiados nos países limítrofes, o Gabão, para onde aumentou o fluxo de originários da Guiné Equatorial depois do recente golpe de Estado e a República Popular de Moçambique, que abriga neste momento cerca de 150 mil refugiados do Zimbábue.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

COMUNICADO

A Câmara Municipal de Almada informa que, por deliberação de 3/8/79, tomou posse administrativa do terreno sito na Estrada da Sobreda, junto à Estrada de Vale Figueira, no cruzamento da estrada para o Feijó, pertencente a Manuel Duarte Nunes dos Santos.

Assim, todas as pessoas que porventura estejam interessadas na compra dos lotes da referida propriedade ficam sujeitas às penas previstas na Lei, pelo que devem abster-se de quaisquer compromissos relativos a esses terrenos.

Almada, 17 de Agosto de 1979.

O PRESIDENTE SUBSTITUTO,

Henrique Carlos Quaresma da Silva

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

COMUNICADO

A Câmara Municipal de Almada informa que, por sua deliberação de 3/8/79, tomou posse administrativa do terreno sito na Quinta Leonel Martins, no Pinhal da Aroeira, freguesia de Caparica, deste concelho, pertencente a José de Matos Gomes.

Assim, todas as pessoas que porventura estejam interessadas na compra dos lotes da referida propriedade ficam sujeitas às penas previstas na Lei, pelo que devem abster-se de quaisquer compromissos relativos a esses terrenos.

Almada, 17 de Agosto de 1979.

O PRESIDENTE SUBSTITUTO,

Henrique Carlos Quaresma da Silva

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

COMUNICADO

A Câmara Municipal de Almada informa que, por sua deliberação de 3/8/79, tomou posse administrativa da propriedade denominada Quinta de Vale de Cavala, na Charneca da Caparica, deste concelho, pertencente a Daniel Carmelino da Silva.

Assim, todas as pessoas que porventura estejam interessadas na compra dos lotes de terreno da referida propriedade ficam sujeitas às penas previstas na Lei, pelo que devem abster-se de quaisquer compromissos relativos a esses terrenos.

Almada, 17 de Agosto de 1979.

O PRESIDENTE SUBSTITUTO,

Henrique Carlos Quaresma da Silva

A CIP E O COMPLEMENTAR: "O Estado que cartegou o odiado fisco"

A Confederação da Indústria Portuguesa explicou ontem a razão por que discorde «completamente» do decreto-lei que condiciona o pagamento do décimo terceiro mês à entrega da declaração do Imposto Complementar — decreto-lei que, como se sabe, constituiu uma das despedidas do Governo Mota Pinto (entre as que foram tornadas públicas):

Segundo esta associação patronal, com tal condicionamento «é transferido para as entidades patronais o tradicional aspecto odioso do fisco, constituindo-se assim uma mais que provável fonte de perturbações sociolaborais».

Por querer poupar aos patrões que representa esse agravamento de imagem social a Confederação da Indústria invoca a Constituição e os direitos dos trabalhadores, afirmando que, se o decreto-lei entrasse em vigor, seria violada a lei fundamental, na «medida em que ele retira aos trabalhadores, por tempo indeterminado, o direito à retribuição do seu trabalho, condicionando este direito ao cumprimento de condições estranhas à vida da própria empresa em que o mesmo é prestado».

Por estas razões, a Confederação da Indústria enviou uma exposição ao Primeiro-Ministro, pugnando pela revogação do decreto.

INVESTIMENTOS NA HABITAÇÃO

Grande empréstimo da CGD ao Fundo de Fomento

Um empréstimo de três mil milhões de escudos da Caixa Geral de Depósitos ao Fundo de Fomento da Habitação, destinado a projectos de âmbito «social», foi ontem à tarde formalizado através da outorga de escrituras dos três contratos que o consubstanciaram.

Metade daquela verba vai ser empregue em programas para retornados das ex-colónias, e o resto na construção de casas por Cooperativas de Habitação e Associações de Moradores apoiadas pelo Fundo.

O prazo do empréstimo é de 20 anos, ao juro anual de 19,75.

Outorgadas as escrituras, o ex-ministro das Finanças e administrador-geral, da Caixa, Jacinto Nunes, revelou que, no ano passado, os empréstimos da Caixa ao Fundo representaram 70 por cento do total dos contratos de financiamento à habitação do sistema bancário português. Os fogos assim construídos foram 22.500, contra 18.500 em 77 e 11 mil em 76, sublinhou Jacinto Nunes.

Manuel Duarte Gaspar, presidente da instituição que recebe o empréstimo, manifestou-se por seu turno satisfeito com as «boas relações existentes entre a Caixa e o Fundo», e afirmou que esta verba permitirá o início da

construção, ainda este ano, de mais três mil fogos, e de mais cinco mil no próximo, além de tornar possível ao Fundo fazer face aos seus encargos.

A cerimónia decorreu nas instalações da Caixa Geral de De-

pósitos em Lisboa, e a ela assistiram, além do ministro da Habitação Mário de Azevedo, os secretários de Estado da Habitação e do Tesouro, respectivamente David Ferreira e António de Almeida.

Confederação do Comércio divulga manifesto contra Governo Pintasilgo

A Confederação do Comércio Português acaba de divulgar um curto manifesto contra o Programa do Governo Pintasilgo, que acusa de «extrema ambiguidade e impreparação» no que toca à análise das actividades comerciais.

A Confederação não agradou a promessa de medidas que poriam «seriamente em risco a sobrevivência de um sistema de economia de mercado». Quais são essas medidas, segundo a Confederação? Citamos o comunicado: «manutenção do poder de compra e garantia do abastecimento e da qualidade dos bens de consumo essenciais, através do saneamento dos circuitos comerciais, da estabilização dos preços daqueles produtos, da revisão do cabaz de

compras e da acção fiscalizadora dos consumidores», cujas associações o Governo «açula como cães contra os comerciantes».

A Confederação acusa o Governo de pensar «que o Comércio não passa de um escalão intermediário especulador, que não sendo devidamente controlado provocará agravamentos injustificáveis nos preços». A terminar, a Confederação insinua que «voltarão a suportar-se (durante a vigência do presente Executivo) as intoleráveis investidas paralisantes e gravosas de um outro V Governo, que hão-de pôr seriamente em risco a sobrevivência de muitas empresas». Trata-se de uma comparação com a acção do último Governo presidido por Vasco Gonçalves.

TURISTAS ESTRANGEIROS EM 78:

Mais de dezoito milhões de dormidas

Mais de 18 milhões de dormidas, à média de 10,8 dias de estadia por estrangeiro, são os números do turismo em Portugal relativos ao ano passado, agora divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística. As fronteiras registaram 3.389.000 entradas de estrangeiros no País, correspondentes a uma receita cambial de 26.353 milhões de escudos — o que representa um aumento de 69,9 por cento em relação a 77.

Contando em divisas por ordem decrescente, como quem pergunta quem mais gastou cá enquanto cá esteve, encontra-

mos à cabeça os norte-americanos, seguidos dos franceses, alemães, ingleses, holandeses, suíços e espanhóis. Mas esta ordem de gastos não tem equivalente nos totais de entradas por nacionalidade: neste particular, foram mais os espanhóis, seguidos pelos ingleses, alemães, franceses e norte-americanos.

No que toca a campistas, foram os alemães quem mais dormiu em Portugal, seguidos dos franceses, dos holandeses e dos espanhóis.

AEROPORTO DA MADEIRA

Quase dois milhões de contos para as medidas de segurança

O aumento das medidas de segurança do actual aeroporto de Santa Catarina, no Funchal, vão custar cerca de um milhão e 700 mil contos, revelou o presidente da Empresa Pública de Aeroportos e Navegação Aérea (ANA).

As medidas compreender, para além do aumento, das actuais dimensões da pista dos 1.600 para os 1.800 metros, a dotação do aeroporto da Madeira de meios de busca e salvamento e

de aparelhagem de apoio.

Este investimento corresponde ao «Projecto 1» da «ANA» para a solução da questão aeroportuária da Madeira, será financiada em cerca de 670 mil contos pelo Banco Europeu de Investimentos.

Por outro lado, e no tocante ao «Projecto 2» que visa o aumento das dimensões da pista para os 3 mil metros, o presidente da «ANA», manifestou a convicção de que tal não será viável.

A ESPERA DO TELEFONE

Chega tarde, usa-se pouco

Mais de quatro anos é quanto um madeirense terá de esperar para ter um telefone em casa. Mais «felizes» parecem ser os lisboetas que só têm de aguardar dois anos. No Porto, o tempo médio de espera é de oito meses.

Depois, quando o telefone é colocado, começa a família a «encolher-se» nas chamadas. A mãe diz que só o usa para pedir o gás, o pai afirma que quase nunca está em casa e os filhos garantem nunca telefonam para ninguém e, às vezes quando são vistos ao telefone, é porque os amigos ligam lá para casa, o que geralmente acontece quando os pais não estão e chegam no meio da conversa. No fim do mês, a conta origina sempre um coro de protestos e a promessa de que no próximo mês tudo vai ser diferente. Mais controlado, isto, para além das reclamações à companhia: «É impossível termos feito tantas chamadas».

No entanto, os TLP consideram **subaproveitados** os telefones! Em 1978, por exemplo, 13,3 por cento dos postos telefónicos tinham um tráfego abaixo dos 15 impulsos mensais e perto de metade não atingiram os 75 impulsos por mês. O telefone é, pois, um recurso e não um hábito. Esta situação poderá agravar-se com um próximo aumento calculado em cerca de 30%.

Quanto à automatização, parece que vamos com um bom ritmo e, pelo menos aqui, não somos os últimos da Europa.

A automatização telefónica total do País estava terminada em princípios de 1983. Comparativamente com outros países da Europa, essa cobertura «não é muito má», no dizer daquele especialista: ronda os 97%, o que lhe dá vantagem sobre a Espanha (95%) e a Noruega (89%).

Em Portugal, estão neste momento, a funcionar 1.274.761 telefones o que corresponde a 129,6 postos por mil habitantes e a 13,8 aparelhos por quilómetro quadrado. As maiores concentrações de aparelhos vão para Lisboa (643.609) e o Porto (225.239), segundo-se a Região Centro (136.390). E no Nordeste que se sentem mais necessidades de cobertura telefónica.

Para as zonas rurais «há a intenção de se atingir a distância máxima de 1500 metros, por caminho, entre cada posto público» — acrescentou Guimarães de Oliveira, director-geral de telecomunicações referindo o interesse social deste tipo de posto muitas vezes a funcionar na taberna ou mercearia de uma aldeia, para os contactos entre os emigrantes e as suas famílias.

Ate ao fim do ano vão ser automatizados 3713 telefones, 1949 dos quais na zona da Grande Lisboa. Ainda este mês, por exemplo, serão automatizados mais 150 aparelhos de Bragança.

Ostelephones dependem em grande parte de empresas nacionais, embora ao nível do comando das estações telefónicas recorram a «tecnologias de ponta». Cabines, contadores e circuitos de distribuição provêm de fabricantes nacionais e outro equipamento incorpora em larga escala material e tecnologia (do Centro de Estudos de Telecomunicações, Aveiro) nacionais.

Ao nível da dependência técnica, a única queixa manifestada pela empresa retele-se à «resposta especialmente deficiente no campo das empresas que executam trabalhos de subsolo», que abrem valas para cabos ou que constroem edifícios.

Atenção moradores de Vila Franca, Sacavém, Odivelas, Amadora e Almada

PREÇOS NUNCA VISTOS

	ERA	É
Quarto casal moderno	18-000\$00	11 950\$00
Quarto casal moderno	21-000\$00	12 950\$00
Quarto criança moderno (desde)	15-000\$00	8 500\$00
Jogos de mapas (desde)	7-000\$00	4 500\$00
Quartos Século XVII — Mogno	29-000\$00	20 950\$00
Salas Século XVII — Mogno	33-000\$00	30 500\$00
Mesas de refeição tampo vidro	3-000\$00	4 950\$00
Cadeiras cromadas	2-200\$00	1 580\$00
Estante c/ cristaleira	18-000\$00	12 850\$00

MUITAS MAIS MOBILIÁRIAS E MAPLES

A.S. NUNES - INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO, LDA.

R. 25 de Abril, 9-A - Catujal - SACAVÉM
R. de S. José, Lote 1, r/c. - Tel. 2510029 - SACAVÉM
R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (junto ao Pão de Açúcar)
Cova da Piedade
R. Elias Garcia, 25 - Tel. 976597 - V. Nova - AMADORA
R. Palha Blanco, 73 - Tel. 06322081 - V. Franca de Xira
R. Guih. G. Fernandes, Lt. 13 - Tel. 917336 - ODIVELAS

EM CACILHAS...

DAS 10.00 ÀS 19.00
ATÉ 31 DE AGOSTO
PODERÁ VER O QUE NUNCA VIU, NA
CASA ESTRELA
Rua Cândido dos Reis, 60-A

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

COMUNICADO

A Câmara Municipal de Almada informa que, por deliberação de 20/7/79, tomou posse administrativa de um terreno sito no Vale dos Tanoeiros, Alto do Índio, na Charneca da Caparica, pertencente a Celestino Ramos.

Assim, todas as pessoas que porventura estejam interessadas na compra dos lotes da referida propriedade ficam sujeitas às penas previstas na Lei, pelo que devem abster-se de quaisquer compromissos relativos a estes terrenos.

Almada, 17 de Agosto de 1979.

O PRESIDENTE SUBSTITUTO,
Henrique Carlos Quaresma da Silva



SINDICATO DOS TRABALHADORES

DOS TRANSPORTES FLUVIAIS

Assembleia Geral

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos, convocam-se todos os sócios, no pleno gozo dos seus direitos, a reunir em Assembleia Geral, a realizar no dia 4 de Setembro de 1979 (Terça-feira), pelas 18 horas, nas instalações do Sindicato dos Marinheiros Mercantes — Calçada Salvador Correia de Sá, 42 — 1.º. (junto ao Elevador da Bica) — Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1. — Apreciação e votação do Projecto de Revisão da Tabela Salarial e demais Clausulas Pecuniárias do C.C.T./Tráfego Fluvial, a denunciar ao Patronato.
2. — Analisar, discutir e votar o Relatório e as Contas da Gerência de 1978.
3. — Informações.

NÃO FALTES!
COMPARECE!

Lisboa, 24 de Agosto de 1979
Pel' O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Francisco José Gomes

COM A ORDEM À ESPERA DE "CORRECÇÕES"

Arnaut propõe discussão do Estatuto no Parlamento

O dirigente socialista, António Arnaut, um dos proponentes da Lei de Bases Gerais do Serviço Nacional de Saúde, que há dias havia sugerido a requisição civil dos médicos grevistas, acaba de aliviar a discussão do Estatuto Médico, na Assembleia da República, a fim de se tentar chegar a um entendimento, no momento em que a Ordem, embora cada dia mais isolada, não cede nas suas posições, afirmando estar a aguardar as "correções" que propôs ao anteprojecto do Ministério dos Assuntos Sociais.

Enquanto isto, a União dos Sindicatos de Coimbra (USC) e a Federação de Sindicatos das Indústrias Química e Farmacêutica tomaram posição contra a paralização dos patrões da Medicina, em comunicados hoje distribuídos.

A USC considera que a greve «atenta contra o direito fundamental da população portuguesa à saúde, aumentando a deterioração dos serviços de assistência. É fundamentalmente o combate ao Serviço Nacional de Saúde, a vontade de garantir a continuidade dos privilégios e chorudos rendimentos que os «tubarões da Medicina» acumulam à custa da saúde do povo português e a desestabilização social e política que movem a direcção da Ordem dos Médicos» — declara a USC.

Manifestando o seu «apoio às justas reivindicações dos médicos», a USC e 11 sindicatos que subscrevem o comunicado apelam aos «médicos conscientes da sua dignidade profissional para que se mantenham corajosamente firmes no desempenho das suas funções».

Por seu turno, a Federação da Química e Farmacêutica alerta os órgãos do Poder para o ataque que «esta greve envolve à Lei de Bases do Serviço Nacional de Saúde por via da aprovação de um estatuto que em certa

medida colide com os princípios fundamentais daquela Lei» e «denuncia esta manobra política a que urge pôr cobro».

A greve vista fora dos médicos

Entre os vários estratos da população portuguesa, situações ou profissões há que mais directamente vêm funcionando como barómetro da greve da Ordem, ao sentirem de forma mais pronunciada os reflexos e as consequências dela resultantes. A reportagem do «DL» foi por isso ao seu encontro, recolhendo os depoimentos que passamos a revelar:

Maria Bárbara Silva, enfermeira-chefe do Serviço de Consultas Externas do Hospital de S. José: «Neste serviço não temos tido grandes problemas sobretudo a partir do momento em que as pessoas começaram a estar melhor informadas sobre a greve. Assim é, se nos primeiros dias a afluência era grande, embora dentro dos números normais, ultimamente o que tem acontecido é que muitas pessoas, sobretudo da província, já não nos procuram. Face a isso, e embora todos os doentes que aqui aparecem sejam atendidos, temos aproveitado este 'ponto morto' para darmos uma volta aos arquivos, sobretudo no sentido da sua actualização.»

José Francisco Catalão, motorista dos Bombeiros Voluntários de Arraiolos: «No que se refere aos serviços urgentes a nossa actividade tem sido a habitual, já que tanto em Évora como nos hospitais de Lisboa, nunca nos deixaram de receber os doentes. Agora onde as nossas deslocações tem diminuído consideravelmente tem sido no



Maria Bárbara, enfermeira



Francisco Catalão, bombeiro



Ema Rufino, recepcionista dos Serviços Médico-Sociais



Amândio Dias, doente



Júlio Natividade, proprietário de uma agência funerária

transporte de utentes para consultas externas, tanto para os hospitais como para os consultórios privados.»

Ema Rufino, recepcionista de um posto dos Serviços Médico-Sociais: «Para nós tem havido um progressivo diminuição de actividade, reflexo de uma menor procura por parte dos doentes. Tudo isto acompanhado de uma progressão nas críticas aos grevistas da Ordem.»

Armando Dias, doente, retornado de Angola: «Apesar de ser doente, nestes vinte dias ainda não necessitei de recorrer aos médicos. Mas hoje vinha marcar uma consulta para um amigo e não consegui vaga.»

Júlio Natividade, proprietário de uma agência funerária: «Uma complicação, com um aumento afluente dos meandros burocráticos, que só ainda não atingiu uma fase alarmante devido à solução avançada pelo Ministério da Justiça, com o recurso às declarações passadas pelos bairros administrativos e juntas de freguesia. Mas mesmo assim há muitos funerais atrasa-

dos, como ainda hoje nos aconteceu com um óbito ocorrido numa casa de saúde, em que o médico de serviço se recusou a passar a certidão de óbito. Depois a falta de médicos, devido à greve, têm atrasado as autópsias, havendo corpos à espera de funeral há mais de oito dias.»

OS INCÊNDIOS NAS FLORESTAS Ir à raiz para extirpar o mal

Verifica-se uma certa tendência para a acalmia, de momento, na vaga de incêndios, que, nos últimos dias, tem destruído incalculáveis extensões de florestas e matos, sobretudo nas zonas serranas da Estrela, Gardunha e Lousã.

As informações provenientes dos bombeiros coincidem num ponto: a sua acção é dificultada pela existência de mato alto, giestais, sobretudo no caso da Serra da Estrela, e ervas rasteiras, secas pela canícula, onde o fogo se propaga como rastilho. Em muitos casos, o facto deve-se ao abandono de casais e quintas, até há anos amanhadas, em duríssimas condições, por quinteiros que preferiram a emigração ao magro sustento que angariavam nos casais serranos.

Buscando razões mais longínquas, encontraríamos a tória florestal que se apossou, pelos anos cinquenta, das autoridades fascistas, preocupadas sobretudo com os lucros para o Estado e negligenciando terrenos baldios e outros onde existiam zonas centeiras e de pastorícia, em muitos casos criminosamente ignoradas.

Daqui advém, em parte considerável, as dificuldades com que as corporações de bombeiros, mal apetrechadas, e os jornalheiros dos Serviços Florestais, serviços, eles próprios, incapazes de responder pela segurança das matas, defrontam no combate aos fogos, arrostando por vezes com perigos evitáveis se existisse uma eficiente rede de acessos, postos de vigia e infra-estruturas indispensáveis. O cansaço e o desânimo instalam-se, naturalmente. «As sirenes não param de tocar e o pessoal já não pode mais» — desaba-faram-nos de Folgoso-nho, concelho de Gouveia. Nesta região, continua entretanto a vigilância aos focos de incêndio na zona de floresta e matagais extensos do Mondeguinho. Por outro lado, os bombeiros de Gouveia combatem há quatro dias fogos que se extinguem e reacendem em zonas de mato, nas imediações de Vila Nova de Tazem. «Como é que os homens se podem meter lá?», perguntam-nos, com algum desânimo.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Iniciado no vizinho concelho de Castanheira de Pera, um incêndio que assumiu graves proporções lavra agora em terras de Figueiró dos Vinhos. As povoações de Fontal, Carregueira e Ortiga, apesar de ameaçadas, não se encontram de momento em perigo, diz-nos o comandante dos bombeiros locais, que acrescenta: «Isto tem sido complicado, porque a frente é muito grande e isto é terreno de altos e baixos. As chamas entraram agora numa mata de pinheiros bravos e eucaliptos, com matos muito altos. O pessoal está estor-

rado e esperamos que venham mais militares de Coimbra. Voltamos também a requisitar os aviões da Florestal.»

Desastres pessoais?

«Não. Apenas dois bombeiros feridos, mas sem gravidade.»

FUNDÃO

Depois de ter ameaçado com três frentes as povoações de Alcongesta, Alpedrinha e Castelo Novo, está reduzido agora a uma frente única, ainda assim de cerca de 20 quilómetros, o incêndio que devastou nos últimos dois dias, a Serra da Gardunha. A sirene dos bombeiros do Fundão fazia-se ouvir no momento em que para lá contactamos telefonicamente. Também aqui foi requisitada de novo a presença dos aviões.

Nas três povoações citadas, a população chegou a retirar para a rua os seus haveres, no receio do pior. Entretanto, arderam apenas algumas casas abandonadas, metidas no meio da serra. Algumas delas tinham ainda pertences dos seus ex-residentes.

Foi também danificado o retransmissor da Rádio Renascença, que desde as 18 horas de ontem deixou de transmitir.

Os bombeiros afirmam peremptoriamente, como aliás nos outros casos referidos, se tratou de fogo posto.

PONTE DE LIMA

O mesmo — fogo posto — terá acontecido nos pinhais dos montes da Formigosa, em Ponte de Lima, onde deflagrou outro incêndio dominado pelos bombeiros ontem à tarde. Várias corporações de bombeiros do distrito de Viana do Castelo combateram o sinistro, o maior verificado na região, nos últimos dez anos: arderam 25 quilómetros quadrados de matas, a acrescer às muitas dezenas devastadas na Lousã, Estrela e Gardunha.

INCENDIÁRIOS EM TRIBUNAL

Deverão ser apresentados a julgamento, em meados de Setembro, os três indivíduos acusados de atear incêndios e que se encontram detidos na Penitenciária de Coimbra.

Os presumíveis incendiários foram detidos pela GNR da Lousã no passado dia 15 e apresentados ao tribunal de Coimbra, que manteve a prisão de dois deles, por confissão do crime.

Um terceiro elemento, acusado de lhes pagar para lançar fogo às matas, saiu em liberdade sob caução de 50 mil escudos.

O outro elemento que se encontra preso na Penitenciária é acusado de lançar fogo na zona de Vale de Canas, em Coimbra, e foi preso no passado dia 16, juntamente com um menor que foi entregue ao respectivo tribunal.

Os processos estão a ser elaborados pela Polícia Judiciária de Coimbra.

CARMENSOL

TUDO PARA CAMPISMO

CARMENSOL — Firma experiente no fabrico de Atrélos-Tendas. Fabrica atrélos de luxo com materiais de 1.ª qualidade.



NÃO FAÇA SUA COMPRA ANTES DE NOS VISITAR

Os nossos Atrélos-Tenda abrem e fecham rapidamente, têm capota em pergamóide (e não em lona), quarto e sala duplos com caixa de ar e suspensões independentes com sistema barra de torsão.

Damos garantia e assistência permanente.

Também vendemos tendas e todo o material de campismo.

CARMENSOL

Ponte da Silveira — ALVERCA

Informações pelo telef. 258 0348

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

SR. EMIGRANTE

NÃO ADQUIRA QUAISQUER TERRENOS, SEM PRIMEIRO SE INFORMAR JUNTO DA CÂMARA MUNICIPAL, (SERVIÇOS TÉCNICOS) DA LEGALIDADE DAS TRANSACÇÕES E DA VIABILIDADE DE CONSTRUÇÃO NOS LOCAIS EM CAUSA.

DEFENDA-SE — DEFENDENDO O CONCELHO

A CÂMARA MUNICIPAL



ERGIO SANFALE

SALDA

TODOS OS ARTIGOS DE FIM DE ESTAÇÃO PARA HOMEM E SENHORA

BOUTIQUE - AV. DA REPÚBLICA - A. LISBOA

Ferrovários do Norte: vitória à larga

Os resultados finais das eleições para os novos corpos gerentes do Sindicato dos Ferrovários do Norte indicam que a lista unitária se sagrou vencedora ao obter uma larga maioria dos votos expressos.

Assim, a Lista A obteve 2053 votos contra os 1185 que entraram nas urnas favoráveis à Lista B, ligada aos interesses da UGT. No total, participaram 3431 ferrovários da Zona Norte, sendo o número de filiados no sindicato de 5053 (e com direito a voto).

A lista vencedora concorreu sob o lema: «Por um sindicato unido e democrático, na defesa dos nossos direitos e conquistas». O programa de acção apresentado prevê a defesa da melhoria das condições de vida e de trabalho dos ferroviários, das conquistas de Abril e das nacionalizações.

PASSAPORTES Aviso Importante

Os passaportes tirados há cerca de 5 anos ou mais deverão ser-nos enviados para obtenção de novos.
agencia abreu
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341

GRA ESTÁ COM PATRONATO Sindicato açoriano contesta desintervenção

O Sindicato dos Trabalhadores de Alimentação e Bebidas de Angra do Heroísmo protestou contra a anunciada desintervenção da Empresa de Viação Terceirense (EVT). Acusa, por outro lado, o Governo Regional dos Açores de utilizar a autonomia «para melhor servir o patronato da região».

A intervenção do Estado na EVT concretizou-se em 1975 por — afirma aquele sindicato — se terem verificado «graves irregularidades por parte da administração».

Entre essas irregularidades, o sindicato aponta «a subtracção

de receitas, fraudes fiscais, fuga de impostos» e a existência de um projecto de cisão na empresa «com fim de retirar-lhe os sectores mais rentáveis — caso das representações de peças e acessórios».

O comunicado recorda, ainda, que antes da intervenção, os salários dos motoristas e cobradores orçavam os 2650 e 1750 escudos.

A concessão dos transportes rodoviários da Terceira conta com cerca de trezentos trabalhadores e é proprietária de sessenta veículos que ligam os vários pontos da ilha.

Lei das CT's sempre contestada

A contestação à Lei das Comissões de Trabalhadores, aprovada na Assembleia da República por iniciativa e com o Partido Socialista e agora aguardando promulgação, tem vindo a ser feita por «todos os motivos» e agora é-o «por mais um».

De facto, a Comissão de Trabalhadores da Companhia Colonial de Navegação, do sector mar, solicitou ao Presidente da República que não promulgue os

diplomas legislativos em causa.

No documento, ontem enviado a Ramalho Eanes, refere-se que os diplomas citados «colocam os trabalhadores do mar em desigualdade com os restantes trabalhadores portugueses».

A referida Comissão de Trabalhadores entende que com a aplicação daquela Lei os trabalhadores embarcados na frota da CNN não poderão organizar-se e constituir as suas comissões representativas.



INSTITUTO FINANCEIRO DE APOIO
AO DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA E PISCAS

Informamos que a partir do próximo dia 27 os serviços da nossa Sede passarão a funcionar em instalações definitivas citas na Rua Dona Estefânia, 71 a 77, 1100 LISBOA; com os telefones 57 70 29/ 099/624/649/699/924/974/999.

ANO LECTIVO DE 1979/80

INSCRIÇÕES ABERTAS
PREPARATÓRIO • UNIFICADO • GERAL • COMPLEMENTAR

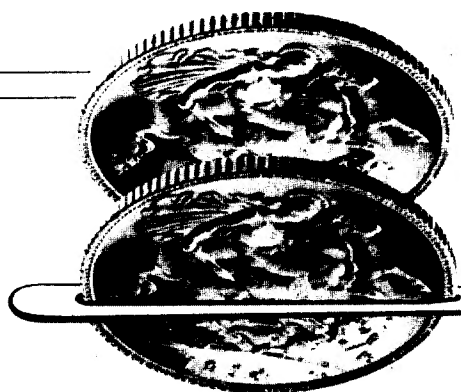
EXTERNATOS

Alvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Barrica) — T. 70 88 74 / 5

Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21 / 83 46 58

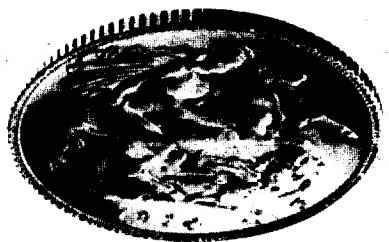
S. Vicente
R. Edith Cavell, 8
Tel. 84 88 64 / 5

DIURNO — NOCTURNO



É mais fácil uma LIBRA * OURO
passar pelo buraco de uma agulha

Que a inflação ser superior à valorização
anual dos Apartamentos Turísticos ESPAÇO T



Defenda o seu dinheiro da inflação
Adquira um apartamento turístico Espaço T
um bem sólido que se valoriza rapidamente
Os apartamentos turísticos Espaço T
serão seus por escritura pública
registada em seu nome
apartamentos turísticos Espaço T situam-se
nas melhores zonas turísticas de Portugal,
nos empreendimentos Torralta no Algarve
(Praia de Alvor) e em Tróia.

Não deixe para amanhã
o que pode saber hoje
sobre ESPAÇO T



Espaço T é um departamento TORRALTA

NOTA

Os senhores accionistas e investidores da TORRALTA beneficiam de condições especiais.

TORRALTA CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS, S.A.R.L.

LISBOA - Av. Duque de Loulé, 66A 1098 LISBOA CODEX

PORTO - R. Gonçalo Cristóvão, 13-1º Dtº R. Santa Catarina, 801 a 811
4000 PORTO Tel: 31 14 94 / 31 69 15

TRÓIA
Tel: 44 151 / 4

ALGARVE - TORRE C. PRAIA DE ALVOR 8500 PORTIMÃO
Tel: 20 211 / 2 - 20 111 / 3 - 20 128

Gabriel, salário incerto dinheiro no mealheiro

Texto de Lourdes Féria



Sou apolítico... mas voto!...

ciosa, com as suas referências e influências, costuma auto-rotular-se de apolítico. Claro que quando conduzi a conversa para esse assunto, ele não se revelou excepção à regra. Definuiu-se como apolítico, mas mostrou ter inclinações políticas tendenciosas. Desvendou uma estrutura mental de direita, embora, na prática, talvez não o seja. Através dele compreendi o sentido do voto nas zonas rurais do Norte e Centro.

Por isso quando me perguntou se o jornal que eu trazia debaixo do braço era o «Diabo» não consegui evitar o riso — riso franco, não forçado. Achei piada à sua pergunta, porque já me tinha apresentado como redactora do «DL». Expliquei-lhe que não. Que não costumava consumir literatura pornográfica... Gabriel Margarido percebeu a intenção das minhas palavras.

«Não considero o 'Diabo' um jornal político. Diz umas verdades que, em parte, eu já conhecia, mas que esse jornal aprofunda. Serão talvez verdades políticas. Essa história de comprarmos luzerna à África do Sul li no 'Diabo'...»

«E qual foi a conclusão que tirou disso?»

«Muito simples. Acho mal que o Governo critique quem nos ajuda e ande de bem com quem mata os nossos compatriotas... Refiro-me a Moçambique.»

Ri-me e comentei: «Leu isso no 'Diabo', portanto, a conclusão não é sua...»

Gabriel Margarido, para além de comprar, quase todas as semanas, o jornal de Vera Lagoa, assina, ainda, diversas folhas paroquiais, nomeadamente «O Amigo do Povo», da diocese de Coimbra. E lê: «Terras de Vagos», «Correio do Vouga» e a revista «Boa Nova». Diz ele que não se interessa por política? Está intoxicado. Não pensa, não vê.

«Oíço a rádio e faço o meu raciocínio. Agora a televisão, não a quero cá em casa. É uma fonte de imoralidade. Transmite programas vergonhosos que ofendem a moral católica. Sou católico praticante. Com 54 anos só

faltei um domingo à missa... Segundo ouvi contar, esses folhetins brasileiros, o 'Astro', o 'Casarão' e a 'Gabriela', mostravam apenas miséria e pouca vergonha.»

Apurei que Gabriel Margarido se sentia chocado, porque os folhetins apresentavam «casais a beijarem-se, divórcios e outras perversões». Em contrapartida a televisão, segundo as suas palavras, nem sequer deu em directo a ida do Papa, em 23 de Maio, à Igreja de Santo António dos Portugueses.

Instado, acabou por confessar que esta interpretação sobre os programas televisivos não era sua. Vinha exposta nos jornais paroquiais, o que não me surpreende. Ao escutar Gabriel Margarido pensei: «Já ouvi isto em qualquer lado.» Na missa não foi, porque não frequento tal lugar. Afinal descobri que não tinha ouvido, mas lido nas publicações reaccionárias que circulam neste país.

De rajada, intencionalmente, para evitar a elaboração das respostas à custa de referências, fiz-lhe meia dúzia de perguntas directas. Algumas desconcertaram-no. Depressa se recompôs, o que me obrigou a mudar de tema.

«Que género de Governo gostava de ver em Portugal?»

«Um Governo autoritário, duradouro e estável. O mais direito, até agora, ainda foi o de Mota Pinto...»

«Quería que o PPD subisse ao Poder?»

«Não queria nem deixava de querer. Tanto me faz. Gostava de ver um Governo que pusesse as contas em dia. Nunca gostei de dever nada a ninguém...»

«Vivia melhor, antes do 25 de Abril?»

«Vivo melhor hoje, tal como os outros agricultores. Penso, contudo, que essa melhoria não se deve à alteração política, mas sim à evolução.»

«O que pensa dos comunistas?» (Gabriel atrapalha-se...)

«Não penso nada... Ou eles são muito aldrabões ou então andamos todos enganados. Ou eles mentem ou então mentem os outros. Segundo dizem, os regimes comunistas instalados são muito diferentes do que os comunistas cá apregoam.»

«Acredita que os comunistas lhe tirassem as terras?»

«Não. Porque eles nunca falaram na pequena e média propriedade. Não sei. Em 75 nunca pensei nisso. Aliás, eles estiveram pouco tempo a mandar...»

«Que significa, para si, a Reforma Agrária?»

«Entendo que não é tirar terras a uns para dar a outros. Acho que deveria ser uma forma de produzir mais com menos trabalho. A produção do leite, tal como expliquei há pouco, já é uma Reforma Agrária...»

«Se os comunistas endireitassem o País, como você pretende, votava neles?»

HOMEM ÀS DIREITAS?

Hesitação. E de novo as ideias feitas, por via da escola e da igreja. A herança de gerações anestesiadas por conceitos obscurantistas que despersonalizam as pessoas, lhes colocam cangas nos ombros, as encaminham para veredas tortuosas...

Gabriel fala-me dos «princípios históricos e religiosos que são a base da educação do povo». Da História de Portugal que lhe ensinaram na instrução primária. Dos gloriosos antepassados que expulsaram os mouros. Da descoberta do caminho marítimo para a Índia. Da atitude que presidiu aos Descobrimentos e que não coincidia com o lucro, o vil metal, a exploração. Era tudo por causa de «espalhar a fé cristã e o império...». Não foi à cata de riquezas que os varões ilustres rumaram para o Brasil, e África. Empolgante por pensar que os comunistas não estão propriamente interessados em derramar a fé nem em reconstruir o império, Gabriel Margarido encara-os com «sérias reservas». E aí já se preocupa menos com o «endireitar» da economia e mais com «os princípios da moral cristã».

Gabriel Margarido considera-se cooperativista de raiz. Foi dirigente da Cooperativa de Vagos, na fase do seu arranque (em 74-75), cargo de que se afastou por divergências. Sobre tudo com a comissão de gestão, que «começou a atravessar-se à nossa frente». Continua, no entanto, a participar, como sócio, na vida da cooperativa. Será ele um homem de direita?

«Um homem às direitas tento ser o mais que posso. Agora isso de direita ou esquerda não percebe...»

Não se abstém, todavia. Vota. Em que forças? É fácil de adivinhar. Um homem preso na moldura dos preconceitos. Na justa medida de um mundo minúsculo que vai de Canto Galvão a Aveiro, da sua casa à sala de ordenha, da rua à igreja — entre crucifixos de plástico, castiçais e imagens do Sagrado Coração de Jesus, berrante nas cores e um sorriso de Gioconda. É isto.

Gabriel das Naves Margarido, cinquenta e quatro anos, casado, sete filhos. Profissão? A de agricultor. Proprietário de cinco hectares de terreno, mais ou menos, incluindo mato e pinheiros e terra lavrada — área adquirida pouco a pouco, ao longo dos anos, com dinheiro amealhado à custa de uma vida sem vida.

Vive em Canto de Galvão, no concelho de Vagos, numa casa-tipo à moda dos emigrantes, daquelas que colidem com qualquer paisagem e que, desgraçadamente, proliferam por esse País fora, como símbolo do mau gosto. Uma casa, portanto, à medida da sua cultura, das suas ambições.

Antes de mais Gabriel Margarido considera-se, em riqueza, um cidadão remediado, o que em termos de estatística, corresponde à categoria de médio agricultor. E por isso, e mais: padrão de uma classe social, estacionada numa mentalidade conservadora, atavismo herdado, vício de igreja e de escola, que exhibe com orgulho, como se essa forma de pensar fosse motivo de tal...

Salário incerto. Embora junte dinheiro que lhe tem permitido comprar terras e mandar construir casas para os filhos que, de acordo com as regras da sociedade «se vão casando», com a bênção de padre, traje de ocasião e copo-d'água.

Descendente de família camponesa, irmão de cinco irmãos, um deles sacerdote, dois emigrantes, outro agricultor como ele e ainda uma irmã, mulher apenas, único membro da prole que não frequentou a escola. Era preconceito aceite no tempo de que «a escola não servia às raparigas».

Depois de tudo, Gabriel Margarido tornou-se no que é: religioso praticante, tradicionalista, defensor da autoridade, moralista convicto, saudoso das glórias do velho império e de todas as mistificações que o envolviam desde a infância. Parece ser um homem de direita. Mas também é um cooperativista, sócio da Cooperativa de Vagos, onde desempenhou com dignidade cargos de direcção.

VIDA REAL

Na realidade trabalha de sol a sol, tem quatro vacas leiteiras, e três novilhos. Cultiva batata, milho, feijão, grão e favas. Apesar de ser encarregado de uma ordenha colectiva da Cooperativa de Vagos, trabalha directamente a terra, ao lado da mulher, esta, o braço fundamental da exploração agrícola.

Quanto produz de leite? «Sei lá... talvez uns sessenta litros diários.» Como a maioria dos pequenos e médios agricultores portugueses, Gabriel Margarido, não faz contas. Nem sequer planos. «Juntamos o dinheiro, vamos gastando e depois vê-se o que sobra... não contas de saco.» Sabe, no entanto, que há anos melhores ou piores e que determinados preços estabelecidos, para a batata e o leite, não compensam. Daí as reclamações, ao Governo, que por vezes surgem na lavoura da Beira Litoral. A sua voz já se uniu a muitas outras que reclamaram «preços justos e escoamento dos produtos».

Por causa dessas «ninharas», sobretudo relacionadas com o leite, já os agricultores da zona de Vagos obstruíram a passagem da Volta a Portugal, há uns anos, impedindo que os ciclistas e comitiva continuassem a sua marcha.

Dessa vez a luta dos produtores de leite foi vedeta; eclipsou as marcas publicitárias que, ao despique, apostavam, no patrocinio das equipas.

Muito por alto, Gabriel Margarido tem uma ideia dos custos de produção da batata. Não conta as toneladas de estrume que vai buscar aos pinhais nem o estrume expelido pelas vacas. Mas sabe quanto gasta nos adubos e nos sacos de batata de semente que compra «para melhorar a qualidade das culturas». A batata temporã rapidamente se escoia e a seródia, recolhida em meados de Julho, é armazenada para consumo de casa e para semente do próximo ano agrícola. Assim se cumpre o ciclo, sem alterações.

«Vendo a batata aos intermediários sem combinar previamente o preço. Quase que ando de chapéu na mão para ma comprarem. Os agricultores estão à mercê dos comerciantes, mas no entanto, acho que estes também têm o direito de ganhar o seu dinheiro pois fazem despesas. Podia haver um método directo, de ligação, entre produtor e consumidor, mas isso dava-nos prejuízo.»

«Então não prefere escoar os produtos através de um organismo estatal?»

«Não porque teríamos de deixar criar melhor a batata e armazená-la. Assim é colhida ainda verde o que permite, sem outros gastos, cultivar de novo, os terrenos com milho, grão ou forragens. Através da Junta Nacional das Frutas conseguimos um preço mais favorável, mas pelas razões que expliquei, essa opção acarreta-nos despesas.»

DIA IGUAL A TODOS OS DIAS

Gabriel Margarido levanta-se, todos os dias, às cinco e quinze em ponto. Dirige-se à sala de ordenha onde permanece até às dez horas — hora a que normalmente toma o pequeno almoço: pão com chouriço ou queijo e um copo de vinho. De seguida vai trabalhar no campo; ao meio-dia dá de comer ao gado. Isto invariavelmente... Come e dorme uma «sesta». Na parte da tarde recomeça o trabalho na lavoura, até às sete horas, altura em que regressa à sala de ordenha. Só depois das onze horas tem oportunidade de ir para casa. Então lava-se, come e deita-se. De corpo moído, adormece logo, na certeza de que o espera um dia igual aos outros dias.

«Nunca fiz férias e raramente saio da terra...» — diz, sem amargura, nem sequer desencanto. Conforma-se e aceita, com naturalidade, a sua vida destituída de surpresa. É um homem fechado nos limites dos seus cinco hectares de terreno, da sua casa de quatro divisões mais cozinha e casa de banho, do curral das vacas.

Gabriel Margarido nunca esteve doente. Trabalha muito, é verdade. Mas é saudável, de corpo. Sente-se tranquilo por ter dinheiro amealhado, o que lhe facultará uma velhice sem problemas. Gasta pouco na alimentação e ainda menos em extravagâncias.

«Produzo frangos e porcos para o consumo de casa. Horta-

liça, batata e fruta também tenho. Necessito apenas de comprar massa, arroz, carnes e azeite. Gasto algum dinheiro em tabaco e numa pinga de vinho. Mais nada...»

TEORIA DO LEITE

Sobre o leite, produção básica da zona, defende uma teoria que embora não seja original, tem o mérito de comportar uma certa dose de lucidez.

«Acho que a nossa lavoura deveria canalizar toda a sua potencialidade para a produção do leite. Esta região é uma das mais privilegiadas, para a produção do leite, na Europa. Aqui há erva verde todo o ano, enquanto que outros países estão debaixo de neve a maior parte do tempo. Se utilizássemos os prados naturais em vez das rações poderíamos produzir leite de melhor qualidade, o que consequentemente nos traria mais lucros. Assim tal como se processa a produção estamos na dependência dos Estados Unidos da América, a quem compramos milhos e sorgos...»

Leite, rende dinheiro. Gabriel Margarido confirma sem rábulas. Até afirma que «o preço actual

nem está mau de todo...». Aliás, as contas são fáceis de fazer: quatro vacas a dar uma média de 40 litros diários (sendo o litro pago a 13\$80) rendem 552\$00. Há as despesas das rações. Cada saco de cinquenta quilos (de ração) custa 420\$00. Vejamos, todavia, a explicação do produtor:

«Os 50 quilogramas de ração duram, em minha casa, dia e meio. Deles comem as quatro vacas e ainda duas novilhas que possuo. Tenho uma vaca que dentro de dias, depois da cria, sozinha vai produzir mais de 30 litros e ainda outra quase a completar o período de gestação. E é preciso não esquecer que todas elas produzem estrume e trabalho...»

«Então o leite (só leite) rende-lhe aí uns 10 contos limpos, por mês?»

«Ou talvez mais... Todos os anos consigo meter dinheiro no banco.»

A FÉ CRISTÃ E O IMPÉRIO

O tipo de pessoa que é Gabriel Margarido, da maioria silen-



Com cinquenta e quatro anos só faltei uma vez à missa... Todos os anos consigo meter dinheiro no Banco... Quería um Governo autoritário, duradouro e estável.

RESTAURANTE "PAPAGAIOS"

— DE —

José Outrelo Magalhães

Rua Cascais, 13 a 21 LISBOA - 3 — Tel. 636076

MÉDIO ORIENTE

HOJE NA ONU

Moção sobre palestinianos
poderá não ser votada

O Conselho de Segurança das Nações Unidas adiou para hoje o debate sobre a questão palestiniana no Médio Oriente.

Após o adiamento dos trabalhos, foi submetido oficialmente ao Conselho de Segurança, na quinta-feira ao fim da tarde um projecto de moção que afirma, nomeadamente, o direito do povo palestiniano à autodeterminação, à independência nacional e a soberania na Palestina, assim como o direito dos palestinianos ao regresso aos seus lares ou a indemnizações, à sua escolha.

O texto, apresentado após consultas entre o representante do Kuwait, Yacub Bishara, e os membros da «Comissão Espe-

cial para o Exercício dos Direitos Inalienáveis do Povo Palestino» é apadrinhado pelo Senegal, cujo representante na ONU, Medune Fall, preside a esta Comissão.

Como o Senegal não é membro do Conselho de Segurança, o projecto de moção só poderá ser submetido à votação se um membro deste organismo o solicitar. Nesta eventualidade, os Estados Unidos já anunciaram o propósito de recorrerem ao seu direito de veto.

O projecto senegalês reafirma igualmente as resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança

que reconhecem a existência de Israel entre os países da região que têm direito a fronteiras seguras e reconhecidas.

A propósito do projecto de moção submetido pelo Senegal, corria quinta-feira à noite na ONU o rumor de que, por deferência para com o representante americano Andrew Young, que apresentou há pouco a sua demissão por discordar da política americana em relação a OLP, membros do Conselho não insistiriam no propósito de submeter a votação este documento. Isso evitaria a Young ter que se ele próprio a interpor um veto de que pessoalmente discorda.

AFRICA

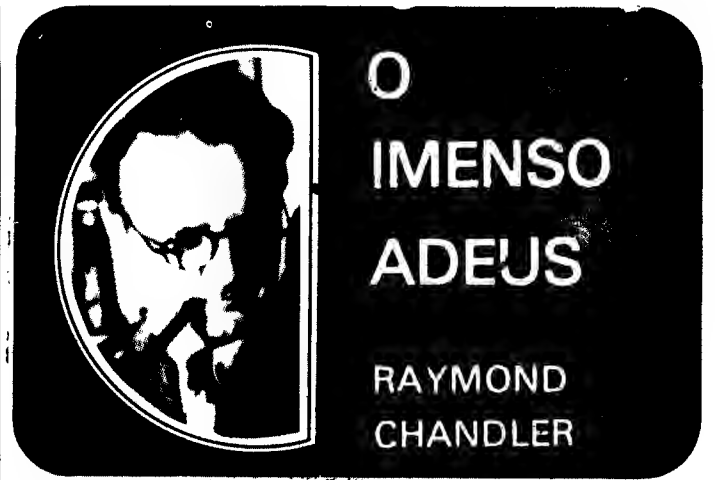
Mais ataques
da Rodésia
contra a Zâmbia

Forças aéreas e terrestres do Zimbabwe-Rodésia anunciaram ter lançado mais seis ataques à vizinha Zâmbia, num dos seus mais sincronizados «raids» apartidários do líder das guerrilhas, Joshua Nkomo, naquele país.

O comunicado foi emitido um dia depois de aviões de combate do Zimbabwe-Rodésia terem atravessado as matas zambianas para atacar um dos campos de Nkomo, em Mulungushi, a nordeste de Lusaca.

Os «raids» deram-se menos de três semanas antes de planeadas conversações de paz em Londres visando terminar a luta de guerrilha iniciada há sete anos no Zimbabwe-Rodésia.

Funcionários governamentais haviam anteriormente indicado que parte da estratégia de Salisbury para as conversações era exercer o máximo de pressão sobre Nkomo para abandonar a luta de guerrilha.



© — Livros do Brasil/College Trustees

Quando cheguei a casa arranjei uma bebida tesa e fiquei a bebê-la junto à janela da sala. Lá fora na noite havia pessoas que morriam atropeladas, cortadas por vidros, esmagadas pelos mais diversos mecanismos. Havia pessoas que apanhavam pancada, que eram roubadas, estranguladas, violentadas e assassinadas. Havia pessoas com fome, doentes, aborrecidas, desesperadas pela solidão ou pelo remorso ou pelo medo, zangadas, cruéis, febris e soluçando. Era uma cidade como as outras, uma cidade rica e vigorosa e cheia de orgulho, uma cidade perdida e batida e cheia de vazio. Acabei a bebida e fui para a cama.

39

O inquérito foi um falhanço.

Quando acabou o meu interrogatório vi o Candy. Tinha um sorriso que não percebi. Como de costume estava um pouco bem vestido de mais. Trazia um fato de gabardine cor de cacau, uma camisa branca de nylon e um laço azul escuro. Enquanto o interrogaram manteve-se comedido e causou boa impressão. Tentaram fazê-lo falar mas tudo o que ele disse não tinha grande importância. Não havia dúvida, alguém lhe ensinara a lição.

A Eileen Wade estava vestida de preto e branco, muito pálida e falou em voz clara mas baixa. Foi tratada com luvas de veludo. Quando acabou o interrogatório o oficial inquiridor levantou-se, dobrou-se pela cintura e ela ofereceu-lhe um leve sorriso que quase o sufocou. Quando passou por mim ia continuar a andar sem mesmo me falar mas mudou de ideias à última hora e baixou-me muito ligeiramente a cabeça como se eu fosse alguém que ela devia ter conhecido há muitos anos mas que já não conseguia localizar.

Depois de tudo acabado eu encontrei o Ohls à entrada. Ele estava entretido a observar o movimento do tráfico, ou queria dar a entender que o estava.

— Parabéns — disse-me sem virar a cabeça.

237

**Sabe
como
entrar
em contacto
com
a
Comissão
Nacional
de Eleições?**

**Comissão Nacional de Eleições
Rua Augusta, n.º 27, 1.º Dto.
Lisboa 1100**

telefones:

360480

360189

ASIA

Greve
parcial
em Nova
Deli

O Partido Janata, irritado com o facto de o presidente indiano não o ter deixado formar governo, conseguiu hoje organizar uma greve parcial em Nova Deli.

Alguns estabelecimentos e firmas comerciais mantiveram-se encerrados na manhã de hoje, em resposta a um apelo à greve formulado pelo Janata. No entanto, os efeitos da greve foram limitados.

O partido constitui paralelamente uma comissão de quatro membros destinada a «preparar a impugnação do presidente» e apresentar uma moção de acusação na Câmara Alta do Parlamento.

Esta movimentação para impugnar o presidente parece no entanto condenada ao fracasso, dado que a Constituição estipula que seja aprovada por uma maioria de dois terços da Câmara em que é apresentada e o partido Janata é minoritário na Câmara Alta.

Walter
Mondale
visita
Pequim

O vice-presidente dos Estados Unidos, Walter Mondale, vai chegar amanhã a Pequim para uma visita oficial à China.

Esta visita ilustra a vontade de continuar, ao mais alto nível, os encontros sino-americanos.

Mondale estará até quarta-feira em Pequim, onde encontrará com o primeiro-ministro Hua Guofeng e com o vice-primeiro-ministro Deng Xiaoping. Em seguida, visitará uma cidade de província, provavelmente a antiga capital imperial, Xian, antes de deixar a China, por Hong-Kong, via Cantão, em 1 de Setembro.

A ida de Mondale à China é descrita nos Estados Unidos como «mais um passo na via da melhoria das relações», antes de uma visita a Pequim do presidente Carter. Não se esperam resultados espectaculares desta visita que deverá sobretudo permitir um aprofundamento do diálogo sino-americano.

CURDISTÃO IRANIANO

Batalha sangrenta
nas ruas de Saqqez

Jactos iranianos, ultrapassando, repetidas vezes, a barreira do som, sobrevoavam, às primeiras horas de hoje, Saqqez, uma cidade onde milhares de rebeldes curdos cercam uma guarnição do exército.

Uma barragem ensurdecedora de fogo ininterrupto de helicópteros armados, canhões, metralhadoras pesadas, morteiros e carabinas automáticas ecoou através deste vale nas montanhas curdas, desde ontem, à tarde, até depois da meia-noite.

Dos montes, guerrilheiros curdos Pesh Merga, que cercam uma guarnição do exército iraniano nos arrabaldes da cidade, travavam um duelo a tiro com os defensores. Após a meia-noite, os disparos cessaram ocasionalmente, por poucos minutos, apenas para recomeçarem com maior intensidade.

A revolta curda, quase geral no Noroeste do Irão, começou, no fim da semana, após forças governamentais esmagarem uma rebelião localizada na cidade fronteiriça de Paveh.

É impossível calcular os números de baixas na batalha de Saqqez. Um médico de um hospital disse que sete mortos e 60 feridos foram recolhidos, mas muitos jazem ainda em locais onde é demasiado perigoso chegar. Uma ambulância foi atacada por helicópteros governamentais quando ia buscar feridos, segundo o médico.

A Rádio Nacional Iraniana anunciou, todavia, que forças regulares tinham desarmado as populações locais nas cidades curdas de Songhor, Kaniaran e Kerend e controlavam duas cidades na raia, Javanrod e Ozgoleh.

OUTRA MENSAGEM
DE KHOMEINY

O «ayatollah» Komeiny, numa nova mensagem dirigida na

quinta-feira à noite à nação iraniana por ocasião da grande festa de «Al Fitr» (fim do mês santo do Ramadão), ameaçou os «detractores, conspiradores e golpistas» de «mobilização geral ainda de maior amplitude do que aquela que acaba de ser organizada contra eles».

O «ayatollah» Khomeiny reiterou o seu apelo aos curdos iranianos no sentido de «pararem» e «entregarem» às autoridades os dirigentes «traidores e vis» do Partido Democrata do Kurdistaniano (interdito).

Pediu-lhes ainda para não acreditarem nas mentiras destes «conspiradores» que mantiveram contactos com os responsáveis do antigo regime e agentes a soldo do estrangeiro.

«O Islão — afirmou — deu liberdade a todos durante seis meses. Duzentas publicações e vários partidos políticos usufruíram de todas as liberdades até ao dia em que a sua verdadeira face de conspiradores se revelou.»

PRODUTOS PETROLÍFEROS
VENDIDOS PELOS EUA

O presidente Carter declarou hoje ter autorizado pessoalmente a venda ao Irão — normalmente produtor de petróleo que excede em muito as suas necessidades — de 47 milhões de dólares de produtos petrolíferos dos magros fornecimentos americanos.

Carter, a efectuar um cruzeiro pelo Rio Mississippi, confirmou a venda em resposta a perguntas dos jornalistas.

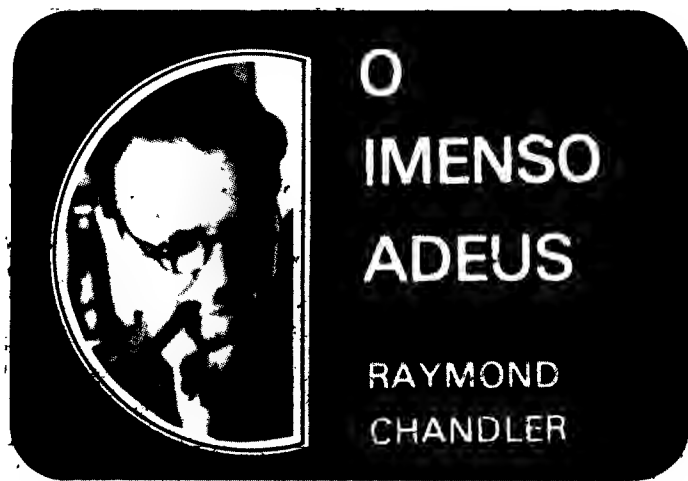
O presidente declarou que a venda foi tornada necessária pela sabotagem do oleoduto que serve uma refinaria iraniana.

Solidariedade com o Afeganistão

Uma conferência internacional de solidariedade com o Afeganistão realiza-se hoje e termina no dia 27 em Cabul com a participação de mais de cem delegados de sessenta países e organizações internacionais, indica a agência «TASS» num

comunicado datado da capital atega.

Segundo a agência soviética, os delegados a esta conferência reunida por iniciativa do Conselho Mundial de Paz «apoiaram resolutamente a justa luta do povo trabalhador ategão para a edificação de uma nova sociedade».



© -- Livros do Brasil/College Trustees

Você fez um serviço limpo com o Candy.
-- Não fui eu, amigo. O delegado decidiu que essas coisas de cama não interessavam neste caso.
-- Que coisas de cama?
Nessa altura ele olhou para mim. Riu-se. Depois ficou com uma expressão distante.
-- Já há muitos anos que olho para elas. Fica-se cansado. Esta saiu de dentro de uma ostra. Adeus. Previna-me quando começar a usar camisas de vinte dólares. Eu ajudá-lo-ei a vestir o casaco.
Continuámos quietos e de pé nas escadas. O Ohls tirou um cigarro do bolso, olhou para ele e deixou-o cair ao chão. Esmagou-o com o salto do sapato.
-- Estragado -- disse-lhe.
-- Não passa de um cigarro. Não se trata de uma vida. Talvez você se case com ela daqui a uns tempos, hein?
-- Não diga asneiras.
Ele riu-se, mas o riso era azedo.
Eu desci as escadas. Ouvi-o dizer-me qualquer coisa mas continuei a andar.
Fui almoçar e quando cheguei ao escritório a campainha do telefone começou a tocar. O Ohls disse:
-- Vou agora aí. Tenho umas coisas a dizer-lhe.
Ele devia ter estado muito perto porque se pôs no escritório em vinte minutos. Sentou-se na cadeira dos clientes, traçou as pernas e disse:
-- Esqueça o que eu lhe disse. Não tinha razões para o dizer. Desculpe.
-- Esquecer? Porquê? Porque não tornar a abrir a ferida?
-- Se quiser.
-- Que quiz dizer com a graça das camisas de vinte dólares?
-- Eu estava aborrecido. E lembrei-me do Potter. E de ele ter dito a um secretário para dizer a um advogado que dissesse ao delegado Springer e que este por sua vez dissesse ao capitão Hernandez que você era um amigo dele.
-- Ele nunca se daria a esse trabalho.

238

AMÉRICA

NICARÁGUA

Prolongado por um mês "estado de emergência"

Foi renovado por mais 30 dias o estado de emergência na Nicarágua, promulgado pela Junta de Reconstrução há um mês, após a vitória dos guerrilheiros sandinistas.

De acordo com o estado de emergência, as autoridades locais podem exigir a colaboração, sem remuneração, de cidadãos, em trabalhos de interesse e benefício para a comunidade. Por outro lado os meios de comunicação colectivos (as emissoras radiofónicas) podem ser postas «ao serviço dos fins que o Estado

pretende realizar».

Os onze outros artigos da Lei de Emergência que continuam em vigor prevêem penas de prisão de três meses a dois anos para todo e qualquer proprietário ou director de empresa que se recuse a reabrir as portas, bem como para quem suspenda os transportes públicos e para os especuladores.

A Lei autoriza ainda o Governo a pôr em funcionamento as empresas abandonadas pelos seus proprietários.

Para aplicarem a Lei de Emergência, foram na altura da

sua promulgação criados tribunais especiais.

Na terça-feira, a Junta de Reconstrução publicou as leis fundamentais da República, válidas até que seja promulgada a nova Constituição do país.

Essas leis garantem as liberdades individuais, a liberdade de imprensa e suprimem a pena de morte.

Entretanto, segundo o «comandante zero», Eden Pastora, a Nicarágua estará pronta dentro de dois anos a decidir o rumo a seguir. Pastora deslocou-se na terça-feira à Cidade do México, onde foi buscar os seus três filhos de volta a Managua.

A Nicarágua recebeu «muito pouco auxílio dos Governos», mas contou com «o auxílio dos povos do continente». Os «norte-americanos estão a especular com a fome e as necessidades do povo» da Nicarágua -- disse ainda Pastora.

Bailarino do Bolshoi pede asilo nos EUA

Alexander Godunov, o primeiro bailarino do famoso Ballet Bolshoi de Moscovo, pediu e obteve ontem asilo político nos Estados Unidos.

O dançarino, de 29 anos, considerado por alguns críticos como um dos mais talentosos do Bolshoi, é o quarto astro do «ballet» russo que opta por viver no Ocidente. Os seus antecessores foram Rudolph Nureyev, Mikhail Barushnikov e a bailarina Natalia Makarova.

Ludmila Vlasova, mulher de Godunov, é também bailarina do Bolshoi, mas não fugiu e acompanha a companhia na sua digressão actual pelos Estados Unidos.

Godunov dançou, pela última vez, no domingo, em «Romeu e Julieta», no Lincoln Center, em Nova Iorque.

Lillian Lidman, uma das organizadoras da digressão da companhia de bailado pelos Estados Unidos, afirmou que a fuga de Godunov chocara os 160 membros da comitiva.

«Nenhum de nós falou com ele. A sua fuga abalou-nos a todos. Contudo, a atitude assumida é a de continuarmos a dançar».

A companhia do Bolshoi está a esgotar lotações no Lincoln Center e deverá actuar depois em Chicago e Los Angeles.

Não se conheceu imediatamente a razão da decisão de Godunov, embora nos meios do bailado de Nova Iorque se afirme que ele se sentia descontente com a posição que tinha na companhia.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

VENDEDORES/AS

Companhia Europeia com varios ramos admite 7 vendedores/as. Comparecer amanhã, sábado, dia 25, só às 15.30 horas na Av. António Augusto Aguiar n.º 3 -1.º - letra D.



Sr. Camionista

Ao conduzir um veículo pesado, tome todas as precauções para uma boa arrumação da carga.

circular e viver.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES

Certifico, em adiamento ao extracto passado pelo 1.º Cartório Notarial de Lisboa em 15 de Maio de 1978 e publicado no «Diário da República», 3.ª série, n.º 130, de 7 de Junho de 1978, e nos jornais «Diário de Lisboa», de 16 de Abril de 1979, e «O Primeiro de Janeiro», da mesma data, que, por escritura de 25 de Fevereiro de 1978, lavrada de fl. 61 a fl. 77 do livro n.º 103-E deste Cartório, foi constituída uma associação denominada Associação dos Arquitectos Portugueses, designada por AAP, cujos sócios poderão ser exonerados a seu pedido ou quando se atrasem no pagamento das quotas por período superior a seis meses, podendo ainda ser excluídos quando, pelo conselho disciplinar nacional e em consequência de processo disciplinar, lhes seja aplicada essa pena.

Está conforme ao original e declara-se que na parte omitida nada há que amplie, restrinja ou modifique a parte transcrita.

1.º Cartório Notarial de Lisboa, 10 de Julho de 1979. — O Ajudante, Alberto Vila Fernandes.

LONDRES

UMA SEMANA FINS DE SEMANA 3,4 e 7 DIAS Consulte



DE FÉRIAS COM O

Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período de 10 dias,

ao preço de 10\$00 por exemplar

Rua Castilho, 185-1.º

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA



Caminhos de Ferro Portugueses

LINHA DE CASCAIS

Vai à praia no domingo?

Adquira o seu bilhete aos sábados na Estação do Cais do Sodré das 14 às 23 horas.

Poupará tempo se comprar de ida e volta.



Câmara Municipal do Seixal

CONVITE À POPULAÇÃO

Integrado no vasto plano de actividades culturais, organizado pela Câmara Municipal, em colaboração com a organização popular, vão realizar-se três espectáculos de teatro, pela Companhia do Teatro-Estúdio de Lisboa sob a direcção de Luzia Maria Martins.

- Dia 24/8/79 — Centro de Formação Profissional Acelerada — Cruz de Pau
- Dia 25/8/79 — Independente F. Clube Torreense — Torre da Marinha
- Dia 26/8/79 — Sociedade Musical 5 de Outubro — Paio Pires

A peça «Quando a Banda Tocar» é da autoria de Luzia Maria Martins. Os espectáculos terão início às 21.30 h, e as entradas são livres.

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

Canal da Crítica

Efemeridem, mas não tanto

MÁRIO CASTRIM

Consideram algumas pessoas que se fala muito nesta secção da União Soviética e que tal não deveria acontecer, por não se tratar de uma coluna política. Admitamos que acontece isso aqui algumas vezes. Primeiro, parece que o silêncio sobre o assunto durou quase 50 anos e basta. Segundo, substituir a censura pela autocensura seria cair ainda na censura. Terceiro, a minha intenção não é defender a União Soviética — não porque, sendo necessário, eu me recusasse a isso, mas porque a União Soviética se defende bem a si própria, graças a Deus e graças principalmente ao seu povo. A minha intenção é estabelecer diálogo com o leitor e este compreender a minha situação de crítico de TV. Se a RTP faz sistemática e diariamente política anti-soviética, de duas uma: ou silêncio e me torno cúmplice, ou tento minimamente esclarecer os assuntos. A menos que à RTP, dominada pela reacção, se consinta a falsificação, a propaganda antidemocrática; e a mim me recusem o direito à denúncia delas...

Vem isto a propósito da efeméride de ontem: o pacto germano-soviético. Poucos dias antes, fora a intervenção na Checoslováquia das forças do Pacto de Varsóvia para ajudar o povo daquele país a vencer a manobra do capitalismo internacional. O *Jornal/1* referia-se ao assunto em termos que ja ninguém hoje usa, tão safados estão.

O mesmo sucede quanto ao dito Pacto — acontecendo a singela «coincidência» de o *Jornal* e a imprensa fascista de ontem co-

laborarem na mesma campanha. Claro que estamos em presença de um dado histórico que só plenamente se compreende quando se conhecem outras coordenadas históricas. Se omitimos essas coordenadas, caímos no primarismo da propaganda política. Exactamente aquilo que na Televisão se fez.

A verdade é que o pacto germano-soviético se verifica numa altura em que decorrem negociações entre a Inglaterra e a Alemanha, a fim de dar a esta mãos livres para atacar a Leste.

E o próprio Hesse quem o diz, referindo-se aos primeiros meses de 1939: «A política idealizada por Hitler consiste, neste momento, em formar uma grande aliança europeia contra a União Soviética.»

Ja no Verão de 1939 realizam-se em Londres negociações anglo-nazis. Goering considerava então ser um acordo com os ingleses...

Propostas classificadas como «um programa de colaboração anglo-germânica» foram levadas a Goering. La se considerava que uma declaração conjunta «anularia as garantias da Inglaterra em relação à Polónia e à Roménia». Isto quando a Inglaterra jura pela sua rica saudinha ir em socorro da Polónia...

Nesse tempo, um dos conselheiros mais próximos de Chamberlain dizia de Hitler: «Ele é um grande e próspero estadista que, consciente da sua força e dos êxitos alcançados não põe em risco o seu prestígio e não receia abalos internos.»

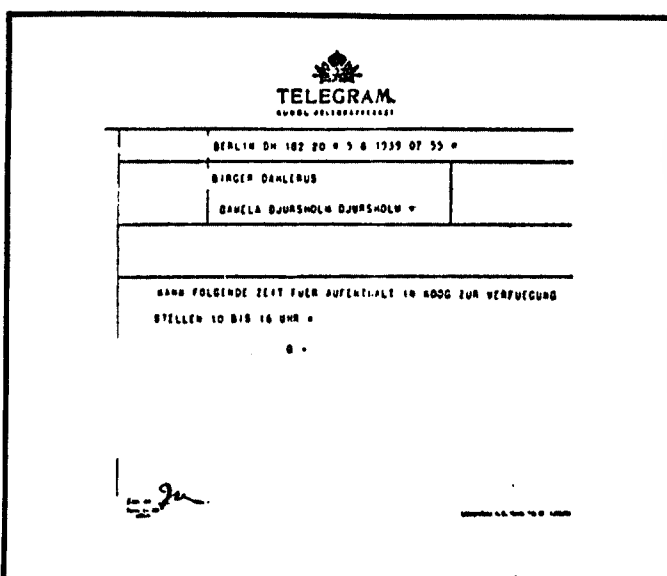
Quer dizer: por um lado, a Inglaterra manifestava o propósito

de resistir, com a União Soviética, à Alemanha nazi — e por outro lado, mantinha negociações secretas com a Alemanha nazi para facilitar o ataque à União Soviética...

Todos estes factos encontram-se amplamente demonstrados e, se eu tenho acesso ao conhecimento deles, posso ga-

rantir que o *Jornal/1* o tem igualmente. Só que não quer usar.

Existe inclusivamente um telegrama de Goering confirmando a disposição de se encontrar com os ingleses — e isto em Agosto de 1939. Como se sabe, a guerra viria em Setembro. Ei-lo:



Por que será que o *Jornal/1* não efemerizou este telegrama e prefere efemerizar outros acontecimentos? Mistério. *Jornal/1* la tera os seus conselheiros sobre esta e outras matérias.

A programação de ontem deu-nos a teleteatralização de uma peça de François Sagan: «O Cavalo Desmaiado». Simultaneamente um acto de confiança na redenção do homem, na sua possibilidade de aceder à dignidade pelo amor, e a certeza de que o amor não é deste mundo, desta sociedade, demasiado apodrecida para gerar a divina flor, incapaz de tudo quanto não seja o pacto com o demónio, com a mentira, com a queda.

Não vale a pena repetir os inconvenientes deste teatro legendado, assim uma espécie de

teatro lido so que em piores condições, pois de facto a Televisão não possui a vocação para livro. E nao vale a pena também lamentar que o teatro em Português, produzido em Portugal, esteja a ser substituído pelos enlatados. Certamente a esse respeito ja a RTP esta preparando um grande pacote de promessas. Que depois nao cumpre.

Vale a pena, sim, saudar o regresso de Aldónio Gomes ao horário de ouro. Não sei se foi por acaso. Oxala não seja, embora daquela gigantesca bagunça tudo seja de esperar. De qualquer modo, arranjam a rubrica um lugar certo, caramba. Poucas armas ha tão eficazes para matar uma rubrica como a anarquia da sua programação. A RTP sabe isso. Oh se sabe!

Hoje



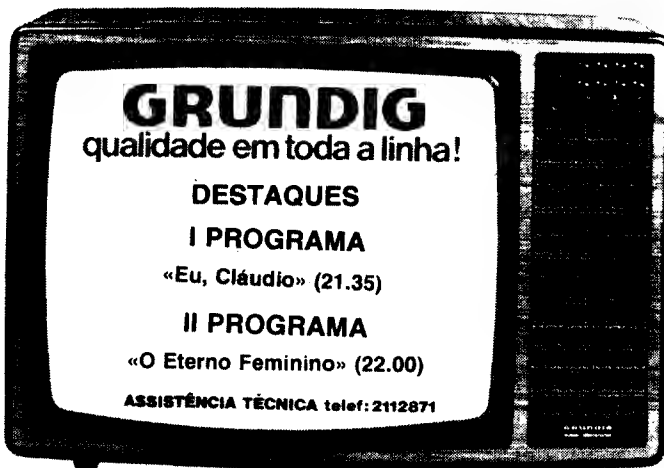
«Eu, Cláudio»

I PROGRAMA

18.30 «A Rainha e os 7 Guerreiros»
19.00 Pais, Pais
19.30 «Um Homem em Casa»
20.00 Jornal RTP/1
20.30 Manuel e Beatriz
20.35 O Tempo
20.40 Em Questão
21.35 «Eu, Cláudio»
22.30 24 Horas
22.45 Fecho

II PROGRAMA

20.32 «O Eterno Feminino»
21.30 Informação/2
22.00 «O Eterno Feminino» — 2.ª parte.
23.00 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

16.00: Sumário; 16.05: Novos Horizontes; 16.30: O Povo e a Musica; 17.00: Animação; 17.30: «Carta da Nova França»; 18.00: 10 Milhões de Consumidores; 18.30: 4300 Minutos; 19.00: Eurovisão — Taça do Mundo de Atletismo; 20.00: Jornal RTP/1; 20.30: Manuel e Beatriz; 20.35: Eurovisão — Taça do Mundo de Atletismo; 22.00: Alamedas da Noite; 00.00: 24 Horas; 00.10: Fecho.

II PROGRAMA

20.32: No Rasto de...; 21.00: Ecran Mágico — 12.ª sessão; 23.00: Fecho.

QUEM ACHOU?

De uma viatura estacionada na Rua dos Duques de Bragança do dia 14, desapareceram duas pastas tipo «James Bond» e um saco de plástico contendo documentos diversos, além de um saco de viagem com roupas e medicamentos. A quem as tenha encontrado agradece-se informe para os telefones 773716 ou 2040046, de Lisboa, ou 9643123 ou 9643272 do Porto.

Da-se boa gratificação.

Nos bairros latinos de "Los Angeles" dois irmãos lutam pela sobrevivência -o único ponto de encontro que têm é na vingança-

O FILME É TAMBÉM A HISTÓRIA DE UM GRANDE AMOR

Alamedas da Noite

Boulevard Nights



A TONY BILL / BILL BENENSON PRODUCTION
"BOULEVARD NIGHTS"

Cam RICHARD YNIGUEZ · MARTA DUBOIS · DANNY DE LA PAZ

Direct by MICHAEL PRESSMAN · Produced by BILL BENENSON

Executive Producer TONY BILL Escrito por DESMOND NAKANO

Music by LALO SCHIFRIN · Song "STREET TATTOO" Performed by GEORGE BENSON

TECHNICOLOR Original Storyline on Warner Bros. Records and Tapes

DISTRIBUTED BY WARNER BROS. A WARNER COMMUNICATIONS COMPANY

Copyright 1979 Warner Bros. Inc.

DOMINGO ESTREIA
ÀS 15.30, 18.30 e 21.30 H



NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 10 ANOS

POLITEAMA

As maiores aventuras do mais mítico dos heróis!

2ª SEMANA

O MUNDO TREMEU PELA SUA FORÇA!



HÉRCULES

Steve REEVES Sylva KOSCINA
GIANNA MARIA CANALE

DIRECTOR PIETRO FRANCISCI COLOR SCOPE
Nº 13 men 13 anos

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
apresenta no
Picadeiro do Cruzeiro
Monte Estoril
De 3.º a domingo
às 21.45
Subs. pela S. E. C.

"A MÃE"
OU COMÉDIA
REPUGNANTE
DO
"FILHO
DA MÃE"
DE
WITKIEWICZ
encenação de
CARLOS AVILEZ

HOJE A NOITE NO ESTORIL

Tania Achot interpreta Bach

Integrado no V Festival de Música da Costa do Sol, realiza-se hoje, às 21.30 horas, no Pavilhão de Congressos do Estoril, o anunciado recital pela pianista Tania Achot, artista de grande sensibilidade bem conhecida do público português. O programa será integralmente dedicado aos 14 Prelúdios e Fugas do segundo ca-



dermo do «Cravo bem Temperado», composto por João Sebastião Bach e ao qual tem Tania Achot dedicado especial atenção nos últimos tempos. Recital de raro interesse pela conjugação do tema proposto com uma intérprete de méritos bem firmes, é aguardado com a maior expectativa.

Com o recital de Tania Achot, termina a penúltima semana do V Festival de Música da Costa do Sol, que tem decorrido desde 12 de Julho com o maior êxito, a constatar pela adesão permanente do público, que tem esgotado a maioria das lotações.

Os últimos concertos estarão a cargo do guitarrista espanhol José Luís Lopategui, bem representativo da nova geração de valores do país vizinho, que no dia 27, às 21.30 horas, se apresenta no Pavilhão de Congressos do Estoril, pela primeira vez em Portugal, e do famoso violinista norte-americano Ruggiero Ricci, que se apresentará em dois recitais nos dias 29 e 31 de Agosto, o último dos quais acompanhado pela pianista Helena de Sá e Costa.

Fantoches no Zoo

Todos os domingos, às 15, 16, 17 e 18 horas, no Jardim Zoológico, há espectáculos infantis de teatro de fantoches completamente gratuitos. A iniciativa integra-se nas comemorações do Ano Internacional da Criança e cabe ao «Teatro de Fantoches - Há Festa».



RIR A SÉRIO COM O GRUPO 4

"O chá dos generais" no Teatro Aberto

O Grupo 4 estreou, na passada semana, a peça de Boris Vian «O Chá dos Generais». O público, não apenas o da estreia, mas o que tem ocorrido, todos os dias e em bom número, ao Teatro Aberto, não se tem cansado de aplaudir a sátira/farsa de Boris Vian, que Rui Mendes encenou, depois de ter feito a adaptação, sobre a tradução de Costa Ferreira.

A peça tem cenários de António Casimiro, concebidos de uma maneira muito justamente considerada funcional e que permite a mutação de quadros que «O Chá» exige.

Note-se ainda que tem sido praticamente unânime a opinião de quantos já viram este «Chá»

que o Grupo 4 serve todos os dias (menos às segundas), em relação aos «achados» de encenação de Rui Mendes e quanto à representação da peça, onde sobressai, no papel principal, António Montez, muito bem coadjuvado por Adelaide Ferreira, Alexandre Melo, António Anjos, António Rama, Carlos Gonçalves, Carlos Santos, Helena Isabel, Linda Silva, Manuel Mendonça, Moraes e Castro, Rui Mendes e Vasconcelos Viana.

A PEÇA

A França, durante muitos séculos cabeça da «civilização», encontrar-se-ia, nos anos 50, a braços com uma incómoda crise de superprodução. Como podem

os políticos brilhar quando se começa a viver em abundância e ninguém se queixa? Seria preciso canalizar os excedentes para novos consumidores e, ao mesmo tempo, desequilibrar os pratos da balança, mantendo assim o emprego aos politiquês que vivem de inventar projecto para «resolver» as crises. Nada «melhor» do que uma guerra para pôr tudo no seu lugar...

Aqui entram os generais, que não querem fazer a guerra argumentando ser demasiado perigoso nos tempos que vão correndo, mais um presidente do Conselho de Ministros que dá ordens e não tem outras crises para «resolver», um arcebispo de Paris que bebe copos na «Cruz Santa» e onde é possível, e a cáustica invenção de Boris Vian para pôr a ridículo os fazedores/inventores de guerras e os seus cúmplices.

Datada e localizada (França, anos 50) a peça tem, obviamente, maiores e mais universais objectivos, e atinge o alvo, destruindo-o pelo riso: a arma de Vian para fazer guerra à guerra.

HOLLYWOOD "MEXE"

Greve no cinema

Mais de 20 mil sócios do maior sindicato da indústria cinematográfica norte-americana são favoráveis a uma greve que poderá paralisar, em Setembro, os principais estúdios de Hollywood, pela primeira vez desde 1946.

Todos os directores, à excepção de um, dos 24 estúdios de Hollywood, membros da Aliança Internacional dos Trabalhadores do Espectáculo, apelaram à paralisação no jornal sindical «Daily Variety».

A greve do próximo mês, um período tradicionalmente agitado, poderá afectar seriamente os estúdios. A Paramount, por exemplo, tem onze projectos em curso e filmagens marcadas para Setembro.

O apelo à paralisação destina-se aparentemente a restabelecer a força negociadora do sindicato, face a declarações de membros não identificados no mesmo, segundo os quais os trabalhadores sindicalizados preferiam aceitar as actuais ofertas dos produtores a abandonar o trabalho.

O sindicato, que representa praticamente todas as profissões da indústria cinematográfica — incluindo electricistas, carpinteiros, equipas de filmagem, técnicos de som, agentes de publicidade e outros — exige, face à inflação galopante, aumentos salariais da ordem dos 45 por cento nos próximos três anos.

As companhias cinematográficas, representadas pela Asso-

ciação dos Produtores de Cinema e Televisão, propõem cerca de 13 por cento.

VITTORIO GASSMAN
ORNELLA MUTI
ALBERTO SORDI
UGO TOGNAZZI

3 DOS MAIORES
REALIZADORES ITALIANOS
MARIO MONICELLI
DINO RISI
ETTORE SCOLA

OS NOVOS
MONSTROS

Mundialmente aplaudida,
uma obra prima de humor e sátira... à italiana!...

12ª SEMANA
MUNDIAL FILMES
Int. a menores de 13 anos
STAR

O dinamite pode explodir...
...e depois temos o caldo entornado!...

MARCELLO FONDATO
TERENCE HILL
juntos são
dinamite
BUD SPENCER
JOHN SHARP · DONALD PLEASANCE
Mario Cecchi Gori

5.ª semana
agora só **AVIS**

O drama de um pai à procura da filha na "Zona Quente"

escrito e realizado por **PAUL SCHRADER**
autor de «TAXI DRIVER»

A RAPARIGA NA ZONA QUENTE

GEORGE C. SCOTT
HARDCORE
PIETER BOYLE
e SEASON HUBLEY
Produzido por BLIZZ FILMS
Escrito e Realizado por PAUL SCHRADER

HOJE ÀS 21.30 H **quarteto**
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

Unesco patrocina FITEI/Porto 79

Em consequência do prestígio alcançado pelo Festival Internacional de Teatro de expressão Ibérica, no ano passado, o Fitei/Porto-79 será, este ano, patrocinado pelo Instituto Nacional de Teatro, da Unesco, a título oficial, pelo que o seu secretário-geral, Jean Darcante, se deslocará ao Porto, para estar presente à sessão inaugural, fixada para as 16 horas, de 3 de Novembro próximo, na sala de sessões dos Paços do Concelho.

O festival é oficialmente patrocinado pelo Governo Civil do Porto e pela Câmara Municipal da capital nortenha que, este ano, e por proposta aprovada por unanimidade na Assembleia Municipal do Porto, inscreveu, no seu orçamento, uma primeira verba de 200 contos destinada ao festival, independentemente da verba que venha a ser inscrita

no orçamento suplementar.

Para além dos subsídios da câmara que, daquela forma, institucionalizou oficialmente o Festival como uma actividade cultural de interesse para a cidade, também a Secretaria de Estado da Cultura e a Fundação Calouste Gulbenkian, mantiveram os subsídios concedidos no ano passado, embora aquela última instituição prometa rever a verba concedida, aumentando-a de acordo com o programa a realizar.

Por sua vez o Inatel manteve o subsídio de 30 contos já atribuído ao Fitei/Porto-78. Os espectáculos do Fitei destinam-se às mais largas massas de trabalhadores, bem como às crianças e jovens.

No âmbito do Segundo Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica-Fitei, realiza-se nos dias 10 e 11 de Novembro próximo, na cidade do Porto, a primeira conferência nacional de teatro. Esta terá lugar nas instalações da Faculdade de Letras e conta com a colaboração da Sociedade Portuguesa de Autores e da Associação de Críticos de Teatro, contando ainda com a participação de colectividades ligadas ao teatro, quer profissionais quer amadoras, e da APTA-Associação Portuguesa de Teatro Amador e ATADT-Associação Técnica e Artística da Descentralização Teatral.

Tal como no ano passado, com o primeiro encontro nacional de críticos de teatro e com o debate «A Cidade e o Teatro» que levantaram problemas do maior interesse e actualidade sobre a política teatral, este ano a Primeira Conferência Nacional de Teatro pretende alargar, ainda mais, os temas dos debates, de modo a que as conclusões obtidas possam contribuir para uma perfeita análise dos principais problemas que o teatro português enfrenta e as soluções que serão propostas.

As inscrições aos grupos interessados continuam abertas até meados de Outubro próximo, de modo a permitir a maior participação de todos os interessados.

“Saltitões”

mudam de nome

«O Novo Teatro» é agora o nome do Teatro Experimental «Os Saltitões». A nova designação do grupo foi decidida na semana passada.

O grupo foi fundado em 1976 e apresenta geralmente as suas peças em colaboração com as autarquias locais, escolas e sindicatos. No primeiro semestre de 1979, «Os Saltitões» realizaram 115 representações, das quais 70 integradas no projecto de descentralização.

No próximo mês de Setembro, «O Novo Teatro» levará à cena o «Senhor Ubu», de Alfred Jarry, que terá encenação de José Valentim Lemos e interpretação principal de João Lagarto.

Entretanto, o grupo realizou um concurso de admissão de actores para alargar os seus quadros. Da Escola de Teatro do Centro Cultural de Évora, cujo curso terminaram, vieram José Mascarenhas, Santos Silva e Isabel Roxo.

ONDE O RISO É A ARMA

TEATRO ABERTO

Grupo 4

APRESENTA

O CHA dos GENERAIS

de **BORIS VIAN**

ENCENAÇÃO DE **RUI MENDES**

NOITES DE SEMANA, ÀS 21.30

SÁBADOS, ÀS 18 E ÀS 22 HORAS

DOMINGOS, ÀS 16 HORAS

ESP. NÃO ACONS. A MENORES 13 ANOS

Subsídio da S.E.C

TEATRO NO NORDESTE TRANSMONTANO

Companhia profissional instala-se em Favares

Não é vulgar o aparecimento de nova companhia teatral durante a época em que os teatros fecham, para descanso do público e gentes da profissão. E muito mais raridade se torna o aparecer no Nordeste Transmontano de uma companhia teatral sediada numa localidade com cerca de dois mil habitantes. No entanto, é o que neste momento acontece em Favares, que se prepara para receber, a partir do dia 1 de Setembro, a nova companhia «Arlequim - Teatro Popular».

Oito actores e técnicos profissionais estão na véspera, a partir dessa data se desenrolará dentro dos muros do Teatro Fa-

vaiense, aventura que começou há três meses quando se instalaram em Vila Real tentando aquilo que muitos consideravam impossível, integrados numa cooperativa cultural já então existente na cidade: o Teatro de Ensaio Transmontano.

Após a estreia de «Noite Branca», de António Júlio Vilarinho, e no abandono de quase todos os elementos do grupo amador local, os profissionais assumiram a atitude de, para defesa do projecto cultural concebido, se constituírem em companhia autónoma, numa nova cooperativa que se designa por «Arlequim - Teatro Popular».

Assim, a partir de 1 de Se-

tembro, e aceitando uma sugestão dada pelo Governo Civil de Vila Real, Leandro Vale, Zé Ananias, Rosa Preciosa, António Capelo (este recém-saído da Seiva Trupe), Arlete de Sousa, José Guedes e Acácio Castro, retomaram o trabalho em Favares, com a peça «Relâmpago», escrita propositadamente para esta companhia pelo escritor vi-

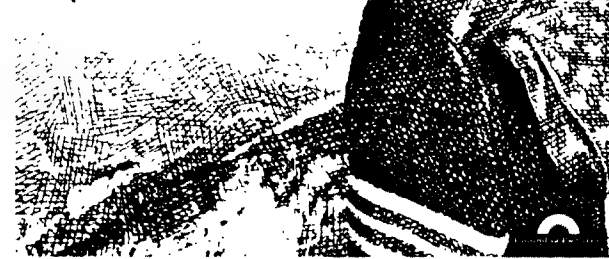
la-realense António Cabral. A estreia está prevista para 16 de Setembro, em Chaves, e a encenação do espectáculo será da responsabilidade de Leandro Vale.

A nova experiência conta com o apoio do Governo Civil de Vila Real, Fundação Gulbenkian, Inatel, Junta Central das Casas do Povo e Secretaria de Estado da Cultura.

easy rider

UM DOS MAIORES
EXITOS MUNDIAIS
DE SEMPRE

Versão integral
do filme
que introduziu
o cinema nos
tempos modernos



PANDO COMPANY produziu com
RAYBERT PRODUCTIONS presents
Com **easy rider**
PETER FONDA DENNIS HOPPER
JACK NICHOLSON Real
DEP. S. HOPPER & PETER FONDA

Hoje às 14.30, 16.45, 19.00
e 21.30 h no **CITY**

Não Aconselhável a Menores de 13 Anos

A CLASSE DOMINANTE

PETER O'TOOLE

ALASTAIR SIM · ARTHUR LOWE

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 10 ANOS

2.ª SEMANA NO

BATEM

As aventuras
de um jovem
cujas principais
inclinações
são a violência,
a violação
e Beethoven!



O FILME
A VER
E REVER

UM FILME DE STANLEY KUBRICK

LARANJA MECÂNICA

HOJE ÀS 14.15, 17.00 E 21.30

zôjaco

6.ª SEMANA AGORA

RUA CONDE REDONDO, 5 • Tel. 570151 LISBOA

INTERDITO A MENORES DE 16 ANOS

O mais espectacular acontecimento
da história do cinema

SUPERMAN

O FILME



é o
super
filme
do
ano!

AGORA EM 10.ª SEMANA

A partir de

HOJE

Não acons. a men. 13 anos

VOX

Madeira: árbitro ajuda irregularidade

A Associação de Futebol do Funchal (AFF), deliberou levantar um processo contra o Sporting Clube Santacruzense e não homologar o campeonato regional de futebol da 1.ª divisão madeirense. Aquele clube tinha obtido o primeiro lugar.

A decisão da AFF surge na sequência de um inquérito mandado instaurar por este organismo, relativamente a irregularidades detectadas na prova. Estas irregularidades, denunciadas por três clubes, dizem respeito à utilização de um jogador do Santacruzense, quando este legalmente se encontrava a cumprir castigo disciplinar. Este facto, teria sido ocultado à AFF quer por viação de um «Boletim do Jogo» quer de uma «relação». No processo (afirma o órgão máximo do futebol da Madeira), participaram, «entre outros não identificados o árbitro Gregório José Fernandes».

Os resultados concretos desse processo, conclui a mesma fonte, «beneficiaram exclusivamente o Santacruzense, que deles se aproveitou em toda a linha, com prévio, absoluto e ostensivo conhecimento da falacidade da situação subjacente».

JUNIORES

O início do Campeonato Nacional de Juniores está marcado para o dia 23 de Setembro, tendo a primeira jornada englobado os seguintes jogos:

Zona A: Taipas - Chaves, Bragança - Leixões, Rio Ave - Varzim, FC Porto - Tirsense e Braga - Guimarães.

Zona B: Canas de Senhorim-Oliveira do Bairro - Vilanovense - Lamego, Oliveirense - Sanjoanense, Belmonte - Guarda, Vilanovense - Espinho e Anadia - Académico.

ZONA C: União de Coimbra - Coruchense, Cernache - Alfarrarede, Naval - Alter, Alverca - Desp. Olivais, União de Leiria - Portalegrense e Peniche - União de Tomar.

Zona D: Sporting - Atlético, Belenenses - Zona Azul, Barreirense - Benfica, Moura - Vitória de Setúbal, Almada - São Luís e Farense - Estrela.

GUIMARÃES: NOVO DESAIRE

O Vitória de Guimarães foi batido pelo Palência (1-0), classificando-se assim no 4.º e último lugar no Troféu Cidade de Valladolid. O único tento da partida foi marcado aos 69 minutos, por intermédio de Lorenzo, que, recebendo a bola na posição de «lora de jogo», fez um «chapéu» ao guarda-vimaranesense. Pe-

rante os protestos dos jogadores, o árbitro deu imediatamente o jogo por terminado.

O Vitória jogou o suficiente para merecer ganhar o encontro, mostrando-se superior em todos em todos os aspectos, e foi a única equipa no relvado que realmente praticou futebol. Ramalho, Festas e o extremo Mundinho fizeram exhibições dignas de realce.

Sob arbitragem do espanhol Vallejo, as equipas alinharam:

Vitória: Melo; Ramalho, Manaca, Tô Zé (Musladini) e Alfredo; Ferreira da Costa (Sousa Pinto), Festas (Joaquim Rocha) e Gregório; Vicente, Dinho e Mundinho.

Palência: Diez; Salvi, Joaquim, Fuertes e Chaparro (Riado); Macabiaga, Crsto (Lorenzo) e Vaquero; Calsita, Ferrero (Alonso) e Mitin.

COIMBRA APRESENTA-SE

O Académico de Coimbra venceu o Rio Ave (3-1) em jogo disputado no Estádio Universitário daquela cidade. Os golos do Académico foram marcados por Camilo, Eldon e Freitas. Tininho apontou o tento do Rio Ave. O encontro serviu de apresentação da equipa de Coimbra aos seus associados.

O União de Coimbra empatou sem golos com o União de Lamas. O desafio serviu de apresentação da equipa coimbrã para a próxima época.

BRAGA SOMA E SEGUE

O Sporting de Braga venceu, o Desportivo do Prado, que esta época ascendeu à 2.ª divisão nacional, por 2-1, em jogo treino disputado no Estádio «Primeiro de Maio», em Braga. Perrichon (Prado) abriu o marcador. O bracarense Chico Faria igualou e Fontes marcou o golo da vitória do Braga.

Constituição da equipa do Braga: Conhé (João); Artur (Mendes), Duarte, Ronaldo (Dito) e João Cardoso; Paulo Rocha, Zé Artur e Quinto (Pinto); Nelinho, Chico Faria e Fontes.

Prado: Lourenço (Adolfo), Marques (Domingos), Albano, Amaro e Togas; Anselmo, Neca (Jorge) e Perrichon; Tô Veiga (Xavier), Martins e Capunho (Sinalheiro).

«CASO FOLHA»

As direcções do Sporting Clube de Braga e do Leixões Sport Clube consideram irregular a contratação do jogador Folha pelo Boavista Futebol Clube. Segundo ofício enviado pelo clube bracarense à Federação e tornado agora público, tanto o Braga como o Leixões «consideram irregular a forma como foi obtido o documento de rescisão de contrato entre o jogador Folha e o Leixões».

Ora como o documento de rescisão instruiu o processo de registo na FPF, do novo contrato de Folha com o Boavista, tanto o Braga como o Leixões consideram este último documento «nulo ou inexistente».

Entre o Braga e o Leixões havia um acordo para a transferência de Folha do clube de Matosinhos para o Braga, mas o jogador preferiu ingressar no «plantel» do Boavista logo que lhe foi entregue a sua «carta».

SUCESSE PORTALEGRENSE

Adérito e Albertino rubricaram os golos com que o Portalegrense, batendo o Erbas (de Salamanca), por 2-1, conquistou um trofeu em Espanha.

VILANOVENSE BATE O BOAVISTA

O empate (2-2) do Boavista com o Vilanovense, clube que milita na 3.ª divisão nacional de futebol, e a vitória expressiva do Penafiel sobre o Desportivo das Aves (5-0) dominaram a primeira jornada do «Torneio Início», da Associação de Futebol do Porto. Após um empate a duas bolas no final do prolongamento de 30 minutos, o Boavista foi derrotado por grandes penalidades (5-4). No fim dos 90 minutos registava-se um empate a um golo.

Resultados da jornada na Série A: Penafiel - Desportivo

das Aves, 5-0 e Freamunde - Paços de Ferreira, 2-5. Série B: Infesta - Tirsense, 2-1 (após prolongamento) e Vilanovense-Boavista, 2-2 (5-4, por grandes penalidades).

ORIENTAL E CUF

Para treinos da equipa de 1.ªs categorias do Clube Oriental de Lisboa, realiza-se no Estádio da CUF, no próximo sábado, pelas 17 horas, um encontro entre os lisboetas e o Grupo Desportivo da CUF, retribuindo os barreirense a visita, no dia 2 de Setembro, ao Campo Eng.º Carlos Salema.

LUSITANO EM ESPANHA

O Lusitano de Evora actua hoje na cidade de Cáceres, para o Troféu «Cacerense», avaliado em 250 mil pesetas, que tem participação das equipas do Cácerense, Badajoz e Atlético Madrileno.

A comitiva eborense e composta pelos seguintes elementos: Luchero Candeias, Fernando Emilio, Martinho Piteira e Florêncio Silva (dirigentes); Juanito (treinador) e José António (massagista) e os jogadores Figueiredo, Gaspar, Leonel, Pio, Zambojo, Cunha, Zé Chico, Mosca, Zorrinho, Custódio, Avelar, Pinto, Daniel, Caldeira, Lopes, Reis, Filipe e Carvalho.

Hoje: Lusitano de Evora-Cácerense (17h). Amanhã: Badajoz-Atlético Madrileno (17h). Domingo: jogo entre os vencedores.

ESPINHO: LESÕES

Impressionante a lista de lesionados que podem não alinhar no próximo domingo pelo Sporting de Espinho: Amândio, Gonçalves, Vilaça e Sobra. Em contrapartida, está firme nos espinhenses a contratação de Vítor (ex-Leixões e ex-Famalicão).

ATLETICO REFORÇA-SE

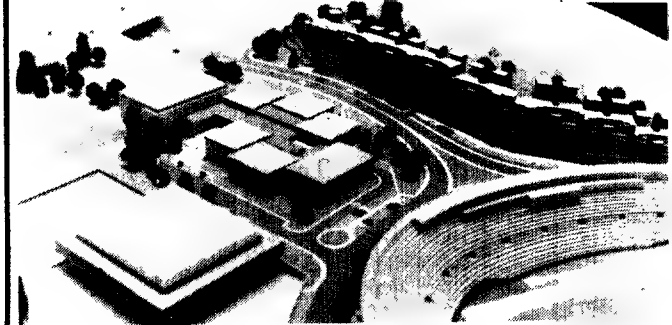
Nelo (que esteve como jogador-treinador no Sintrense) e o benfiquista Spencer (cedido pelo clube da Luz) devem reforçar a turma do Atlético para esta temporada.

Socrates (aos 17 e 65 minutos) e pelos argentinos Passarella (37 minutos) e Diaz (71 minutos).

Com este resultado, a selecção brasileira classificou-se para as meias-finais da Taça América, obtendo o 1º lugar no Grupo Dois (com cinco pontos), seguida da Bolívia (quatro) e da Argentina (dois).



Seccionistas do Sporting foram ontem tentar demover João Rocha da demissão



Trinta mil contos precisam-se para o arranque: depois, em Alvalade pode nascer uma «cidade»

Sporting em momento decisivo

Grande clube, dos mais prestigiosos da Europa, o Sporting debate-se (igualmente) com os problemas naturais numa crise de crescimento e idealização. Colocada em fase de impasse a Sociedade de Construções e Planeamento (empreendimento arrojado, «suígeneris» por estas bandas, que não ha meio de receber beneplácito dos sucessivos Governos ou ameaças) surge agora o propósito de adeus do presidente verde-branco João Rocha a quem, negativamente, o clube de Alvalade deve grande parte do seu lançamento para o futuro: pavilhões, obras em Alvalade, pista de tartan. Todavia, saturado por uma luta de seis anos vivida sob várias vicissitudes, o homem que chefiava o executivo leonino não parece facilmente disposto a prosseguir, pese embora o pedido comum dos seccionistas, ontem reunidos para declararem desistir dos cargos em

caso de se manter a renúncia de Rocha ao prosseguimento do seu mandato.

No plano de projectos (firmes) do Sporting está um complexo desportivo-habitacional verdadeiramente ambicioso, para cujo arranque seria necessário um fundo de maneio da ordem dos 30 mil contos, até aqui negado pela Banca e difícil de obter em meios particulares (associados e adeptos do «leão») por a Sociedade de Construções e Planeamento não estar ainda legalmente autorizada. A propósito: o financiamento de 30 mil contos estava perfeitamente coberto por um património de valor superior a 100 mil contos, mas nem isso remove as entidades que vão (susessivamente) mandando neste País.

Hoje, haverá uma reunião dos dirigentes sportinguistas com o secretário de Estado do Tesouro: será que o «Governo dos 100 dias» fara o que cinco anos retardaram?

O conselho leonino decidiu, hoje de madrugada, convocar uma assembleia geral extraordinária para nomeação de uma Comissão Administrativa para o Sporting Cbde de Portugal. Esta medida surge na sequência da «irreversibilidade» da demissão

do presidente do clube.

A assembleia extraordinária realiza-se no próximo dia 5 de Setembro e a Comissão Administrativa «dirigirá o clube enquanto não for possível constituir um elenco directivo, a propor à nova assembleia geral».

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO EXTRAORDINÁRIO DE 26/30. AGOSTO. 79

Boa Nova 11x x11 1x1 1111; A Comarca de Arganil 111 1xx 122 1111; Cavalcada o Ritmo 111 111 111 1111; Rádio Totobola 111 122 112 1x11; Correio de Coimbra 111 1x1 122 1211; Correio do Vouga 111 x11 112 1111; Diário de Lisboa xx1 12x 112 1x12; Ecos do Cacia 111 21x 121 x111; Estrela da Manhã x11 x11 122 1x1x; Gazeta das Caldas 111 1x1 1x2 1x11; Jornal da

Beira 111 122 122 1x11; O Jornal de Felgueiras x1x 111 1x1 21x1; Litoral 111 111 1x2 1111; Mundo Desportivo 111 x21 122 1x11; Notícias de Evora 111 1x1 112 1x11; Notícias de Felgueiras 111 xx1 111 1x11; RDP - Secção Desportiva xx1 121 11x 1x1x; Voz de Lamego 111 121 121 1x11; Grafonola Ideal 111 12x 1x1 1211; Estúdio 64 2xx 111 11x 1x11; Jornal de Gaia 111 x11

122 1x1x; Jornal da Graça 111 111 111 1111; Jornal de Notícias 111 111 112 x111; Manchete Desportiva x21 121 1x2 1x1x; Penalty 111 122 122 1212; O Primeiro de Janeiro x11 x11 122 1x11; Panorama x11 1x1 1x1 1111; Rádio Placard x11 222 xx1 1x11; Repórter do Dia 111 121 1x2 1x11; Resenha Desportiva 111 x22 112 1x11; A Voz dos Ridículos 11x 11x 12x 1111.

R E S U M O B O L A S									
1 x 2					1 x 2 a)				
1. POLÓNIA - JUGOSLÁVIA	22	8	1		8	3	1		
2. U.R.S.S. - HUNGRIA	27	3	1		9	2	1		
3. ESPANHA - MÉXICO	27	4	0		10	2	1		
4. PORTUGAL - PARAGUAI	21	8	2		8	3	1		
5. JUGOSLÁVIA - ARGENTINA	21	8	2		8	3	1		
6. HUNGRIA - URUGUAI	12	7	12		5	2	5		
7. ESPANHA - ARGÉLIA	21	5	5		8	2	2		
8. JAPÃO - MÉXICO	30	1	0		11	1	1		
9. CANADÁ - PARAGUAI	10	3	18		4	1	7		
10. PORTUGAL - REP. COREIA	28	2	1		10	1	1		
11. POLÓNIA - ARGENTINA	11	17	3		4	7	1		
12. JUGOSLÁVIA - INDONÉSIA	30	1	-0		11	1	1		
13. U.R.S.S. - URUGUAI	25	4	2		10	1	1		

a) - Nos termos do Artº 140 do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A «Chave» lógica será :
111 111ou2 112 1x11

SEM RAPARIGA PARA NAMORAR

Joaquim Sousa Santos: "obrigado aos que se lembrarem dos segundos planos do ciclismo"

Com a quase certeza de que o seu «Quim» é o vencedor definitivo da «Volta a Portugal» em bicicleta, milhares de pessoas de diversas freguesias do concelho da Vila da Feira (vizinhas, portanto, de Joaquim Sousa Santos) deram largas ao seu entusiasmo através das mais variadas formas, transformando muito rapidamente um jovem muito humilde (apesar de quase médico) em vedeta. Encolhido, por vezes «devorado» pela multidão, Joaquim Sousa Santos lá se deixou levar por aquela onda de entusiasmo, desde a sua terra natal (S. João de Ver) até aos Paços do Concelho da Vila da Feira, onde teve honras de pes-



«Namorada, eu?»

soa ilustrar, ou não fosse ele o sr. dr. Joaquim Sousa Santos, o mais recente vencedor da prova máxima do calendário velocipedico nacional.

No edifício camarário (e perante o indescritível entusiasmo daqueles que o acompanhavam), o jovem ciclista recebeu das mãos do presidente da Câmara (dr. Aurélio Pinheiro) uma medalha comemorativa do centenário do dr. Manuel Larangeira (também ele um médico ilustre escritor e humanista, nado e criado na região). Era o reconhecimento público exarado em acta dos representantes do Povo na Câmara para com um homem que, um tanto surpreendentemente, se viu guindado da pacatez para a fama.

TELEFONEMA DA VENEZUELA

Quando procuramos Joaquim Sousa Santos em S. João de Ver (propriamente no lugar de S. Bento), o ambiente era ainda calmo, se bem que de vez em quando se ouvisse, aqui e além, um carro com instalação sonora a anunciar a grande festa que

decorreria passadas umas horas, lá mais para o fim da tarde. Em casa a ler o jornal Joaquim Sousa Santos aguardava uma chamada da Venezuela, do presidente da União Ciclista de Portugal, de Caracas, que se mostrou interessado em promover a ida de ciclistas portugueses à «Volta à Venezuela», tendo escolhido os irmãos Sousa Santos, mesmo sem saber que um deles estava à beira de ser vencedor oficial da «Volta a Portugal».

— Foi o único convite que recebi até agora, e veio antes de noite pelo telefone, e por intermédio de um tio que eu tenho na Venezuela. Foi ele que me disse que estavam interessados em que fôssemos correr em algumas provas, nomeadamente a «Volta» àquele país. Segundo creio, pretendem que façamos duas corridas antes da «Volta», para adaptação, e só depois teríamos de disputar a prova por etapas, ao longo de quase 15 dias.

Em termos financeiros quanto representa para si uma ida à Venezuela?

— Muito embora ainda não esteja de posse de todos os pormenores, fala-se que teríamos tudo pago (viagens, estadia, material, etc) e que, além dos prémios, receberíamos ainda um «cachet» de 50 contos cada um.

DINHEIROS DA VOLTA A PORTUGAL

— Antes de saber que tinha ganho a «Volta» de cá, tinha feito as minhas contas e creio que devia tocar-me um «bolo» de 50 contos. Agora, a confirmar-se a minha vitória, pois, é evidente que esse prémio vai aumentar substancialmente. Isto é: deverá subir até aos 80 contos. O que não será nada mau, já que tanto eu como os meus colegas (os prémios ganhos por cada um são para dividir por toda a equipa) estamos ainda a contar que surja mais algum de outro lado. Do clube, por exemplo. Estou a acabar o meu curso de Medicina e esse dinheiro vai ajudar-me a viver até lá. Por enquanto, não decidi nada quanto a investimentos.

Vai montar consultório?

— Não penso nisso, por enquanto. Sou uma pessoa muito presa à minha terra, vivi sempre os problemas daqui e, por isso, sempre que tenho um bocadinho de tempo livre é para aqui que me dirijo. Não, para já é minha intenção ficar por aqui uns tempos.

Devendo terminar o curso de Medicina em Janeiro próximo, qual vai ser o futuro de Joaquim de Sousa Santos, como ciclista?

— Se possível, depois de concluir o curso e o estágio, penso tirar a especialidade de Medicina Desportiva, porque quero continuar ligado ao desporto e, sobretudo, à modalidade de que tanto gosto: o ciclismo. Continuarei, no entanto, a correr, se não surgir qualquer contratempo. Depois dos exames, vou fazer uma ligeira pausa que se deverá prolongar por toda a próxima época. Corrirei, apenas, ao fim-de-semana, não com o intuito de obter boas classificações mas apenas para não perder o ritmo da competição. Depois dessa pausa, penso reatar a actividade por mais duas épocas. Só.

Continuara no F. C. Porto ou pensa mudar de clube?

— Será difícil continuar no

Porto: a projecção de um clube como o F. C. Porto não se compadece com ciclistas que só podem correr de vez em quando. No Porto, as pessoas trabalham para os títulos. O mais certo será correr como individual ou então pelo clube da minha terra, o S. João de Ver.

Toca o telefone. Joaquim de Sousa Santos estabelece um diálogo que deixou perceber a forma como se estava a processar o negócio da ida à Venezuela. Dizia: «antes de lhe dar uma resposta, tenho de ir a Coimbra falar com os meus professores para saber quais as facilidades que me dão para ir aí. Sabe, tenho exames no início de Outubro, mas olhe que se houver possibilidades eu vou mesmo. Tenho muitos amigos e simpatizantes aí, na Venezuela, e, por isso, confesso que gostava de ir. Olhe, já agora, se fosse possível ir mais alguém, para além de mim e do meu irmão... O quê? Um «sprinter»? Esta bem: levo o Manuel Gomes. E um que suba bem, foi o que disse? Bem, nesse caso, o melhor será levar também o Venceslau. Pronto, estamos assim combinados: na 5.ª-feira estarei aqui outra vez à espera de um telefonema. Adeus e cumprimentos ao meu tio. Olhe, e já agora, diga-lhe, por favor, que eu devo ganhar a «Volta». Não se esqueça, tá bem?

Acabada a ligação telefónica, muda-se de assunto: Quim, para quando o casamento?



Em S. João de Ver: sempre sobre a bicicleta

— Eu não tenho rapariga. Parece impossível, não é? Mas, é mesmo verdade. Se eu mal tenho tempo de me dedicar aos estudos e à bicicleta, como poderia arranjar tempo para namoros? Ainda é muito cedo.

A concluir diz-nos Joaquim Sousa Santos:

— Queria dedicar esta vitória aos meus pais. Por outro lado, tendo em conta o facto de ao longo da minha carreira nunca ter tido entre os homens da informação falada e escrita quem se lembrasse de mim, queria pedir que lembrassem aos vossos camaradas que não olhassem apenas para o vencedor e para aqueles mais velhos, muitos dos quais já estão arrumados para o ciclismo. O que se passou comigo desgostou-me bastante: o mesmo está a passar-se com o meu irmão. Tendo sido (ele) um «aguadeiro» durante a «Volta» toda, mesmo assim conseguiu ficar em 6.º lugar. Ora isto não é para qualquer um. Obrigado, pois, a todos os que se lembrarem dos segundos planos do ciclismo.



Hospital de Loulé, controlo antidoping: Belmiro, Marco e Ruas. A análise do homem do Lousa iria revelar-se positiva

MODALIDADES EM DESFILE

ATLETISMO

Mudança sensacional: José Carvalho, um dos melhores atletas portugueses de todos os tempos, transfere-se do Sporting para o Benfica. «com um contrato por três anos», segundo informa o nosso colega «Mundo Desportivo».

António Leitão, medalha de bronze nos 5000 metros dos «européus» de juniores, parte para o Brasil, onde vai participar (domingo) na segunda prova internacional do Caminho. Leitão desloca-se a convite da colónia de emigrantes portugueses e espera «dar-lhes a mesma satisfação do ano passado: ganhar aprova».

A corrida disputa-se em estrada num percurso de seis quilómetros.

HQUEI EM CAMPO

O Clube de Futebol União de Lamas foi considerado campeão nacional de hóquei em campo na categoria de seniores da época 1978-79 em substituição do Futebol Benfica. A decisão foi tomada na reunião da Federação Portuguesa da modalidade, tendo como base a circunstância de terem faltado ao Centro de Medicina Desportiva alguns jogadores lisboetas que actuaram em todos os encontros do campeonato.

Em comunicado divulgado pela Federação salienta-se que «foram penalizados o Futebol Benfica e o Sport Lisboa e Benfica por terem utilizado praticantes fora das condições estipuladas no regulamento do cartão medico-desportivo».

concluindo-se que «o União de Lamas seja consequentemente o campeão da época de 78/79».

O Campeonato Nacional de Seniores foi homologado com a seguinte classificação final: 1.º, União de Lamas 6 jogos, 13 pontos; 2.º, F.C. Porto 6 jogos, 12 pontos; 3.º, S.L. Benfica 6 jogos, 6 pontos; 4.º, F. Benfica 6 jogos, 0 pontos.

XADREZ

A Comissão de Qualificações da Federação Mundial de Xadrez recomendou a promoção de quatro novos «grandes mestres» e 26 «mestres internacionais», entre os quais se encontram promissores jovens soviéticos e norte-americanos. As recomendações terão agora de ser aprovadas pela assembleia geral da Federação Mundial de Xadrez, que será inaugurada na próxima semana na capital portorriquenha, mas de um modo geral este organismo aceita as promoções propostas pela Comissão de Qualificações.

Os quatro novos «grandes mestres» são os jugoslavos Slobodan Martinovic (39 anos) e Juraj Nikolic (47), o cubano Jesus Nogueiras (29) e o bulgaro Nikolay Spirdinov (41).

Entre os novos 26 «mestres internacionais» propostos contam-se os nomes do soviético Garry Kasparov (16 anos), considerado pelos peritos de xadrez como o futuro sucessor

Mundiais de ciclismo

FRAUDE PREJUDICA BELGAS

O belga Willem Feeters foi excluído da selecção nacional para o campeonato do mundo de estrada, que se efectua no próximo domingo, devido a uma tentativa de fraude no controlo médico, em 15 do corrente, numa corrida em Lessines, na Bélgica. A tentativa de fraude — analoga a de Follentier, o ano passado (no «Tour» em Alpe D'Huez) — segundo se julga, acaba de ser punida com três meses de suspensão de todas as provas.

RDA SUPERIOR

A ausência do melhor ciclista da RDA (Martin Goetze) não impediu aquele país de conquistar a medalha de ouro da 1.ª prova do mundial de ciclismo contra-relogio por equipas total de 100 quilómetros. Czes, campeão nacional de a dores, não participou na corrida por se encontrar lesionado e substituído pelo primeiro suplente, o jovem Falk Boden.

O treinador da equipa da RDA esta convencido de que se Goetze tem podido alinhar a classificação de tempo sobre a 2.ª classificada, a Polónia, teria sido superior.

Os ciclistas da RDA prepararam-se separadamente ao longo da temporada e só correram juntos em quatro provas de treino, uma das quais disputada na polónia.



O dr. Correia da Fonseca (ladeado por Fernando Bourbon e Vasco Mota Pinto) ao lançar mais uma época do Totobola

Totobola: época 19

O movimento das apostas do Totobola no ano em curso deveria ultrapassar a barreira dos dois milhões e 500 mil escudos em receitas brutas — revelou há dias o dr. Correia da Fonseca, director do Departamento de Apostas Mútuas Desportivas.

Segundo afirmou, serão arrecadados 15 mil e 500 milhares de escudos, desde o início da actividade do Totobola até final do ano corrente, retirando o serviço das Apostas Mútuas Desportivas cerca de 50 milhares de escudos semanalmente.

Por outro lado, considerou impopular a intervenção do fisco na exploração do Totobola, ao afirmar que «sendo estatais ou para-estatais as entidades beneficiárias dos dinheiros do Totobola, não se compreende que o Orçamento Geral do Estado venha buscar (...) aquilo que irá entregar às mesmas entidades».

A próxima época do Totobola inicia-se este fim-de-semana e coincide com a 1.ª jornada do campeonato nacional de futebol da divisão principal.

O início da 19.ª época do Totobola é assinalado com a realização de dois concursos: o ordinário (que se destina aos prog-

nósticos de treze jogos dos campeonatos nacionais de futebol das primeiras divisões portuguesa e inglesa) e o extraordinário, onde as previsões recaem sobre treze jogos no Torneio Mundial de Juniores da Fifa, no Japão. Neste concurso os apostadores que jogarem com 10 ou mais apostas em cada bilhete, poderão participar num sorteio de sete viagens a Moscovo, com estada e bilhetes de ingresso nos Jogos Olímpicos de 1980. Até ao fim do ano haverá mais cinco sorteios de forma a proporcionar a deslocação a Moscovo de 42 apostadores.

Ja foi revelado que, tanto a criação do 3.º prémio como a institucionalização do «loto» em Portugal, só poderão ser concretizados, quando «a mecanização das operações dos concursos for um facto».

Depois de uma época 1978-79 considerada de «transição» o Totobola iniciou uma reestruturação nos seus serviços, o que possibilitou a compra de 400 máquinas de modelo evolucionado, permitindo o aumento em cerca de 1200 do número de agentes de actividade.

Barreirense sem dinheiro

O Barreirense contestou uma acção judicial que lhe foi movida por Clarimundo Pereira e Cabrita Ferreira (presidente e vice-presidente da gerência anterior) que se reclamam credores de dois mil contos respeitantes a um empréstimo de três mil, dos quais mil foram já liquidados. O Barreirense alega, na sua contestação, que o referido empréstimo foi considerado liberalizado, pelo que a dívida só seria liquidada quando o clube quisesse e puder, sublinhando também «a situação caótica e deficitária da colectividade, pelo que não é possível a liquidação da dívida, nem a curto, nem a médio, nem a longo prazo».

JOFRAMA

SALDOS

**MALHAS
CALÇAS
CAMISAS
COLCHAS
COBERTORES
CORTINADOS
JOGOS DE CAMA
JOGOS TURCOS**

**MAS NÃO SÃO MONOS!!!
SÃO ARTIGOS DE QUALIDADE A PREÇOS SUPER-BAIXOS**

LISBOA R. JOÃO DAS REGRAS 4-B
R. DA MADEIRA 203-215
R. DOS FANQUEIROS 226 - SEDE
VISEU R. DO COMÉRCIO 46-54

EVORA: R. ROMÃO RAMALHO 29
AVEIRO: Av. Dr. LOURENÇO REIXINHO 169
FAMALICÃO: R. LUÍS BARROSO 69



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por UNIDADE)

E MOEDAS ESTRANGEIRAS	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	48\$85	53\$85
ALEMANHA (DM) (marco)	26\$55	27\$65
AUSTRIA (xelim)	3\$55	3\$75
BELGICA (franco)	1\$592	1\$692
BRASIL (cruzeiro)	1\$20	1\$80
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	41\$40	43\$40
(notas de 5 a 1000)	41\$90	43\$90
DINAMARCA (coroa)	9\$20	9\$60
ESPAÑA (peseta)	\$703	\$803
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	48\$35	50\$35
(notas de 5 a 1000)	48\$85	50\$85
FINLÂNDIA (marca)	12\$65	13\$25
FRANÇA (franco)	11\$40	12\$00
HOLANDA (florim)	24\$20	25\$20
INGLATERRA (libra)	108\$70	112\$70
ITALIA (lira)	\$054	\$064
JAPÃO (ene)	\$201	\$231
NORUEGA (coroa)	9\$65	10\$15
SUECIA (coroa)	11\$50	12\$10
SUIÇA (franco)	29\$35	30\$45
VENEZUELA (bolivar)	10\$00	11\$00

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 2 por mil.

tempo

**SITUAÇÃO DO TEMPO
ÀS 09.00 H**

O céu estava em geral limpo. O vento era fraco ou moderado de Norte e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	20°
BRAGANÇA	17°
VILA REAL	18°
PORTO	17°
P. DOURADAS	18°
COIMBRA	14°
CABO CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	17°
LISBOA	18°
EVORA	18°
SINES	17°
BEJA	18°
SAGRES	19°
FARO	25°
PONTA DELGADA	21°
FUNCHAL	21°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
4.02 3,8 m 9.25 1,0 m	
16.16 4,0 m 21.48 1,0 m	
Dia 25	
4.33 3,8 m 9.57 1,0 m	
16.47 3,9 m 22.19 1,0 m	
Dia 26	
5.04 3,8 m 10.30 1,1 m	
17.17 3,8 m 22.52 1,1 m	

**PREVISÃO DO TEMPO
ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ**

Céu geralmente limpo. Vento moderado predominando de Norte com rajadas na costa Ocidental a Sul do Cabo Carvoeiro.



**NAScer ÀS 6.59
OCASO ÀS 20.18**

DIA 30	DIA 6	DIA 13	DIA 21
--------	-------	--------	--------

rádio

1.º Programa

17.00 Trajectória, programa da juventude. 19.00 Música portuguesa. 19.30 Jornal da noite. 20.00 Música popular. 20.30 Temas de desporto. 21.00 Lisboa em Camisa. 21.15 Música variada. 22.00 Conjuntos. 22.30 Forma e conteúdo. Trisemanário das artes e das letras. 23.00 Programa da noite. 24.00 Último jornal

2.º Programa

18.00 Noticiário cultural. 18.10 Música portuguesa. 19.00 Um quarteto de Mozart. 19.30 Cancioneiro popular. 20.00 Concerto sinfónico. 21.55 Música de câmara. 22.30 Curiosidades musicais. 23.00 Intercâmbio musical. 00.10 Música sinfónica. 01.00 Fecho

Radio Comercial (294m)

18.45 Espaço Citroen. 19.45 Teatro trágico. 20.00 Quando o telefone toca. 20.33 Cartaz. 21.00 Música para meditar. 21.30 Quando o telefone toca. 22.33 Rubrica musical. 23.00 Projectão

Emissão Estereofónica

18.03 Hora de ponta. 19.00 Em órbita. 21.03 Forum

RADIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde. 18.08: Apelos. 18.15 Igreja em notícia - palavra do dia. 18.30 Transmissão do Ierpo do Externato do Parque. 19.00 Programa da Liga dos Amigos de Radio Renascença. 20.00 Objectivo. 20.54 Apelos. 21.05 Programa da Liga dos Amigos de Radio Renascença. 22.00 Quando o telefone toca. 22.30 Temas vivos. 23.05 Última hora. 23.30 Actualidade económica. 23.55 Fecho.

544545



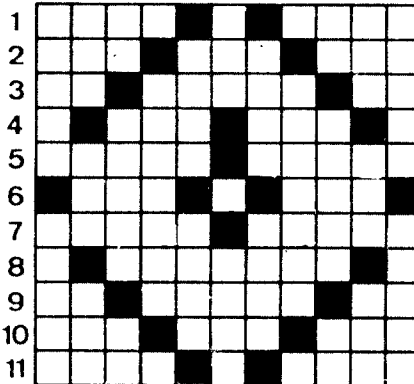
**centro S.O.S.
voz amiga**

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 12 417

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS:

- 1 Nome de fruto. Nome de mulher.
- 2 Agora Solitários. Maior.
- 3 Barro (s.q.) Apelido. Abreviatura que se usa em música.
- 4 Preposição. Também não.
- 5 Incisão cirúrgica feita com instrumento cortante. Cidade do estado de Pernambuco (Bras).
- 6 Falda. Caminho.
- 7 Cosa de valor insignificante (fig.) Labutou.
- 8 Pertencente a Etolia.
- 9 Abreviatura de Santíssimo. Banquete entre amigos, custeado em comum. Prefixo de negação.
- 10 Piedosa. Princípio. Época.
- 11 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Lavras.

VERTICAIS:

- 1 Indigente. Esturro na comida.
- 2 Estava. Animal doméstico. Consentimento.
- 3 Radio (s.q.). Mendigo. Autores. Divide.
- 4 Cure. Gorgulho tropical.
- 5 Boudoso. Limpa com água.
- 6 Inércia. Canto de dor para chorar a morte da vegetação, na antiga poesia grega.
- 7 Emprego.
- 8 Amónio (s.q.). Triturado. Erbio (s.q.).
- 10 Rato. Primeiro nome dum político vietnamita filho do imperador Aname Cplera.
- 11 Fuga. Caixões funerários.

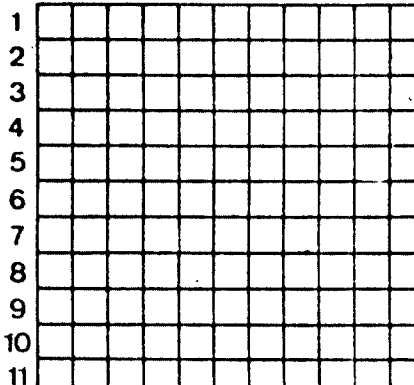
Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8477

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS:

- 1 Ilha entre o Oceano Pacífico, o mar da China e a Coreia.
- 2 Rio da Rússia. Comerá à ceia. Medida japonesa igual a dois decímetros.
- 3 Em as. Nome de planeta. Oterec.
- 4 Nome de um peixe do Brasil. Atihos.
- 5 Nota musical. Pronome pessoal. Grande afeição.
- 6 Tempo do verbo haver. Desejos.
- 7 Limpam metas. Nome de astro.
- 8 Sapato (gr).
- 9 Antes do meio dia. Patrão. Dar pros.
- 10 Freguesia do concelho e distrito de Leria. Escavar.
- 11 Igualar. Agora.

VERTICAIS:

- 1 Monseñor (abrev.). Cidade da Pérsia.
- 2 Dançaram.
- 3 Ecoa. Erbio (s.q.). Clima.
- 4 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Em má hora anti).
- 5 Referremos.
- 6 Ruim. O mesmo que toro (Bras).
- 7 Verbal. Gosta muito de.
- 8 Apelido. Seguiam. Rio da Itália.
- 9 Domo.
- 10 Aentorme. Rio da Suíça.
- 11 Uma das Cíclades. Arenga (pop).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 416

HORIZONTAIS

- 1 CALAR E Cas
- 2 Marão Doma
- 3 Sanas. Somos.
- 4 Asco. Pas. Rs.
- 5 Dia. Ana
- 6 Eira. Sr.
- 7 Aroma. Tre.
- 8 Oc. A
- 9 Recomeçar
- 10 Iao. Acerado
- 11 Arais. Se. Os

VERTICAIS

- 1 SABEDORIA
- 2 Amas. Cear
- 3 Lançara. Coa
- 4 Arão. Arco
- 5 Ras. Mas
- 6 Piam. EC
- 7 Saa. Alces.
- 8 DOS. Are
- 9 Com. Areara.
- 10 Amornar. Do
- 11 Sassa. TOLOS

Provérbo: CALAR É A SABEDORIA DOS TOLOS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8476

HORIZONTAIS

- 1 Turim. Carta.
- 2 Adorar
- 3 Aru. Ror. Ser.
- 4 Me. Alada. Re
- 5 Asa. Ama.
- 6 Or. Iaras
- 7 Aleas. Ais
- 8 Uvas. Mio
- 9 Liras. Palma
- 10 Ad. Somara
- 11 Sas. Sararas

VERTICAIS

- 1 Tramo. Aula
- 2 Re. Olvida.
- 3 Rau. Arear
- 4 Id. As. Asas.
- 5 Montais. Sós.
- 6 Roa. Ma.
- 7 Cardara. Par
- 8 Ar. Ama. Ara.
- 9 Rás. Assolar
- 10 Er. Im
- 11 Abrem. Amais.

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

PROBIDADE, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **DELÍO**, R. Açores, 32-34 (T. 572386); **NOVA LISBOA**, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 867721); **MIRANDA**, Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **AURELIO REGO**, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **ALMEIDA DIAS**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **CENTRAL DO LUMIAR**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 790480); **OLIVAS**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **CURIE**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778439); **FERNANDES**, R. S. José, 187 (T. 326476); **CABRITA**, Parque Residencial Miraflores, lote 12-A (T. 2101486); **CATELA TAVARES**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 915446); **CRUZ CORREIA**, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

IBERIA, R. Barão Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **S. JOSÉ**, R. dos Anjos, 41-A (T. 534027); **VÉRITAS**, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **MACEDO**, E. Poço do Chão, 69-C (T. 703597); **IVONE**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650780); **GRUJO**, R. do Grilo, 25 (T. 385284); **CRUZ NUNES**, P. Duque de Saldanha, 135 (T. 41845); **BRITO**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970680); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA, Magalhães, R. Capitão Leal, 8-B (T. 2750242); **COVA DA PIEDADE**, Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 270121); **LARANJEIRO**, Moderna, R. Dr. António Elvas, 84 (T. 2490305); **COSTA DA CAPARICA**, Higienista, Av. do Mar, 23 (T. 4400020); **SESIMBRA**, Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO**, Higienista, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017); **AMORA**, Julieta Campos, R. Ribatejo, 2, Cruz de Pau (T. 2211131); **SEIXAL**, Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO**, Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032); **MOITA**, União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS**, Guzmão, R. Cândido dos Reis, 30 (R. 204020); **ALCOCHETE**, Nunes, R. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Cascais

ALCABIDECHÉ, Carvalho, Até às 21 horas; **PORTO SALVO**, Ferreira Bastos, Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS**, Trindade Brás, R. Costa Pinto,

184 (T. 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS**, Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS**, Leal, Até às 21 horas; **CARCAVELOS**, Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas; **VILAR**, Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA**, Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PARÉDE**, Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**, Até às 21 horas; **AMOREIRA**, Amoreira (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **ESTORIL**, Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS**, Cordero, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 260170). Até às 21 horas; **A. Costa**, R. Freitas Reis, 240-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA, Helénica, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613). Permanente; **Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **DAMAIA**, Confiança, R. D. Maria II, lote D (T. 9710231); **QUELUZ**, Serra & Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 957619); **CAMARATE**, Nova, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726); **CACÉM**, Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-A; **MEM MARTINS**, Químia, E. Mem Martins, 285 (T. 2910012); **AGUALVA-CACÉM**, Mira Sintra, P. N. Torre, 310, Até às 20.30; **MERCES**, Claro Russo Permanente; **RIO DE MOURRO**, Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA**, Marrazes, Estefânia (T. 2930058). Permanente; **COLARES**, Abreja (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CAMPOS - Rua Padre Luis Cabral, 943, Foz. Telf. 660113; **ALVES MOREIRA** - Av. Rodrigues de Freitas, 167 Telf. 31869; **CLERIGOS** - Rua dos Clerigos, 36 Telf. 315394; **CRUZ** - Rua de Costa Cabral, 1082, Telf. 480041; **MONTE DOS BURGOS** - Rua do Monte dos Burgos 502 Telf. 62279; **ALIANÇA** - Rua da Conceição, 2 Telf. 24203; **GUARANI** - Rua Pedro Hispano 367 Telf. 62250; **MENESES DE LIMA** - Praça Dr. Teotónio Pereira 227 Telf. 51764

(De dia e toda a noite)

LIDADOR - Rua do Lidador, 265 Telf. 663739; **ESTÁCIO** - Rua Sa da Bandeira, 120, Telf. 22664; **BOTELHO** - Rua da Alegria, 663, Telf. 480069; **MAIA** - Rua do Campo Alegre, 192 Telf. 64450

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

FIGUEIREDO - Rua da Sofia, 107, Telf. 22837; **DIAS FERREIRA** - Bairro da Solum Telf. 72120

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A (18 anos)
As 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 23.45
INTERIORS/INTIMIDADE
Filme de Woody Allen
SALA B (13 anos)
As 15, 17, 19, 21.45 e 23.45
- Int. men. 13 a.
NOSTALGIA DO AMOR

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 15.15, 18.15 e 21.30h
Não acons. men. 13 anos
E A RECOMPENSA CHEGOU...
com Mala Sinha Rajinder Kumar,
Randhir Xapoor e Pravin Bhabhi

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30
e 21.30 h 20.ª Semana
O CEU PODE ESPERAR
Não acons. men. 13 anos
Hoje e todos os dias às 23.30
Para Todos
SETE NOVAS PARA SETE IRMÃOS

AVIS 547163

Av. Duque D'Ávila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O regresso da dupla explosiva!
Um autêntico arrabalde de gargalhadas!
JUNTOS SÃO DINAMITE
c/ Bud Spencer e Terence Hill
5.ª semana

BERNA 776098

Av. Marques de Tomar
14.00 16.30 19.00 e 21.30
Para todos

O COMBO QUE LEVAVA SAUDADES
c/ Dinah Sheridan, Bernard Cribbins e
Jenny Agutter
Um filme de Lionel Jeffries

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
GREASE
(Brilhantina)
c/ John Travolta e Olivia Newton-John
um filme de Randal Kleiser - colorido
30.ª semana

CASTIL 580194

Rua Castilho
As 15.30, 18.30 e 21.30h
Não acons. men. 13 anos
a mais hilariante viagem de suspense
da sua vida!
O EXPRESSO DE CHICAGO
com Gene Wilder

CINE 222 Tel. 579460

Av. Praia da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
As 14.15, 16.30 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA RAZÃO PARA VIVER
As 23.45 h - N. acons. m/18 anos
O ESCORPIÃO
Todos os dias às 11.00h - Para Todos
A Grande paródia
c/ Louis de Funès

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
A FREIRA DIABÓLICA
As 24.00 h - Não acons. m/13 anos
HEROIS DO OESTE

CINE CAMÕES 324194

Rua de Loreto, 15
As 14.00, 16.30 e 21.30h
N. acons. men. 13 anos
AMOR E VIDA
(filme indiano)
Com Amitabh Bachchan, Shashi
Kapoor e Rishi Kapoor
um filme de Yash Chopra

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
As 14.30 16.45, 19.00 e 21.30h
N. acons. m/18 anos
EASY RIDER
com Peter Fonda e Dennis Hopper
um filme de Dennis Hopper
As 23.45
OS MARIDOS DE ELISABETH
de Joshua Logan

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
O PEQUENO BANHISTA
Para todos
c/ Louis de Funès

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
As 15.30 e 21.30h
N. acons. men. 13 anos
TELEFONE
com Charles Bronson

D. JOÃO V 971794

Praça Centro Comercial - Damais
As 21.15 h - Int. men. 13 anos
CUIDADO, AS CRIANÇAS ESTÃO A VER

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
As 14.00, 16.30 e 19.00h
N. acons. m/18 anos
Últimas exhibições de
O TEMPO DOS LUTADORES
As 21.30h
Estreia
O GRANDE DESAFIO
Int. men. 13 anos

ESTUDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O mundo apaixonante da aventura, da
violência e do amor!
4 NO TEXAS
c/ Frank Sinatra, Dean Martin e
Ursula Andress

ESTÚDIO 444 779065

Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30, 21.30 h
Int. men. 18 anos
Uma sociedade sofisticada de outros
tempos
«VICIOS PRIVADOS, PÚBLICAS VIRTUDES»
c/ Lajos Balazsovits e Pamela Villoresi

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
As 15.15 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
A TULIPA NEGRA
c/ Alain Delon e Virna Lisi
As 24.00h - Sessão da meia-noite
N. acons. m/18 anos
VA GORILA, CHEGA-LHE!
Fabio Testi e Claudia Marsani

IMPERIO 555134-5

Al. Afonso Henriques, 35
As 15.15, 16.30 e 21.30h
Int. men. 13 anos
Alain Delon na mais violenta e proibida
história de amor
OUTONO ESCALDANTE

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
NÃO POSSO PASSAR SEM TI
c/ Annie Girardot

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
As 14.15 e 17.45h Últimas
SPARTACUS
As 21.15h
Grupo B M/10 anos
TORA! TORA! TORA!
Projeção do filme 5 minutos após o
início da sessão

MONTECARLO Tel. 681117

A. Pedro Álvares Cabral, 37
As 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
- 13 a.
IMÉRIO DO GREGO
História de amor que fascinou o mundo
(Parque de estacionamento privativo)
4.ª semana

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrás, 12-A
EMCERRADO POR MOTIVO DE OBRAS

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
(Não acons. men. 18 anos)
FÉRIAS MACABRAS
Um filme de Dan Curtis
com: Bette Davis - Oliver Reed - Karen
Black

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas, 7
As 15.15 e 21.30h
Um duelo implacável
FLIC STORY
Não acons. men. 18 anos

ODEON 326283-4

R. Condes, 12 e 20
15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
DISPOSTA A TUDO
Muitos dos problemas dos casais de
hoje
4.ª semana

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- 13 a.
FRANKENSTEIN JR.

POLITEAMA 326305

R. Portas de St.º Antão
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
HERCULES
c/ Steve Reeves-Sylvia Koscina
Gianna Maria Canale

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1: As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Int. men. 18 anos)
A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO
Real. Gilles Carle
SALA 2: As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Int. men. 13 anos
JONAS
Realiz. Alain Tanner

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
As 15.15 e 21.30
Int. men. 18 a.
A CORRIDA DA MORTE DO ANO 2000

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB
As 21.30 ESTREIA!
nao acons. m/13 anos
uma grande comédia italiana!
UMA AVENTURA NAS CRUZADAS
com Vittorio GASSMAN e Stetania
SANDRELLI
As 15.30 e 18.30 - n. acons. m/13 anos
JUNTOS SÃO DINAMITE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
4.ª Semana
ANTHONY QUINN/JACQUELINE
BISSET em
O IMPÉRIO DO GREGO
Um filme de LEE THOMPSON !!!
Technicolor
Não acons. a M/13 anos

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175 2.ª semana
As 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
Grandes Realizadores
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
c/ Jack Nicholson
Um filme de Milos Forman

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
3 sessões 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 16 anos
A CLASSE DOMINANTE
2.ª semana
Peter O'Toole - Arthur Lowe - Harry
Andrews
projeção do filme 5 minutos após o
início das sessões

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
15, 18 e 21.30
Int. men. 13 anos
Uma obra-prima de humor - à italiana!
OS NOVOS MONSTROS
com Vittorio Gassman, Ornella Muti,
Alberto Sordi e Ugo Tognazzi
11.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
A comédia que provoca rugidos de
gargalhadas!
O RATO QUE RUGE
c/ Peter Sellers e Jean Seberg

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h
5.ª semana
A sensação **REAL** da maior batalha
aeromáquina do século!
A BATALHA DE MIDWAY
com Charlton Heston, Henry Fonda,
James Coburn, Glenn Ford
N. acon. M/13 anos !!! Technicolor
Atenção: este filme será apresentado
na espantosa multidimensional de
SENSURROUND

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
JUVETUDE DE HOJE

ZODÍACO Tel. 578551

Rua Conde de Redondo, 5
hoje às 14.14, 17.00 e 21.30
LARANJA MECÂNICA
Com: Malcolm McDowell e Patrick
Magee
interdito a menores de 16 anos
As 23.45 h. - N. acons. M/18 anos
O SABOR DA VINGANÇA

lubrificantes

GALP

a máquina é exigente





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

• ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTRO 185 1.º
TELEFONES 55431/2/3

• REDACÇÃO: PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SOBRADO 44
TELEFONES 321154/5 320211/2/3 320228 312 81/2
PUBLICIDADE 360301

• SERVIÇO NOTÍCIAS JORNALISMO
PONTINHO 321156
MELHORES GARANTIAS 320229

• MODALIDADE TELEFONICA JORNAL 3113 3114
LISBOA PORTUGAL

• DELEGACIA DO PORTO
RUA DO ALMADA 30-2 TELEFONES 20954/5

FISIPE pode hipotecar edifícios

O Governo autorizou a Fisipec (Fibras Sintéticas de Portugal) a constituir hipotecas a favor da Caixa Geral de Depósitos.

No preâmbulo do decreto considera-se que a hipoteca dos bens de particulares não deve determinar uma situação de indefinição ou relativa indisponibilidade material da parcela de domínio público em que os bens se implantam. O Estado ao condicionar o período de validade da autorização da garantia evita que, no caso de reversão, se chegue a uma situação de facto em que tenha de suportar o bloqueamento do domínio.

As hipotecas abrangem todos os edifícios e penhores mercantis de todos os equipamentos construídos e montados numa parcela de terreno junto à margem esquerda do rio Tejo.

(Hoje 28 páginas)

O funeral do industrial Torres

Um cortejo de duzentos automóveis — bastantes de luxo, outros com matrícula de Pontevedra (Galiza) — totalizando cerca de um milhão de pessoas, acompanhou ontem, das 17 horas às 20 e 30, o funeral do industrial Joaquim Torres, saído da Igreja das Antas para o Cemitério de Fradão (Amarante), sua terra natal. À saída da igreja, algumas centenas de curiosos aguardaram o início do préstimo fúnebre, cuja marcha relativamente lenta se deveu também à circunstância de ocorrer nas horas de ponta, na circulação rodoviária da cidade e arredores.

Conhecidas personalidades nortenhas do CDS (Walter Cudell e Luis Azeredo), MURN (Avides Moreira) e PSD (um deputado cujo nome não conseguimos apurar), o governador civil do Porto, de antes do 25 de Abril, Jorge da Fonseca Jorge, Valentim Loureiro (presidente do Boavista) foram assinaladas à saída da Igreja das Antas. No entanto, a generalidade dos participantes era constituída por comerciantes e industriais (madeiras e têxtil) nortenhos e seus familiares, pessoas das relações do industrial morto. Abílio de Oliveira, comendador têxtil de S. Tirso, implicado também na rede bombista, telefonou apenas a dar os pêsames, enquanto que o ex-inspector da Judiciária Júlio Regadas, (igualmente réu do processo das bombas) enviou um filho em sua representação.

O célebre cónego Melo, do arcebispado de Braga, que terá organizado em 75 a célebre reunião de comandos do ELP (Alpoim Calvão incluído) num seminário bracarense e que — segundo alegadas afirmações de elementos da rede bombista — «abençoava» as mãos dos «operacionais» após cada rebentamento, proferiu a homilia da missa de acção de graças que antecedeu o início do funeral.

Aquele membro da Igreja considerou, na citada homilia, o industrial Torres um homem «de forte e vincada personalidade a quem o povo muito ficou a dever...», acrescentando, ainda, que «santos são os homens que sabem colocar a Pátria acima de tudo».

No trajecto do funeral viam-se numerosos curiosos, na bermá da estrada, sobretudo na zona

de Paredes, observando a passagem dos automóveis, além de grande aparato da GNR. Era visível uma indiferença geral nos rostos, a contrastar com a passagem há cerca de quatro anos do corpo do soldado Luis (vítima das rajadas disparadas contra o RALIS em Março de 75). O funeral daquele militar que fez semelhante trajecto (até ao concelho de Amarante) foi assinalado pela presença massiva de pessoas ao longo da estrada, de rosto comovido e, em muitos casos, de punho erguido homenageando o soldado que tombou em defesa dos ideais de Abril.

Quer junto da igreja, quer nas imediações do cemitério, onde está instalado o jazigo de família, era visível também um discreto sistema de segurança e vigilância montado por pessoal considerado das relações do morto, nalguns casos de ex-comandos.

Junto da campa e na presença dos familiares de Ferreira Torres, o pároco local fez as orações habituais, não se tendo registado qualquer intervenção ou alocução de carácter não-religioso. Facto ainda de assinalar: as principais figuras (muitos quedaram-se pelo cartão pessoal) presentes no cortejo não chegaram a entrar no cemitério. Havia uma subida íngreme e longa a cumprir a pé para se poder atingir o cemitério, e, certamente por isso, muitos optaram por dar meia volta nos respectivos carros e regressaram ao Porto.

A ausência de intervenções ou discursos junto à campa de Joaquim Torres terá, tanto quanto apurámos, obedecido a indicações dos familiares, sendo de admitir que, passado o im-

pacte emocional das primeiras horas (reações e declarações da viúva), se procure agora fazer esquecer o acontecimento, dada a gravidade e consequências das revelações que uma completa e rápida investigação poderão suscitar.

Com efeito a brigada da PJ, constituída pelo inspector Moura Pinto, pelos subinspectores Fausto Saraiva e Abel Marques e pelos agentes Soeiro, Baptista e Ferreira, não manifesta, aparentemente, qualquer interesse pelas diferentes e confusas indicações telefónicas e anónimas que visam dar conteúdo político ao atentado ocorrido na passada terça-feira. Julga-se, aliás, que os títulos «grossos» de alguns jornais de extrema-direita (caso da «Rua» e alguns matutinos) não visam senão fazer aproveitamento político imediato — procurando acentuar a crise actual — de um caso que, tudo o indica, não passa de simples ajuste de contas que envolverá dinheiros ou outros valores e promessas não cumpridas.

AS ARMAS DE TUY

Os investigadores (uma parte assistiu à missa de acção de graças) não terão deixado de notar a presença na igreja da mulher e filha de Simão Ribeiro, antigo agente da PIDE, em casa de quem (Tuy, na Galiza) em Novembro de 1978, foram encontradas importantes quantidades de armas e munições de guerra (92 armas e quase 24 mil balas).

Simão Ribeiro, pessoa das relações de Joaquim Torres foi então preso e terá pago uma caução de 600 mil pesetas para sair em liberdade. Segundo se julga, aquele indivíduo (o nome que a viúva citou no local do atentado como sendo o que proferiu ameaças e que residia em Espanha) terá solicitado um empréstimo ao industrial de Murça, dadas as dificuldades que teve para pagar a caução. O empréstimo foi recusado e, segundo familiares, as pressões e

ameaças sobre Joaquim Torres não se fizeram esperar, tendo familiares seus indicado que ultimamente ele se mostrava acabrunhado, triste e muito aborrecido afirmando estar «farto de tudo» e mostrando-se desejoso de trespassar quintas e fabricas.

Registe-se, tal como publicámos em 3 de Fevereiro último, a propósito das armas de Tuy, e com base num extenso e documentado artigo do semanário espanhol «Interviú» que a descoberta do arsenal no supermercado «Guimar» (nome da filha de Simão Ribeiro presente ontem no funeral) terá sido devida «a denúncia de alguma pessoa que tinha problemas pendentes com o Simão Ribeiro, relacionados com o suposto contrabando de bens patrimoniais, artísticos e outros valores de Portugal para Espanha».

«Alguns portugueses — dizia ainda a «Interviú» — que se sentiram atraídos por não conseguir de Ribeiro a devolução de algum tesouro posto em suas mãos em momentos difíceis, pôde fazer a denúncia e dar as pistas suficientes e evidentes para que a Polícia espanhola tivesse que mobilizar-se». No artigo acrescenta-se que junto da casa de Simão Ribeiro era frequente encontrar-se automóveis de contrabando com matrículas francesas, angolanas, etc. Por outro lado, e acerca das armas, a «Interviú» assinalava então a possibilidade de tal depósito ter que ver também com o ELP/MDLP, organização em que Ferreira Torres tinha papel destacado.

«Alguns depósitos de armas ficaram à espera de melhores tempos para os contrarrevolucionários. Mas os melhores tempos não chegaram. Simplesmente Portugal mudou de rumo para cair novamente nas mãos da direita e as armas ficaram enterradas onde estavam» — sublinhava a propósito o semanário espanhol.

Em suma, os negócios escuros de armas, automóveis, divisas e outros valores, terão envenenado progressivamente as relações entre os seus principais mentores, que carecidos de motivações políticas para novas acções solidárias passaram ao ajuste de contas por dívidas ou promessas por cumprir.

Entretanto, a PJ considera perfeitamente falaciosa a notícia de ontem de um matutino português que dizia terem sido encontradas as armas do crime. Por outro lado, a autópsia revelou que os disparos foram provenientes de duas pistolas (uma automática e outra semi-automática) tendo seis das balas disparadas atingido a cabeça de Joaquim Torres. Foram encontrados no local dez invólucros de balas de 9 e 7.65mm. Admite-se que os primeiros disparos terão sido feitos de cima de um morro, de frente, obrigando o Porsche do industrial a encostar-se à bermá, tendo, outro dos autores do atentado disparado finalmente à queima-roupa.

Os investigadores pretendem, conforme apurámos, estender as suas investigações a Espanha e a todo o Norte e Sul de Portugal.

Mais entregas de reservas em UCPs e Cooperativas

Foram notificadas para entrega de reservas, já por iniciativa do novo Executivo, catorze UCP's e cooperativas do distrito de Évora que, segundo as normas, têm o prazo de dez dias para apresentar a sua contestação. Os processos estão, portanto, ainda na primeira fase, devendo depois os responsáveis do MAP pronunciar-se sobre as questões postas pelos trabalhadores.

De acordo com as declarações prestadas por um elemento do Secretariado Distrital das UCP's e Cooperativas de Évora «os trabalhadores vão contestar os casos que lhe parecerem ilegais tal como faziam anteriormente, no tempo de Vaz Portugal...».

Esperam, no entanto, que o novo titular da pasta do MAP tenha em conta as razões expostas nas contestações que de maneira nenhuma colidem com os preceitos da Lei Barreto. «O que está a suceder agora não sai fora do que o ministro disse quando há duas semanas quando nos recebeu. Aliás, sem assumir qualquer compromisso connosco, garantiu que iria estudar os processos e rever alguns despachos do anterior Executivo, se houvesse razão para isso...» — sublinhou o dirigente do Secretariado Distrital das UCP's e Cooperativas de Évora, por nós contactado.

O ministro na entrevista com os representantes dos trabalhadores manifestou, ainda, a convicção de que na verdade havia ilegalidades no processo de entrega de reserva. E para evitar qualquer confusão que viesse a surgir, salientou que a última reserva, da responsabilidade do Governo Mota Pinto fora precisamente entregue na véspera da entrevista com os porta-vozes dos trabalhadores. As próximas reservas que, eventualmente, viessem a ser entregues já seriam da responsabilidade do novo Governo.

Quase sete milhões de eleitores podem votar em Dezembro

Continuação da pag. 1

primeiro. Existem este ano mais 430 mil 839 eleitores para menos 12 deputados.

Em 1976 cada deputado «custou» em teoria 24 mil 723 votos, se abstrairmos os 16,7% de abstenções. Em Dezembro cada um dos 245 deputados eleitos no Continente e ilhas «custará», sem contar com as abstenções, 28 mil 279 votos. Mais «caro» 3556 votos. Como o «DL» já indicou em ocasiões anteriores, vários círculos perderão deputados, sendo Lisboa, o maior círculo eleitoral, 1 496 970 eleitores, aquele que logicamente perderá mais deputados. A capital poderá ter 52 deputados, embora o número certo resulte da aplicação do método de Hondt a cada círculo e não é um simples processo de divisão e distribuição de restos.

PIDES E LEGIONÁRIOS

A Comissão Nacional de Eleições tem prestado esclareci-

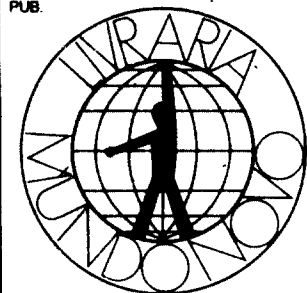
mentos a numerosas dúvidas postas por eventuais eleitores. Algumas das dúvidas provêm de cidadãos abrangidos por incapacidade eleitoral prevista no art.º 308 da Constituição, por menorizadas no dec-lei 621-B/74 de 15 de Novembro, como, por exemplo antigos membros da ex-Pide e da ex-Legião Portuguesa.

A CNE terá de elaborar o calendário eleitoral que inclui o prazo de apresentação de candidaturas em listas completas e respectiva verificação pelos juizes, a data do início e encerramento da campanha eleitoral, bem como o sorteio da posição das listas nos boletins de voto.

Cabe igualmente à CNE a distribuição dos tempos de antena dos partidos e coligações na RDP e RTP bem como nas restantes estações de rádio privadas.

Resultados finais da actualização do recenseamento eleitoral de 1979, por distritos (círculos eleitorais).

	78/79	79
Açores	157 073	157 533
Madeira	149 252	150 018
Aveiro	403 718	406 811
Beja	144 279	144 768
Braga	412 766	416 127
Bragança	124 847	125 235
Castelo Branco	178 801	179 417
Coimbra	319 414	320 464
Evora	138 443	139 140
Faro	242 719	243 473
Guarda	151 685	152 444
Leiria	293 244	294 162
Lisboa	1 489 618	1 496 970
Portalegre	110 891	111 255
Porto	1 008 199	1 013 677
Santarém	335 450	336 276
Setúbal	455 804	457 643
Viana do Castelo	171 891	172 870
Vila Real	170 974	171 692
Viseu	284 336	285 783
Circ. Eleit. Europa	57 980	59 403
C. Eleit. Fora da Europa	61 066	64 133
C. Eleit. Fora da Europa (Macau)	9 150	9 164
TOTAL	6 871 600	6 908 458



EM SETÚBAL DE NOVO

SEXTA-FEIRA 24 DE AGOSTO

REABERTURA DA LIVRARIA

MUNDO NOVO

Av.º 5 de Outubro, 180 inauguração às 18,30h Av.º 5 de Outubro, 180

COM A PRESENÇA DE LUÍSA BASTO A AUTOGRAFAR O SEU NOVO DISCO «MALHÃO DO MEU PAÍS»

POPULARES
LIVRARIAS



Como os americanos fizeram o Moma

Um campeão do valor de troca dos objectos de arte

Teria preferido sentar-me diante das «tintas negras e sépia sobre papel cor de amora», de Pollock, se à vinda dos quadros a Lisboa não se tivesse associado a embaixada que também se ocupa da vinda de porta-aviões ao Tejo e das tabuletas que, diante de certas construções, dizem donde veio o dinheiro para as erguer. Mas é do cinquentenário do «Moma» que se trata, e os americanos não dão ponto sem nó, também no tocante a iniciativas culturais. O «Moma» é o grande Museum of Modern Art de Nova Iorque e não há como a sua história para espelhar a do «cultural management» nos EUA.

João Mendes

A sua vocação estava inscrita no discurso fundador dos colecionadores privados que, em 1929, o lançaram, instalando-o num 12.º andar da Quinta Avenida:

O objectivo principal do museu será o de adquirir, de tempos a tempos, quer por oferta quer por compra, as melhores obras de arte moderna... Dentro de dez anos Nova Iorque, com a sua grande riqueza, as suas já esplêndidas colecções particulares, pode talvez possuir o maior museu de arte moderna do Mundo!

Não «mais um» museu, mas «o maior». Para os poucos colecionadores da época, comprar arte moderna europeia era um investimento de grande

prestígio, emblema de uma casta. Ora ela efectivamente estava à venda...

Agora que me sento no recinto da exposição individual de Pollock, depois de percorridas as salas onde está a «grande mostra do Moma», é quase possível ignorar que tudo isto resulta de meia dúzia de famílias da grande burguesia americana, que em plena crise económica se quiseram redimir comprando arte e mostrando-a ao «povo».

O legado Bliss

Eram, de início, as sras. Lillie Bliss, Cornelius J. Sullivan e John Rockefeller, o sr. Goodyear e mais dois ou três «pioneiros», entre os quais um professor de

História de Arte. Respeitando acima de tudo as regras de ouro do «private collector», «audácia» e «inflexibilidade», eles iriam de facto, associados a alguns especialistas, dar origem a um dos mais importantes museus contemporâneos de artes visuais. A sua primeira exposição foi inaugurada dias depois da «terrível queda das cotações na Bolsa de Nova Iorque», que abria a Grande Depressão. Exibia as três colecções privadas de que dispunham e mais algumas obras obtidas de empréstimo pelo sr. Goodyear em Paris, Londres, Berlim e Amsterdão.

Tinham descoberto a pólvora. Um mês depois da inauguração, o tesoureiro disse aos administradores que contava com dívidas de 115 mil dólares por ano, durante dois anos. Eram mais que pés para andar.

Seguiram-se, em oito meses, mais nove exposições. Os fundadores mantiveram os olhos postos na pintura de Paris e foram-na comprando.

Em 1931, Lillie Bliss morria e legava ao museu a sua colecção quase completa: 33 óleos, 14 aquarelas, 2 pastéis e 40 gravuras incluindo 22 Cézanne, obras de Matisse, Modigliani, Picasso, Seurat... O legado Bliss passou a ser a base da colecção permanente do Museu, mas não apenas devido às obras propriamente ditas; talvez sobretudo por outra razão.

A morta punha condições. O legado só era realizável se os administradores garantissem uma sólida base financeira para o Museu (o objectivo tornou-se um milhão de dólares). E especialmente, certa cláusula do legado reflectia a inflexibilidade do legador: o Museu poderia vender ou trocar as obras oferecidas por outras, sempre que quisesse fazê-lo.

Goodyear transformou no mesmo ano a cláusula em regra:

Salvo algumas excepções, não serão aceites ofertas com a condição de não poderem ser substituídas por venda ou por outro processo que os administradores possam julgar conveniente.

Estava escrito o capítulo fundamental da Bíblia: o Museu ia viver do valor de troca dos objectos de arte.

Desse modo foram logo adquiridas as «Demoiselles D'Avignon» e a «Ma jolie», de Picasso, além de um Van Gogh, um Matisse e um Brancusi.

O jovem professor Alfred Barr, escolhido para dirigir o Museu, excitava a política de compras dos administradores:

Os administradores podem decidir manter um esquema de aquisições rigidamente elevado. Isto, na prática, pode tornar-se

Continua na pág. 4



As «tintas negras» de Pollock

Ópera Cómica de Berlim

Mário Vieira de Carvalho

Houve quem classificasse de «acontecimento cultural do século» a estreia da versão integral da «Lulu» de Alban Berg, este ano, na Ópera de Paris.

O espectáculo, gravado para a televisão, foi visto em Portugal em filme a preto e branco. Na altura, lembro-me de ter chamado a atenção para o carácter excepcional da montagem, que tanta tinta fez correr na imprensa europeia. Citei até um texto de Adorno, de há vinte anos, onde aquele pensador alemão, a respeito das óperas de Berg e da necessidade de os teatros líricos as assimilarem perfeitamente, formulava o voto de que se completasse «a orquestração da Lulu», obra lírica essencial das últimas décadas, do ponto de vista não somente musical mas também cénico» («DL» de 17/4/79). Perfeita assimilação pareceu ser, de facto, o resultado do trabalho do encenador Patrice Chéreau e do chefe de orquestra Pierre Boulez,



sobre a partitura completada por Frederick Cerha e com base num elenco de excelentes e actores-cantores. Decerto nunca antes na Ópera de Paris (talvez nunca antes na maior parte dos

teatros líricos) a linguagem musical e a linguagem cénica alcançaram um tão elevado grau de síntese, para produzir pura e simplesmente teatro.

Mas... «acontecimento cultural do século»? Eis o evidente exagero da publicidade mais ou menos sensacionalista que continua a fazer de Paris o centro do mundo e dos

chamados países ocidentais o universo. Põe-se entre parêntesis a situação normal, que é a da rotina assente no espectáculo de ópera convencional, e no público convencional, pretendendo-se compensá-la com «um» acontecimento de grande

Continua na pág. 6



Um outro Pessoa

Pág. 8

Duda Guennès
Jogar
com
palavras

Pág. 8

Caminhos do cinema húngaro



«Não sei se diga que fiquei surpreso, uma vez que a minha expectativa era grande: por certo que fiquei perplexo ante a não promoção deste cineasta que ombreia, sem favor, com Jancsó, Meszáros ou Kovács» — diz Jorge Leitão Ramos de Gyongyossy, realizador húngaro, cuja obra pôde conhecer de perto em Budapeste. Em outro artigo que também hoje publicamos, Leitão Ramos escreve, a propósito da cinematografia húngara, sobre o estalinismo. «Quase militante-mente antestalinista, o cinema húngaro é aquele que, no seio dos países do Leste europeu, mais longe levou a reflexão sobre esse fenómeno». Na foto: Imre Gyongyossy durante filmagens, rodeado por dois actores.

Pág. 3



Circuitos paralelos

Mini-ronda teatral

Lentamente embora, o teatro reaparece: o Teatro Aberto já está em funções, todas as noites, excepto às segundas. O texto é corrosivo, a gargalhada antimilitarista e saudável. Boris Vian, o autor, viveu 39 magros e esquecidos anos. A sua peça, «O Chá dos Generais», chegou até nós pela mão sabida, pelo olho vivo, de sensibilidade e experiência feito de Rui Mendes. Após a estreia, datada de 16 deste mês, as críticas que entretanto surgiram são positivas. O tempo de ensaios não foi muito. Os pormenores vão-se apurando nas tábuas do pequeno teatro à Praça de Espanha. Poderá ser o êxito deste início da temporada. Paratal a equipa do Teatro Aberto conta com a sua presença. A encenação é de Rui Mendes. Os cenários de Augusto Casimiro.

No «Vasco Santana», o Teatro Estúdio de Lisboa continua a representar, todas as noites para você, «Quando a Banda Tocar». É um espectáculo popular, ligeiro e aguenta-se em cena desde o dia seis do passado mês de Julho. Se o leitor está sindicalizado, tem 50 por cento de desconto. Após vários adiamentos e em nova casa, Picadeiro do Cruzeiro, no Monte Estoril, está finalmente em cena «A mãe ou a comédia repugnante do filho da mãe» de Witkiewicz. Espectáculo do Teatro Experimental de Cascais em cujo repertório se contam alguns dos espectáculos de maior qualidade dos últimos anos, a encenação é de Carlos Avilez.

Viano do Castelo é, pelo menos neste momento, a capital do Norte em teatro. O facto tem a ver com muitas boas vontades, com a dinâmica do teatro amador que se tem desenvolvido em pequenos grupos («A Gruta», «O Pataco»), empenhados numa animação cultural na região só comparável à do Centro Cultural de Évora onde a presença de Mários Barradas é decisiva. Assim, amanhã, estreia no Centro Cultural do Alto Minho a nova peça do GTA «Gruta»: «Com duas pedras na mão». Orlando Artur Ferreira Barros assina o texto e a música. Lopes Graça está presente com uma canção. Em Meadela, Viana do Castelo, a Seiva Trupe, apresenta também amanhã «Máquinas Assassinas» de

Miguel Barbosa.

Eu TEAR, o grupo de teatro profissional daquela cidade minhota, prepara para o primeiro dia de Setembro, as «Guerras de Alecrim e Manjerona», do Judeu.

Domingo infantil

Se o seu filho gosta de cinema e o leitor é capaz de sacrificar um dia de praia num domingo que se prevê quente, pode, às 11 horas, acompanhá-lo ao Cine Camões para «As Aventuras de Tom Sawyer»; ao Europa, para ver «Os campeões de Oxford». Neste cinema o seu filho pode ainda deliciar-se no sábado às 18 horas com «Tim-Tim e o Templo do Sol». «Alf Bábá e os Quarenta Ladrões» passa no Terminal, domingo às 11 horas. No Cinearte, às 18 e 15 de domingo, é exibido uma «Noite em Casablanca». Classificação de todos: para todos.

Fantoches no «Zoo»

Uma visita ao Jardim Zoológico é mais que um divertimento: é a satisfação da curiosidade, um princípio do conhecimento. E se escolher uma tarde de domingo, das 15 às 18 horas, os seus filhos podem ver um espectáculo de fantoches pelo grupo «Há Festa». A iniciativa pertence à Jodipa, cooperativa de edições didácticas. Se marcou numa sua agenda a nossa sugestão, adiantamos-lhe, com o maior rigor, o local: Jardim Zoológico dos Pequenos. O espectáculo é completamente grátis.

A criança em fotografia

Se é amador de fotografia está ainda a tempo de concorrer ao I Salão Nacional de Fotografia sobre a Criança e a Terceira Idade integrado nas comemorações do AIC e promovido pela «Providência Portuguesa». A data de carimbo para entrega dos trabalhos tem como prazo limite o dia 28 de Setembro. E ponha no endereço: «A Providência Portuguesa», Rua da Sofia, n.º 193, Coimbra. A taxa de inscrição é de 90\$00, e os prémios, que serão conhecidos a 12 de Outubro, dão direito a taças, três contos para o primeiro, e dois e um para os segundo e terceiro.



«Chá dos Generais» é riso saudável, corrosivo e antimilitarista. Boris Vian, o autor, de curta vida, foi de tudo um pouco: engenheiro naval e poeta, actor de cinema e trompetista de jazz. Morais e Castro e Carlos Gonçalves já passaram da fase de ensaio às tábuas do palco, todas as noites, para si, leitor



Estoril Musical

Cravo de Bach preenche totalmente o programa do concerto desta noite, às 21 horas no Pavilhão dos Congressos, no âmbito do V Festival de Música da Costa do Sol. No mesmo dia, mas um pouco mais cedo, às 18 e 30, no Museu dos Condes Castro Guimarães, em Cascais, pode assistir a um concerto pela classe de canto da professora Ré Koster dos XVII Cursos Internacionais de Música da Costa do Estoril.

Sax do Louisiana

A partir das 22 e 30 de hoje o Quinteto João Heitor ataca no Louisiana. O flash identificativo: Rui Cardoso (sax), Gramaça (sax tenor), Mário Jorge (guitarra eléctrica), João Grilo (baixo eléctrico) e João Heitor (bateria). O Louisiana mora na Rua José Florindo de Oliveira (não confundir com a Rua José Florindo) em Cascais.

Cinema não profissional

Os cineclubes representaram antes do 25 de Abril autênticas escolas. Muitos dos actuais cineastas engordaram o seu «bichinho» pela imagem nas famílias cineclubista. O movimento parece hoje querer ressurgir. Se de Portimão nos tinha vindo já este mês de Agosto notícias de uma mostra de cinema não profissional, hoje chega-nos uma «breve» da nossa delegação no Porto informando que nesta cidade, o CCP (o Cine-Clube do Porto) com sede na Rua do Rosário, n.º 5, 1.º está a organizar uma mostra de cinema não profissional. Já existem datas: 28, 29 e 30 de Setembro. E interesse: estarão presentes no certame os trabalhos mais representativos dos cineastas não profissionais portugueses.

Poetas a Setúbal

A 15 de Setembro vai haver assembleia de poetas em Setúbal. A ideia é original, tem como pretexto a data de nascimento de Bocage. São organizadores o Centro Cultural e a Câmara Municipal de Setúbal e é feriado na cidade. O telefone para os poetas candidatos à assembleia: 29130. As comunicações dos participantes assentam em três temas: Bocage, Setúbal e a primeira Assembleia de Poetas.

Cinema de Verão

Mas nem só de poesia vive Setúbal: a Casa da Cultura da Juventude da cidade e o Centro Cultural de Setúbal organizaram um encontro de cinema. Hoje, «Não toques na mulher branca», de Marco Ferreri, será passado nos claustros do museu da cidade, às 21 e 30. A mesma hora e no mesmo local têm exibição garantida: «A Armadilha» de Sidney Hayers (sábado); «O Padrinho» de Coppola (domingo); «Aconteceu no Oeste» de Sérgio Leone (dia 31); «Uma noite em Casablanca» com os irmãos Marx (dia 1 de Setembro); «Morte em Veneza» de Visconti (domingo, dia 2). O encontro tem o apoio da FAOJ e CM de Setúbal.

AR.CO em Setembro

A partir de Outubro a AR.CO tem um programa repleto. Agosto é o mês de férias. Setembro o início de uma nova programação que se adivinha rica ao que, aliás, nos vêm já habituando os «sonhadores» da Graça, perto do Miradouro de Santa Luzia. Com início a 5 de Setembro e ponto final a 15 a AR.CO convida-o para 10 dias de cursos (três) livres. Escolha: um curso de pedra por João Cutileiro; outro de pintura, com Ângelo de Sousa; um terceiro de sombra, com Lurdes de Castro. Qualquer dos nomes é suficientemente representativo para que não se sinta defraudado, caso esteja nos seus propósitos prestar um pouco de atenção ou mesmo participação aos cursos. E espere por Outubro. A AR.CO promete.

TOM no Casino

Thomaz de Mello, vulgo TOM, continua na Galeria de Arte do Casino do Estoril até ao dia 28. A quantidade e a data dos trabalhos (óleos, «gouaches», aquarelas, técnicas mistas, tapeçarias e outras obras produzidas num período que vai de 1939 a 1979) mais justificam que se chame a esta exposição uma retrospectiva que propriamente uma simples mostra. TOM é um dos sobreviventes da geração a que pertencem Almada, Leitão de Barros, Fred Kradolter e António Pedro. Para que conste: nasceu no Rio de Janeiro em 11 de Agosto de 1906. TOM reaparece nas galerias portuguesas seis anos depois da sua última exposição, do Palácio Foz.

Pintura na Cerveira

Nadir Afonso, o flaviense que trabalhou com Nemeyer no Brasil e já se auto-retratou no «Sete Sete», foi o primeiro pintor a expor colectivamente em Vila Nova de Cerveira, no âmbito de um programa da Câmara Municipal daquela vila sob organização do Grupo Alvarez. O acontecimento cultural é datado de 5 de Agosto e fixou-se no Salão Nobre do edifício da edilidade. Sete dias depois, foi a vez de Artur Bual. No próximo domingo, a fechar esta iniciativa, é inaugurada a exposição de desenho e pintura de António Soares, o que representa a primeira exposição póstuma de homenagem ao pintor.

Rogério Rodrigues

Teatro

Abecedário Teatral

Carlos Porto

BAURA, MARINA — Não é possível, e, concordemos, seria supinamente ridículo, querer escrever em letras de ouro o nome da actriz venezuelana. Peço por isso ao senhor compositor o favor de manter a caixa alta: MARINA BAURA. Ela transformou a personagem de Rómulo Gallegos, D. Bárbara, numa personagem de tragédia, e merece enfileirar ao lado das «divas» que têm resgatado a nossa televisão de muita «vil e apagada» mediocridade.

ELOGIO FÚNEBRE — Peço licença ao Jorge Leitão Ramos para falar de dez minutos de um

filme que vi há dias. Tenho uma desculpa: trata-se mais de teatro do que de cinema. Diria talvez melhor: trata-se pura e simplesmente de espectáculo. Estamos a ver um filme, aliás interessante sob vários aspectos, e de repente sentimo-nos arrebatados — termo em desuso mas que aqui serve muito bem. Foi o caso. Imagine-se a cena. Trata-se do funeral de um actor cómico, acompanhado pelos colegas e por um pequeno conjunto musical. Em frente do caixão, já metido na cova, Alberto Sordi faz um discurso em que recorda o morto, a sua vida, o seu traba-

lho. Os colegas choram copiosamente. De súbito, o actor (e que actor aquele Sordi!) deixa de discursar e passa a representar, que é como quem diz, deixa de representar o discurso para representar o teatro do cómico morto, de quem era colaborador; deixa de representar em 1.º grau, para representar em 2.º grau. Os colegas acham-lhe graça. E riem com as piadas do actor morto, reconstituídas pelo actor vivo, e choram através do teatro do actor vivo, o actor morto. As pessoas que estão no cemitério a arranjar as campas, os guardas, etc. aproximam-se e formam o público. O conjunto toca, Sordi e os outros actores cantam e dançam à volta da cova. Os outros aplaudem. Não há qualquer aspecto sacrilégio na cena. Simplesmente, o cemitério transformou-se num palco; a morte transformou-se em vida. Em escassos minutos somos postos perante as relações do cinema (ler: espectáculo) com a vida, com a morte pelo meio. Admirável, meus caros, sim-

plesmente admirável. (Para quem não souber, convém esclarecer que a cena a que me referi pertence ao filme «Os Novos Monstros», em exibição no Star).

LOURENÇO, JOÃO — Actor. Encenador. O espectador atento ter-se-á interrogado sobre o paradeiro daquele que é um dos valores seguros do nosso teatro. Co-fundador do Grupo 4, que abandonou há tempos, principal responsável pelo êxito de um dos grandes espectáculos do teatro português do após 25 de Abril («Círculo de Giz Caucasiano», de Brecht), JL tem estado quieto e calado. Depois de ter passado alguns meses no «Berliner Ensemble», onde trabalhou na nova encenação de «Mãe Coragem», recebeu vários convites que não chegaram a concretizar-se. No entanto, posso informar o tal espectador atento que JL está a trabalhar num espectáculo que deve apresentar em 1980 num dos nossos principais teatros.

Ele gosta de trabalhar com tempo. A sério.

TRAGÉDIA — O «Diário da República» de 17 do corrente publicava a escritura datada de 19 de Abril de 1979 da constituição de uma «sociedade cooperativa de responsabilidade limitada sob a forma de sociedade anónima sob a denominação de Tragédia Infantil — Produções Teatrais, SCARL».

«O objectivo social é o exercício de actividades relativas a espectáculos teatrais, assim como quaisquer outras que, no seu desenvolvimento, a sociedade de libere abarcar».

«A sociedade Tragédia Infantil — Produções Teatrais, SCARL é uma empresa de trabalhadores cujo objectivo é o de procurar encontrar as formas de organização do trabalho e das relações de trabalho e produção que melhor correspondam aos interesses e promoção do fenómeno teatral.»

Enfim, uma tragédia...



Não há dúvida: estamos em baixa-mar, e o «ponto» não tem nada para soprar. Não tem quase nada, melhor. O caso é que se estreou no Teatro Aberto um novo espectáculo do Grupo 4, como se diz ao lado. Trata-se de um espectáculo a ver, com calor ou com frio. Vantagem das gargalhadas, que tanto aquecem como arrefecem, tudo dependendo da aragem. Absolutamente, a não perder. Pelas últimas notícias que temos continua o Vasco Santana o espectáculo do TEL, com a peça de Luzia Maria Martins, «Quando a Banda Tocar». Antes ou depois de uma sardinhada na Feira Popular, não deixa de ser uma hipótese. No Estoril, algures no antigo picadeiro, o Teatro Experimental de Cascais, estreou finalmente a peça de Witkiewicz, «A Mãe». Para já, podemos dizer que, no mínimo, o autor merece a deslocação.

Cinema

Dois textos sobre a Hungria

Jorge Leitão Ramos



ANGI VERA: a perplexidade e a angústia ante uma certa forma de educação política.



A COUDELARIA: uma acusação ética aos métodos estalinistas.

Memórias do estalinismo

É bem certo que o estalinismo é uma sombra imensa que continua a pesar sobre as organizações que se reclamam do comunismo e sobre os países com partidos comunistas no Poder. A Hungria não foge à regra e quase se poderia dizer ser o último país a poder fazê-lo. Afinal de contas Budapeste em 56 não é coisa que se esqueça brevemente. Quase militantemente anti-estalinista, o cinema húngaro é aquele que, no seio dos países do Leste europeu, mais longe levou a reflexão sobre esse fenómeno. Por vezes sob a forma sumária do esconjuro mágico (algumas das obsessões de Jancsó vêm daí), outras com uma vontade de o compreender, só mais recentemente com o propósito de o mostrar. Tal percurso pode parecer invertido em relação ao que normalmente acontece mas é preciso não esquecer que o estalinismo é um trauma muito forte que acompanha os mais lúcidos e generosos dos (então) jovens comunistas de 48. E se hoje é possível vermos antigos estalinistas (como Jancsó ou András Kovács) e antigos prisioneiros dos campos (como Imre Gyöngyössi) irmanados numa mesma solidariedade estética, ética e política, tal não é só revelador das imensas mudanças que a Hungria

viveu desde a viragem da década 40/50, mas de um caminho interior árduo, trilhado no silêncio das consciências e na revisão moral e política. O estalinismo foi possível (no caso da Hungria), porque a um regime que inicia e pratica um vasto conjunto de medidas profundamente ligadas a anseios populares (o fim do poder da oligarquia burguesa, a nacionalização dos meios de produção, a Reforma Agrária, a efectiva reconstrução de um país dizimado pela guerra) é sempre dado um crédito amplo. Por outro lado, para a mobilização de pessoas necessária à prossecução das gigantescas tarefas em vista, é sempre mais cómodo e eficaz a simplificação do mundo feita através de maniqueísmos sumários; ainda: para se conseguir a coesão organizativa necessária para essas tarefas dificilmente são viáveis métodos de trabalho participados e discutidos, sendo o reforço das decisões administrativas e de cúpula um meio operacional em que é fácil cair. Daí à estreita ortodoxia e aos campos vai um passo inevitável. Dois filmes fundamentais dão, na Hungria/79, contribuições marcantes para a reflexão aberta do estalinismo e das suas sequelas: A

coudelaria de András Kovács e Angi Vera de Pál Gábor, duas películas que estarão presentes, em Portugal, no próximo Festival da Figueira da Foz e de que era urgente conseguir estreia comercial. A coudelaria não é só o expoente de um dos mais lúcidos, penetrantes e subtilezadores húngaros do presente. Antes, constitui uma obra riquíssima onde, com uma atenção e um rigor impressionantes, se afirma um gesto exemplar e, ao que julgo, pioneiro. Os seus personagens são colhidos no final da década de 40, quando os tempos românticos da Revolução tinham passado e o burocratismo estalinista se começava a instalar. No espaço de uma coudelaria situada junto à fronteira jugoslava, um grupo de oficiais direitos, a ela confinado por suspeitas de conspiração, defronta um jovem militante comunista colocado à cabeça dessa coudelaria por razões políticas, nada percebendo de cavalos. O primeiro conflito em presença mistura, assim, duas coordenadas importantes: a oposição (social) entre personagens saídos da aristocracia e da burguesia, cultos, e a figura do camponês iletrado mas esforçado, honesto e comunista que os chefia; a oposição entre os que detêm o saber (mas não o poder) e o

que detém o poder (mas não o saber). Só que esse conflito não está desligado do que se passa no exterior. Por um lado a realidade fantasmática e simbólica de cães selvagens que rodeiam o acampamento (o dono — o coronel que chefiava a coudelaria — fogira e, desde então, tinham-se recusado a aceitar outros donos), sobrevivendo no campo minado que separa a herdade da fronteira, morrendo em explosões nocturnas, massacrados no final, por outro lado o quotidiano político que se fecha cada vez sobre a cabeça dos ingénuos e dos bem-intencionados, o medo que invade tudo, a insegurança que se apodera de todos, o convite à denúncia fácil, o poder de uma polícia secreta que sabe todas as coisas de toda a gente, os campos de concentração. Há neste filme um clima de sufocação progressiva que nos leva a aproximarmo-nos mais dos personagens e a tentar decifrar neles as dúvidas, as raivas, os remorsos e os desejos. Surpreendente é a cena em que os oficiais direitos se revelam um pouco enquanto pessoas (e já não, ficcionalmente, como arquétipos do inimigo reaccionário) e narram algumas das arbitrariedades de que suas famílias tinham sido vítimas. Um filme de

que se sai como de um sonho mau. Angi Vera, pelo seu lado, opera segundo mecanismos bem diferentes. Enquanto Kovács fecha o seu filme como quem acabou de enterrar um cadáver adiado longamente insepulto (o seu filme é sem devir), Gábor oferece-nos uma película aberta sobre o futuro, isto é, sobre o presente: «que aconteceu a Angi Vera? ou onde está hoje Angi Vera?» são perguntas fulcrais que o filme implicitamente sugere. Construído segundo a sucessiva denegação dos «discurso tipo» do cinema do Leste europeu (nem o homem contra a burocracia, nem o amor contra a ortodoxia ideológica, nem o coro de boas-vontades socialistas redimindo o indivíduo, nem sequer a acusação burguesa do colectivismo estrangulando o privado), este filme narra o estranho percurso de uma jovem bem-intencionada nos corredores de uma escola de quadros do Partido. 1948 é o ano em que tudo se passa e o cenário é bem complexo. Das sessões de crítica e autocritica à denúncia convicta, passando pela submissão à burocracia de velhos operários militantes de décadas, é todo um conjunto de métodos e de concepções que vai sendo revelado com uma segurança espantosa. Angi Vera irá sendo moldada para

os ideais do socialismo nessa escola de onde sairá como quadro: no final do filme, dentro de um carro, ela é conduzida para um jornal onde vai trabalhar como redactora.

Pál Gábor não faz, com Angi Vera uma acusação mas uma constatação. De algum modo o filme é solidário com os ideais do socialismo (não é possível, em nenhum momento, dizer-se que se está em presença de uma crítica de direita), sente-se irmão dos esforçados militantes que o desejam construir. Há, porém, uma perplexidade e uma angústia que, longe de se apaziguarem, permanecem para lá do filme. Afinal de contas, muito provavelmente, Angi Vera é hoje um quadro dirigente do país.

Que todo este tipo de problemática possa ser abertamente discutido pelo cinema húngaro, eis o que é, indiscutivelmente, um sintoma positivo; a prova de que há uma salutar dinâmica dentro da sociedade húngara, a prova de que a lucidez acompanha os seus intelectuais no olhar que sobre o seu passado e o seu quotidiano deitam.

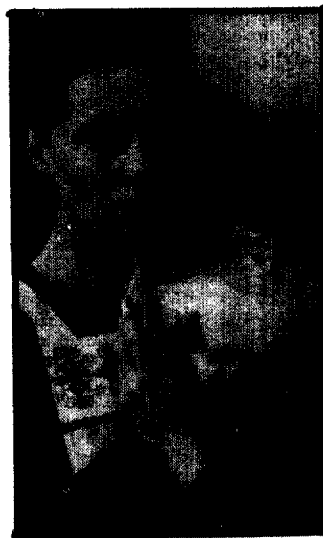
J.L.R.

Um continente a descobrir: Imre Gyöngyössi

Nascido em Pécs, no sul da Hungria, em 1930, Imre Gyöngyössi é um daqueles cineastas que, à força de praticarem um cinema de ruptura, acabam por jamais acederem aos canais da promoção interna e externa e, assim, permanecem num semianonimato entre a multidão de fazedores de filmes. Este tipo de situação, vulgar de leste a oeste, tem, no cinema húngaro, o seu caso como exemplar.

Profundamente povoado pela tradição centro-europeia da transfiguração do realismo, Gyöngyössi é um cineasta de perfil secreto, nervoso, onde se sente uma vitalidade e uma inquietude que extravasam em múltiplas direcções. Foi, aliás, a sensação de aparente calma por sobre um interior eruptivo que se desprende da sua mais recente película (*Duas decisões*, co-realizada com Barna Kabay, exibida na semana de cinema húngaro, em Janeiro, na Gulbenkian; sob o título *Uma vida bem vulgar*), que me levou a interessar-me conhecer as suas anteriores obras, o que pude fazer, há pouco, em Budapeste. Não sei se

diga que fiquei surpreso, uma vez que a minha expectativa era grande: por certo que fiquei perplexo ante a não promoção deste cineasta que ombreia, sem favor, com Jancsó, Meszáros ou Kovács no rigor e na originalidade do seu trabalho. Recusando sempre a linearidade do discurso, o realismo estreito ou a constatação conformada, o cinema de Gyöngyössi é todo construído sob o signo da carência: assim, em *Lenda da morte e da ressurreição de dois jovens*, se levanta a questão de «como libertar os que são opressores de si mesmos», em *Os filhos do fogo* se aborda a tentativa suicidária de fuga de um grupo de românticos comunistas de uma cadeia nazi, em *A espera* se fala de uma mãe que aguarda, na derrocada dos últimos dias da guerra, que os filhos — que sabe mortos — regressem. Há qualquer coisa de lúcido desespero a povoar esses filmes, como se a luz faltasse, o ar sumisse, um grande e longo e secular peso opressivo curto-circuitasse todas as saídas. Apesar disso... Apesar disso, do seu cinema irrompe uma força insuspeitada que



A ESPERA: uma dor tão funda e tão antiga que já assume o seu próprio desespero

resiste, age, espera, luta. Não é transparente onde se ancora esse gesto que vem do fundo das coisas, de uma cultura obsessivamente

presente em quadros, móveis, sentimentos e atitudes, uma cultura onde nunca se escamoteia o que de mais firme existe, mesmo se incómodo: são os sinais de religiosidade, as minorias étnicas, os ritos antigos, a perenidade dos costumes que vêm de dentro e de longe, é a figura da Mãe que surge invariavelmente como símbolo de uma ligação fecunda entre ontem, hoje e amanhã, é um sofrimento tão longo que já habita as pedras e as pessoas («oh! lago de morte, Hungria te chamamos» — no dizer do poeta Endre Ady). A guerra, a devastação e a dor são, aliás, elementos constantes da Hungria, país inúmeras vezes dizimado, ocupado e repartido ao longo de mais de mil anos de História (dizem-me mesmo que Budapeste é a cidade mais frequentemente arrasada da Europa). Mas, sendo profundamente húngaros na sua forma de olhar o mundo, os filmes de Imre Gyöngyössi nem por isso se fecham num qualquer secretismo étnico, reservado aos iniciados ou aos autóctones. Como todas as obras marcadamente enraizadas num

acultura nacional, elas oferecem rasgadas portas por onde penetrar. De resto a sua construção, pautada pela constante introdução de elementos que destroem a clássica estrutura do discurso realista (alguns deles provenientes de um surrealismo de traçado popular), permite ao espectador a aventura de habitar esses filmes, de neles colher os estímulos destinados a que, ele próprio, construa o seu discurso. E também esse lado devorador e exigentemente aberto do cinema de Gyöngyössi que lhe dá um fascínio irresistível. Para além disso, esta obra aparece como uma clara e inequívoca recusa da arte imediatamente utilitária, da arte com recados breves, da arte que, ao fazer fretes de carteiro, se reduz ao nível do boletim paroquial. Mas não se pense que essa recusa envereda por vias de estéril esteticismo burguês; ao contrário, ela é entornada por uma onda libertária, impossível de recuperação por qualquer catecismo, mas limpidamente apostando na efectiva desalienação do mundo, a grande revolução por fazer.

De Gyöngyössi se diz, por vezes, ser um espírito religioso e metafísico. É certo que há, nos seus filmes, um apelo a uma concepção do mundo que acredita que todas as coisas são tocadas por uma espécie de graça, uma energia interior que faz com que tudo ande, evolua, se transforme. Há quem nisto veja uma espécie de misticismo panteísta que, porém, a mim me parece ir direito a uma visão do mundo profundamente dinâmica e dialéctica. O que acontece é que Gyöngyössi se recusa a fechar os olhos quando há quem deseje que a dialéctica pare, quando há quem pense que é possível decretar o fim dos contrários. É por isso que o seu cinema é uma arte em luta. De todo o cinema que se faz hoje na Hungria, posso afirmar ser este o que mais verdadeiramente me agrada. Era urgente exibi-lo em Portugal porque constitui uma das linhas de força mais solitárias e mais ricas do (atrevo-me a dizê-lo) cinema europeu. Descobrir o continente Gyöngyössi, eis uma tarefa a cumprir.

J.L.R.

Cinema

Sociedade

Cinema europeu em crise

Menos 30 por cento de espectadores do que há 10 anos

O cinema europeu está em crise, são unânimes em reconhecê-lo todos os responsáveis e profissionais do filme no Velho Continente. Muitas são as razões avançadas: a Televisão baixou enormemente a frequência das salas de cinema; a crise não é apenas financeira mas de talentos; os monopólios distribuidores americanos sufocam qualquer iniciativa dos distribuidores europeus que ainda não se conseguiram unir na defesa dos seus interesses comuns; a diversidade linguística europeia face ao bloco americano revela-se impotente.

E as perguntas sucedem-se num balanço de incertezas e contradições.

Poderá a Televisão, mais que concorrente, transformar-se num companheiro de caminhada? Poderá aliviar-se a fuga de cérebros do cinema europeu para a América? Poderá a denominação de filmes de qualidade em muitos casos começar a ser coincidente com o rótulo de filme comercial? Qual o papel do Estado nesta hora de ameaça de sobrevivência do cinema europeu? Que critérios devem nortear o seu apoio: de qualidade? de ideologia? de percentagem consoante as receitas? Técnicos de cinema, ideólogos de cinema reuniram-se vai para um ano em Lisboa, sob a égide do Conselho da Europa. Avançaram muitas hipóteses, sobrecarregaram os seus trabalhos de muitos números, mas a crise continua. Foi mais um tempo de reflexão. Mas a indústria cinematográfica não se compadece com reflexões. Os monopólios americanos dominam a Europa. Vão até ao boicote. O número de filmes de marca USA em qualquer país europeu, é superior à exibição do filme nacional, mau grado as protecções de que este, na letra da lei é beneficiário. Em Portugal, o caso ainda é mais dramático. Estamos na cauda da Europa na produção de filmes (longas metragens). E a classificação de qualidade para receber o subsídio do IPC é também entre nós um problema sempre quente. Quem é e não é subsidiado? E porquê? Qual a razão porque não houve um plano de emergência para 79? O neo-realismo italiano (concretamente o «Ladrão de Bicicletas») só foi possível com subsídios estatais. Era necessário para a Itália dar uma imagem diferente, uma imagem democrática, após o fascismo de Mussolini. Em Portugal, seria também necessário, após uma ditadura fascista de quase meio século, e rompendo contra todos os interesses das distribuidoras, dar uma imagem mais real da Democracia portuguesa. Hoje regressamos a classificações de filmes de qualidade susceptíveis de receber subsídios que pesam na polémica que se vai travando entre os cineastas portugueses, cada vez mais impossibilitados de fazer uma fita de fundo que não tenha o apoio a todos os níveis (financeiro, técnico

São estas muitas das perguntas e muitas das questões a que nos prometemos dar alguns elementos para melhor ajuizar o leitor do que está por detrás da imagem que o telespectador numa tarde ou noite, no escuro de uma sala de cinema, vê na pantalha.

O Mercado cinematográfico

As salas de cinema em toda a Europa, aproximadamente 27 mil vendem 1500 milhões de bilhetes por ano. Existindo cerca de 110 milhões de famílias, pode-se

daquele país. O fenómeno idêntico se passa em França (UGC e Gamon/Pathé) e mesmo na Holanda com o circuito Tushinski associado à Rank desde 1971.

Há ainda outros factores a considerar, como por exemplo as «multi-salas», ou seja, os «Complexos» que começam a ganhar dimensões significativas também entre nós. A Inglaterra e a França são sem dúvida os países mais avançados neste sistema. Em França, 439 complexos totalizam 1318 salas (ou ecrãs) sobre um total de 4443 salas. Ou seja, os complexos representam 30 por

Rogério Rodrigues

obrigatório. Também na Alemanha Ocidental começam a vulgarizar-se os cinemas chamados cinemas-auto, ou cinemas em parques de automóveis com serviço de snack e de café. Pelas características que apresenta este tipo de salas aumentou espectacularmente de frequência de 1971 para 1975 — nada mais nada menos que 96 por cento, enquanto o conjunto de mercado alemão sofria uma baixa da ordem dos 26 por cento.

Todos os números apontam para uma crise do mercado do cinema europeu a partir da década de 70. Em países como a Inglaterra e a Bélgica 60 por cento das casas de cinema fecharam, na Alemanha Federal, 55 por cento.

Bilhetes mais caros menos espectadores

O volume de bilhetes vendidos em 1977 representou um número da ordem dos 1500 milhões de espectadores, o que em valores de receita bruta das salas significa aproximadamente 120 milhões de contos.

Entretanto vai-se observando um fenómeno: as pessoas cada vez mais fogem das casas de cinema. É o que se passa, na conjuntura actual na Itália, que durante muitos anos foi o campeão da frequência cinematográfica, com a concorrência desabrida da televisão (televisões periféricas e sobretudo «locais») e com um menor poder de compra. Um outro país que sofreu uma grande baixa no mercado cinematográfico é a Inglaterra ainda que por várias razões diversas das italianas. O mercado europeu de vendas de bilhetes de cinema ultrapassa em 500 milhões de espectadores o mercado americano. Apesar de tudo assiste-se a um nítido recuo da ordem dos 30 por cento, nos últimos anos. Com efeito, se no período de 1959-60 houve na Europa cerca de 78 mil espectadores por sala, no período de 1975-76 o número de espectadores não ultrapassou os 55 mil. Relativamente ao preço do bilhete a média europeia é de seis francos (sensivelmente 1,20 dólar) enquanto em 1959/60 não ultrapassava os 0,30 dólar, o dobro do preço praticado na altura na América.

O aumento do preço dos bilhetes provoca necessariamente uma diminuição de frequência das salas de cinema. Mas os preços aumentam porque sobem os custos de produção, e a televisão é um concorrente implacável, enquanto as relações entre estes dois poderosos meios audiovisuais não forem reguladas.

Na próxima sexta-feira

Que filmes produz o Velho Continente?

Um dos mestres da comédia italiana retoma a sua recente obsessão pela velhice e pelos seus fantasmas.

Despedindo-se de um espectáculo que foi (*Singing in the rain*, *Tóto*, *Marlene*...), odiando lapidar e justamente a onda de boçalidade que chega, Risi executa uma suave, embora trágica, meditação de um impasse contemporâneo.

Cinema ABCine - sala B (15, 17, 19, 21.45 e 23.45h) (Interdito a men. 13 anos)

O Céu Pode Esperar de Warren Beatty e Buck Henry (USA - 1978)

Firmado como o único grande sucesso que atravessa o Verão (permita-me, leitor, que esqueça a *Brilhantina* sulfurosa que também por aí anda), *O Céu Pode Esperar* prossegue uma carreira que é já demasiada para o objecto limitado (embora simpático) a que se refere.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30h) (Não acons. men. 13 anos)



Após a queda do facismo, o Estado italiano subsidiou títulos como «O Ladrão de Bicicleta» e «Il generale della Rovere», obras que davam rosto a um país liberto

e de exibição) da RTP. Mesmo os novos cineastas que porventura surjam terão de passar pelas câmaras do pequeno ecrã. A semelhança do que se passa nos outros países da Europa, mas entre nós com mais acuidade, as leis protectoras do cinema nacional nem sempre são cumpridas. E valeria a pena que fossem desagravadas taxas onde passassem e enquanto passassem filmes de origem portuguesa. Valeria que as exibidoras fossem obrigadas a dedicarem um certo número de dias à cinematografia portuguesa. Mas também valeria que houvesse uma cinematografia nacional. Tão importante para a cultura dum País, como a literatura e outras manifestações de arte, o cinema contudo envolve encargos e operações económicas que o transformam num produto cultural específico em que o criador e o economista têm papéis importantes a desempenhar.

concluir que há 4100 agregados familiares por cada sala de cinema. Este número é variável de país para país, observando em alguns países como Inglaterra, República Federal Alemã e Países Baixos como um «deserto cinematográfico» em que a frequência das pessoas em relação ao número de salas é muito pequena.

Quanto ao funcionamento das salas, tomemos como exemplo a Itália que apresenta o número mais elevado da Europa em salas (8558). Muitas destas não funcionam senão ocasionalmente, como é o caso das salas de comunidades religiosas. Duas mil salas funcionam todos os dias, mas as restantes estão abertas apenas de um a 10 dias por mês. Na Noruega, há que contar com as «salas municipais», ou seja, 217 salas num total de 439 que totalizam 81 por cento de espectadores. Na Inglaterra duas turmas como a EMI e RANK totalizam só elas duas vezes mais de 30 por cento das 1530 salas

cento dos «ecrãs» franceses. Na Inglaterra há 252 complexos agrupando 848 salas, o que representa 55 por cento das 1530 salas do Reino Unido.

Um outro factor a considerar: a exploração de filmes de temas pornográfico ou de violência. Em França conduziu a uma legislação própria e à criação de 168 «salas especializadas», 59 das quais se situam em Paris. Em Espanha recente legislação (o decreto real de Novembro de 1977) prevê também a categoria de salas ditas «especiais» que não deverão ter mais de 200 cadeiras, sendo obrigadas a estar abertas um ano sem interrupção. E só podem existir em cada localidade, à razão de uma sala especial por 10 salas normais.

Ja na Alemanha o caso é diferente. Proliteram agora os cinemas «Pam-Kinos» onde se pode assistir a um filme pornográfico, por exemplo por 10 marcos, mas seis dos quais são gastos em consumo

A BATALHA DE MIDWAY

de Jack Smight (USA - 1976)

Embora o sensurround «funcione», o filme funciona mal.

Cinema Tivoli (14, 16.30, 19 e 21.30 h)

OS NOVOS MONSTROS

de Dino Risi, Ettore Scola e Mario Monicelli (Itália - 1978)

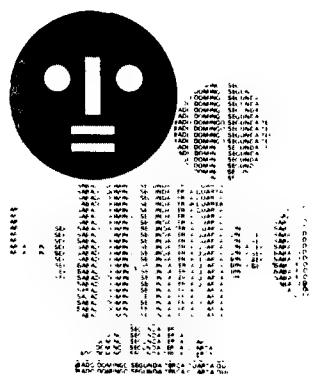
Risi, Scola e Monicelli assinam um filme que volta entre o óptimo e o sofrível com uma inconstância irritante. Apesar de poucos, porém, os bons momentos merecem um bocado de atenção.

Cinema Star (15, 18 e 21.30h)

(Interdito a men. 13 anos)

NOSTALGIA DO AMOR

de Dino Risi (Itália - 1978)



CINE/PONTO

Continuação da pág. 1

um «boomerang», porque quanto mais previsões se fazem, mais possibilidades há de se ter razão daqui a dez anos... As obras de valor que não forem adquiridas ficam, muitas vezes, irremediavelmente perdidas...

Os Rockefeller

Audácia e inflexibilidade. O «mecenas organizado» aliou-se desde o início a uma frenética política de exposições de entrada paga, compondo-se desse modo uma expansiva máquina comercial. Apesar da crise, o Museu alugou uma casa de seis andares em 32, foi aumentando a colecção e multiplicando os contactos com instituições europeias. Cinco anos depois, recebia de John Rockefeller um terreno junto do qual foram comprados mais quatro edifícios. Este foi o seu segundo nascimento: a administração criou um fundo de mais de um milhão para construir um prédio, que viria a ser ali inaugurado, entre a West 54.^a e a 53.^a Streets, passados dois anos. A exposição de abertura de 39, exprimiua finalmente o projecto multidepartamental que Barr defendera desde a primeira hora: pintura, escultura, desenho, gravura, mas também arquitectura, design industrial, cartaz de publicidade, cinema e fotografia. O grupo de fundadores tinha-se oposto, durante os primeiros anos, ao projecto Barr, preferindo não ultrapassar o âmbito do «marchand de belas-arts»... Nessa altura, Nelson Rockefeller substituiu Goodyear como presidente-director-geral. Uma constante de Moma foi sempre a de ter à cabeça da sua administração apelidos ligados às grandes fortunas da indústria.

O edifício supermoderno e o seu notável jardim foram naturalmente adoptados pelos nova-iorquinos como retiros de eleição. O presidente Roosevelt brindou a inauguração com um discurso de grande carga ideológica:

— Aquilo a que chamamos liberdade em política resulta da liberdade nas artes... Este museu constitui uma cidade da civilização... etc.

O serviço da guerra

Desde a fundação que os homens do Moma tinham promovido, como filosofia geral do Museu, um compromisso entre «idealismo» e «pragmatismo», réplica da dupla «audácia» e «inflexibilidade» que inspirava o seu método de trabalho. Estas tónicas viriam em breve a mostrar a sua expressão social: Com o estalar da Guerra, o Museu adaptou totalmente a ela as suas actividades. Longe de se «vestir para o serviço de um deus morto», como diria St. Exupéry, cumpriu 38 contratos para o Governo, enviou para o estrangeiro 29 colecções sobre a guerra e pôs o seu departamento de cinema a analisar a propaganda filmada dos países contendedores. Quando os EUA se envolveram no conflito, passou além disso, a realizar programas especiais para as forças armadas e instalou no jardim uma cantina para militares. Esta política assentou como uma luva no nacionalismo de que se alimentava o complexo industrial-militar. Quando em 49, em pleno desenvolvimento do que viria a ser a caça às bruxas macartistas, Rockefeller sugeriu o nome de René d'Harnancourt, antigo negociante de arte

Cinquenta anos do Moma

A multidão solitária precisava de um grande clube e de um árbitro do gosto



«Boca n.º 12», de Wesselman



A «fatia de bolo», de Claes Oldenburg, também veio a Lisboa

colombiana, para director do Moma, este estava instalado como grande instituição da sociedade americana, e entrou numa fase de expansão que viria a asagrar-lo definitivamente. Em 68, ano em que Harnancourt se reformou, o museu quintuplicou não só em espaço, mas também em pessoal e meios de actuação.

base o maior clube da cidade

Em 53, respondendo ao manifesto de um grupo de artistas que ficava o Moma, um dos homens do seu staff dava conta da nova realidade:

A função de conservar e expor suas próprias obras de arte ocupa apenas uma das alas. O museu é, além disso, um centro comunitário — quase o maior

clube da cidade — um cinema, uma biblioteca, uma editora, uma escola, um fabricante de exposições para outras instituições, um árbitro do gosto em todos os aspectos, desde os tachos às casas de campo, e acima de tudo é um empresário que todos os anos lança cerca de 20 produções totalmente novas, com nova iluminação, novo cenário e peças na sua maioria novas. Um dos maiores clubes da cidade: 16 mil sócios em 53, 39 mil em 78. As quotas mínimas são de 2,5 dólares anuais. Os sócios têm entrada grátis nas exposições, convites para iniciativas especiais, descontos nas livrarias e outros serviços da instituição, podem comer no restaurante do terraço originalmente destinado só ao pessoal, e alugar ou comprar obras de arte através de um

serviço criado para esse efeito. O valor das quotas cobradas atingiu, no ano passado, mais de um milhão de dólares, enquanto as publicações e as vendas nas duas livrarias asseguram por ano mais de dois milhões, 250 mil dos quais de lucro líquido. Esta imagem de grande clube, oferecendo à multidão solitária a participação, a baixo preço, numa vida cultural entendida como despesa lúdica e compensatória, passou sem dúvida a ser uma componente determinante da força e prestígio do Moma. Como me dizia um amigo recém-chegado de Nova Iorque: nas avenidas de Manhattan tem-se a percepção física de como o capital se sente, ali, em casa e em segurança. Dessa segurança faz parte o consumo de caramelos de luxo, como o Museu, que é de facto esplêndido...

No sistema da moda

Claro que as «club activities» comportam zonas directamente viradas para a promoção da vida económica e do sistema: desde 38 que o Moma penetrou fundamentalmente no design industrial, na arquitectura, na publicidade. A partir dessa altura, e durante dez anos, não parou de expor selecções de produtos à venda nas lojas da cidade, incentivando assim ao consumo e influenciando, devido ao prestígio das suas

à Guerra correspondeu, nos anos do American Way of Life e da Guerra Fria, a abertura do departamento internacional, destinado a levar o museu ao mundo. Foi criado a partir de novo e pesado donativo dos irmãos Rockefeller, e constituiu uma espécie de grande «vendetta» sobre a década inicial, subjugadamente «compradora»... O Moma lançou-se então num programa que hoje se traduz em 140 exposições montadas um pouco por todo o Mundo, uma das quais é esta do cinquentenário, que já esteve em Colónia e Berna e de Lisboa segue para Madrid, Viena e Telavive.

Aproveitar mesmo os incêndios

Um bom exemplo da maneira como os administradores deste mamute privado têm lançado mão de todas as oportunidades para o fazer crescer é o incêndio de 58: Quase à saída dos sucessivos êxitos dos anos 50, um incêndio ameaçou destruir parte do edifício. As chamas foram rapidamente dominadas, mas o Moma perdeu um triptico de Monet e viu danificados vários outros quadros, entre os quais o «n.º 1» de Pollock, incluído nesta exposição. Os administradores não deixaram descer a onda de simpatia e solidariedade que então os submergiu sem lançarem uma enorme campanha de fundos visando o alargamento do edifício e das disponibilidades financeiras. Pretendiam 25 milhões de dólares, em três anos. O objectivo foi alcançado em 62, à custa, sobretudo e ainda, de grandes dádivas individuais! Com o advento dos anos 70, parece que este tipo de grande mecenato individual começou a declinar. Ao mesmo tempo, o Governo passou a intervir financeiramente de modo mais activo e o Museu tem aproveitado fundos federais e estaduais para as suas iniciativas. Estas, adaptando-se à nova vida da década contestatária, também se modificaram, tentando evitar uma profunda crise de identidade e institucional provocada pelo público mais jovem e por parte dos seus próprios quadros. A semelhança das grandes instituições culturais europeias, este respeitável senhor de meia-idade tem visto, porém, bem sucedidos os seus esforços de recuperação da guerrilha institucional. E para além dela e da reedição da discussão sobre «ser museu» ou «ser fórum de actividades», os administradores têm a sua própria leitura da «audácia e inflexibilidade» e continuam a forçar a expansão da colecção permanente, como admite Waldo Rasmussen, actual director do programa internacional:

— Talvez mais importante do que tudo o resto, o museu mantém os seus compromissos em relação aos movimentos modernos através da sua colecção, que continua a procurar qualitativamente aquilo que considera mais significativo na arte dos nossos dias...

No cerne da máquina, portanto, a compra ininterrupta não esmoreceu. Para a alimentar, mas também para alimentar todo o resto do complexo corpo multidepartamental, as campanhas caça-níqueis. O cinquentenário é evidentemente motivo para mais uma. Objectivos: nova ampliação do edifício e construção de uma torre de apartamentos no terreno, que assegurará ao Museu um novo rendimento anual!

WHY, BRAD DARLING, THIS PAINTING IS A MASTERPIECE! MY, SOON YOU'LL HAVE ALL OF NEW YORK CLAMORING FOR YOUR WORK!



«Obra-prima», de Lichtenstein (não incluído na mostra do Moma). O seu tema é a glória novaiorquina da Pop

Nota sobre a exposição:

Trata-se de arte «americana». Está esquecido o tempo em que o Museu era o negócio de vender aos cidadãos o privilégio de um breve encontro com obras de artistas estrangeiros. O Moma soube comprar americano — e

frequentemente a «queda» da tinta...

Na exposição individual que acompanha a «grande mostra», saíam-me de pequenas tintas-da-china, aguarelas e lápis ainda quase figurativos dos primeiros anos 40, dos gouaches e pastéis de 45 ainda mais cheios de cor, e sobretudo do seu enorme ano de 51, em extremo sóbrio e fértil, de que ali está uma espantosa série de tintas predominantemente negras sobre uma espécie de papel de seda «cor de amora». Os grandes esmaltes sobre tela ou papel colado em placa estão na exposição geral.

A Pop é já quase só uma curiosidade: vieram Warhol, Lichtenstein, Wesselman e a célebre fatia de bolo de Oldenburg. Duas paisagens urbanas de Richard Estes, um Chuck Close e um George Segal não são suficientes como mostra dos novos realistas. Do resto isolei as fotos de Man Ray, (1930-33) mas também as nova-iorquinas de Margaret Bourke-White (1934) e de Berenice Abbot (1935), o «Bosque de Videiros» e as «Montanhas Maine» (1903) de Marsden Hartley, a tempera «Andebol» (1939) de Ben Shahan, a aguarela «Fábrica de Caixas» (1928), de Ben Hooper? Não devo fazê-lo. Vá o leitor vê-los quando possa, e ajude-se a pensar sobre a sua própria fome de museus.

J.M.



Marilyn por Andy Warhol (não faz parte da exposição)

grandes pintores acabaram por nascer nos EUA, muito antes da Pop e dos novos realistas. Para não citar senão três de entre os que foram trazidos a Lisboa, nasceram Jackson Pollock (1912-1956), Barnett Newman (1905-1970) e Mark Rothko (1903-1970), os grandes místicos da pintura abstracta americana, que se conheceram de perto e dialogaram intensamente sobre o seu trabalho. O gesto predomina em Pollock como a cor em Newman e a estrutura em Rothko, mas os semiólogos da pintura calam-se excessivamente sobre ele. Temem reconhecer que a sua lição é dificilmente redutível ao modelo linguístico e tendem a apresentá-lo como uma grande força muda, limitando-se quase a descrever o modo como trabalhava: tela deitada no chão, o acaso dominando

Parte das informações respeitantes à história do Museu aqui referida pode ser encontrada no texto de fundo do Catálogo da exposição, da autoria do director do programa internacional. Está projectada a impressão de outros textos de apoio, que serão gratuitamente distribuídos aos visitantes. O catálogo custa 150\$00 e a exposição está aberta todos os dias excepto às segundas-feiras e aos feriados, das 15 às 19 horas, até 16 de Setembro. Aos domingos das 10 às 17 horas.

Memórias do Cinema 78

Prossegue hoje no Quarteto o ciclo «Memórias do Cinema» com as seguintes sessões duplas a partir das 23.30 h:

- Sala 1 — «Sacco & Vanzetti» (Guiliano Montaldo) e «Perseguição Impiedosa» (Arthur Penn)
- Sala 2 — «Tarzan e a Companheira» (com Johnny Weissmuller) e «Acusação de homicídio a um estudante» (Mauro Bolognini)
- Sala 3 — «A última sessão» (Peter Bogdanovich) e «Em nome do povo italiano» (Dino Risi).
- Sala 4 — «Em nome do povo italiano» (Dino Risi) e «A última sessão» (Peter Bogdanovich)

Música

Ópera cómica de Berlim em busca da "verdade fundamental"

Lulu

Continuação da pág. 1

repercussão, de tantos em tantos anos. Ora, precisamente em matéria de teatro musical, há muito que Paris ou Bayreuth, Salzburgo ou Londres, Viena ou Milão, deixaram de ter um papel continuamente de vanguarda neste campo. Não se contesta a grande qualidade do que lá se faz. Não se minimiza o prestígio dos elencos, das orquestras, dos encenadores e dos directores musicais que nesses e noutros centros (referi aqueles apenas como exemplos) têm contribuído para espectáculos do máximo nível artístico. Uma coisa é, porém, a ópera (por melhor cantada e encenada que seja) considerada dentro dos limites do compromisso com as convenções tradicionais, outra coisa é a sua reformulação sistemática, capaz de permitir, como permitiu, em determinado estado de evolução, a «perfeita assimilação» da **Lulu**.

Dai que o caminho mais perto para a **Lulu** deste ano, em Paris, passe necessariamente por Berlim (RDA) e remonte aos primeiros espectáculos da **Komische Oper**, dirigidos por Walter Felsenstein, isto é, ao já longínquo ano de 1947. Não é que Felsenstein tenha começado por Berg. Começou simplesmente (na **Komische Oper**) por Johann Strauss, Offenbach, Bizet... Começou por demonstrar como o repertório mais rotineiro, e também mais popular, podia ser ainda mais popular, sendo outra coisa: verdadeiro teatro. Felsenstein, tal como um Max Reinhardt, que o precedeu,

procurava a «verdade fundamental» (a expressão é de Joachim Herz) da ópera, a verosimilhança humana, tanto no plano musical como no cénico, do seu conteúdo global; lutava contra a distinção, consagrada pelos hábitos de consumo, entre ópera e teatro; queria fazer do «teatro musical» (Musiktheater) uma linguagem artística incindível no complexo texto-música que a constitui, realizar na prática (na representação) a unidade com que sonhavam todos os grandes mestres, de Monteverdi aos compositores dos nossos dias passando por Mozart, Wagner, Verdi, Mussorgsky ou Bizet. O seu trabalho persistente nessa direcção, iniciado em vários teatros da Alemanha, pôde desenvolver-se em condições óptimas com os meios postos à sua disposição pelo Estado socialista. Felsenstein podia gastar um mês só a ensaiar com a protagonista a «Habanera» da **Carmen**, para que tudo, nesse trecho fulcral, desde a mínima inflexão de voz ao mais subtil apontamento fisionómico, correspondesse exactamente ao perfil psicológico da personagem (personagem que ele, entretanto, reconstruiu e libertara dos «clichés» legados pela tradição de «consumo corrente»). A morte de Felsenstein, em 1975, transmitiu para Joachim Herz, que com ele trabalhara 22 anos e que já assinala numerosas encenações na mesma linha revolucionária (nomeadamente em Leipzig), a responsabilidade da direcção da Ópera Cómica de Berlim e da sua



«Lulu» de Alban Berg. Encenação de Joachim Herz na «Komische Oper» (1976)

acção prospectiva ou de vanguarda. E certo é que em 1979, quando Paris «embandeira em arco» com a sua **Lulu**, já a **Lulu** era uma questão familiar, há um bom par de anos, para o público berlinense, precisamente numa encenação de Herz. Até porque depois da sua estreia permanecera sempre no cartaz, alternando em todas as temporadas com outras produções. Em suma, a **Lulu** era, em Berlim,

teatro quotidiano. Não se tratava ainda, na verdade, da **Lulu** integral, completada por Cerha, e que a Ópera de Paris teve o privilégio de encenar em primeira mão. Mas, tal é a preocupação de Herz de respeito pela integridade da obra e pelo pensamento do autor (por isso se lhe deve, por exemplo, a primeira realização moderna — 1978 — da partitura original da «Madame Butterfly», de 1904) que

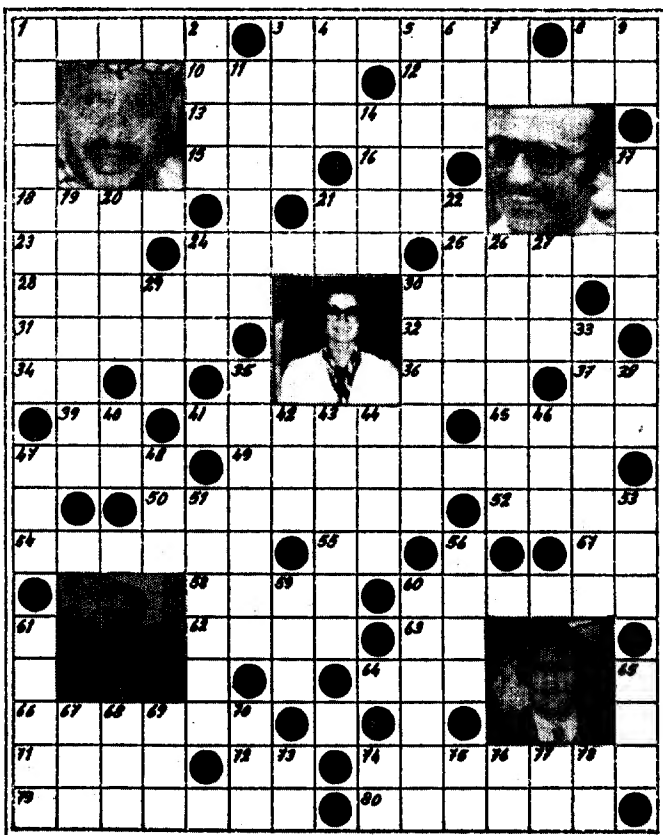
de imediato retirou do cartaz a sua **Lulu**. Ao mesmo tempo, fez adquirir pela Ópera Cómica de Berlim os direitos, para os países socialistas, da versão completa, repensou a encenação, e pôde anunciar a estreia da nova **Lulu** já para Outubro próximo. A poucos meses de distância, a **Komische Oper** «responde» à Ópera de Paris com uma encenação original, que permanecerá no cartaz, pelo menos,

até Dezembro. Em Paris foi o fogacho, memorável, mas efémero. Em Berlim vence-se apenas mais uma etapa de uma longa caminhada. Aí está a diferença em que devemos meditar.

A seguir: «Mahagonny» e «Das Lnd Bum-Bum» em encenações de Herz.

palavras cruzadas

SOLUÇÕES



HORIZONTAIS

1/18. Ele, é um dos três «mais políticos», do gabinete de Lurdes Pintasilgo; 2. Nome da ilha de Egina; 8. Mil e cem em romano; 10. Cidade de Itália; 12/25. A demissão deste embaixador norte-americano junto das Nações Unidas Nações Unidas foi «oferta» dos EUA a Israel; 13. Urdira; 15. Duna na Suécia; 16. Niquel (s.q); 21. Morada; 23. Coisa (ant); 24/39/41. O seu país, organiza a

«Cimeira» dos Não-Alinhados, que se realizará em Havana na primeira quinzena de Setembro; 28. Desejável; 30. Branqueamento; 31. Insaciável; 32. Verbais; 34. Brisa; 36. Pêlos de certos animais; 37. Grande ribeira da Ásia Russa; 45. Caruma; 47. Espécie de gato-bravo; 49. Vila e concelho do distrito de Bragança; 50. Disposto em camadas; 52. Rio de Portugal; 54/66. É o dirigente da OLP, e esteve em Viena com o chanceler Brumo Kreisky que lhe afirmou que aquela organização palestina será reconhecida «em breve», por todos os Estados europeus; 55. O mesmo que bétete; 57. Preposição; 58. Livre; 60/74. Diz que esta antiga primeira dama dos EUA será muito em breve o braço direito do seu cunhado e provável futuro presidente da América por quem nutre não uma amizade inofensiva, mas sim, uma paixão secreta; 62. Pegas; 63. Sufixo que designa estado; 64. Acredite; 71. Ave africana; 72. Rio do Estado do Amazonas; 79. Guarneceras de asas; 80. Amoinisco.

VERTICAIS:

1. Comemorava; 2. Cidade da Grécia; 3. Aves pernaltas; 4. Três das cinco letras que formam o nome da palavra que designa a oração que os Turcos são obrigados a dizer cinco vezes por dia; 5. Cidade de França; 6. Ilha do Estado da Baía; 7. Preposição latina que designa movimento; 8. Pronome pessoal; 9. Abreviatura da palavra inglesa water-closet que significa sentina. (Inv.); 11. Lenço usado entre os Romanos para limpar a boca; 14. Anual; 17. Beca; 19. Censurei (fig); 20. Estar apaixonado; 21. Cério (s.q); 22. Cidade de Espanha; 24. Executa; 26. Rezassem; 27. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah!oh!; 29. Título honorífico na Índia; 30. Povoador; 33. Adiconarei; 35. Municípios; 38. Ruim; 40. Ilha francesa do oceano Atlântico (inv.); 42. Consentimento; 43. Farrapos; 44. Porto abrigado por terras mais ou menos altas; 46. Naquele lugar; 47. Cidade da Inglaterra; 48. Pequeno sítio do Brasil (inv); 51. Nutrida; 53. Goste muito de; 56. Cidade de Itália; 59. Fluido aeriforme; 60. Lancem; 61. Ardil; 65. Com. da França, dep. de Eure; 67. Chefe etíope; 68. Bebida usada nas Índias orientais; 69. Tempo do verbo ir; 70. Irma da mãe; 73. Campeão; 74. Abreviatura de quilôampere; 75. Laço; 76. Niquel (s.q); 77. Erbio. (s.q); 78. Compaixão.

VERTICAIS:

1. Celebrava; 2. Afa; 3. Emas; 4. Nam; 5. Paris; 6. Ina; 7. Ad; 8. Me; 9. WC; 11. Orário; 14. Anal; 17. Toga; 19. Remordi; 20. Amar; 21. Ce; 22. Ayora; 24. Faz; 26. Orassem; 27. Uai; 29. Rau; 30. Colono; 33. Somarei; 35. Cámaras; 38. Mã; 40. Re; 42. Sim; 43. Trapos; 44. Rada; 46. Ali; 47. Ely; 48. Saa; 51. Cevada; 53. Ame; 56. Bari; 59. Gás; 60. Jorrem; 61. Trama; 65. Ezy; 67. Ras; 68. Aca; 69. For; 70. Tia; 73. As; 74. Ka; 75. No; 76. Ili; 77. Er; 78. Do.

HORIZONTAIS:

1/18. COSTA BRAS; 2. Enópia; 8. MC; 10. Roma; 12/25. ANDREW YOUNG; 13. Tramara; 15. Aas; 16. Ni; 21. Casa; 23. Rem; 24/39/41. FIDEL DE CASTRO; 28. Amara; 30. Cora; 31. Voraz; 32. Ora; 34. Ar; 36. Lás; 37. Om; 45. Sama; 47. Eira; 49. Mirandela; 50. Acamado; 52. Mira; 54/66. YASSER ARAFAT; 55. Pa; 57. Em; 58. Vago; 60/74. JACKIE KENNEDY; 62. Asas; 63. Or; 64. Cri; 71. Macó; 72. Ia; 79. Asarias; 80. Amor.



Sete Ponto Sete, suplemento das sextas-feiras do «Diário de Lisboa». Responsabilidade editorial: João Mendes. Colaboradores permanentes: Jorge Leitão Ramos, Carlos Porto, Mário Vieira de Carvalho, Ernesto Sampaio, Rogério Rodrigues, Manuel Anta. Colaboradores convidados: Duda Guennes, Carlos Pessoa, Manuel Cadafaz de Matos. O Sete Ponto Sete não se compromete a publicar colaboração não solicitada e os originais não publicados não serão devolvidos. Consideramos, porém, com o maior interesse, a correspondência que nos é enviada com pedido de publicação: deve ser dirigida a João Mendes, Redacção do «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa, com a menção «Suplemento Sete Ponto Sete».

Lisboa, 24 a 30 de Agosto de 1979

Sociedade

Alfonso Rodríguez Castelao nasceu em Rianxo, na Ria de Arosa, em 1886, num «tempo abafado pra escomezñar a vivir», e morreu no exílio de Buenos Aires, em 1950, num «tempo de tristura e discordia». Mesmo na sua terra, poucos souberam que a muitas milhas de distância, no desterro, deixara de existir uma das personalidades mais firmes e criadoras da pátria galega.

Castelao desenvolvera, com a proclamação da Segunda República espanhola, uma febril actividade política concretizada na criação do Partido Galeguista. Eleito deputado por Pontevedra à Assembleia Constituinte, luta por conseguir um estatuto jurídico que satisfizesse as aspirações autonomistas da Galiza. Mas é na sua arte que a Galiza emigrante, marinheira e campesina encontra a sua expressão mais civil e autêntica e transparece a dor funda de uma realidade imposta pela força das armas e dos costumes.

A arte de Castelao entronca numa tradição popular, combativa e irónica, na qual o conteúdo revolucionário alterna com uma subtil e profunda vibração patriótica. «Todo canto fixo — dirá Nuñez Búa, biógrafo do artista — viñale do cerne, da ialma, non dos miolos do cráneo; do sentimento, non dos libros. Foi o que se propuxo: un artista do seu tempo e do seu pobo. Do pobo tirou a emoción estética, os modelos, os meios espresivos — figura e verba —. Nos seus dibuxos están presentes os anxeios, as angurias e afán colectivos. Co seu lápiz vai decindo canto ten no peito, e no peito diste home cabe toda Galiza». As estampas que hoje publicamos, extraídas dos albums «Nós», «Milicianos», «Galiza Mártir» e «Cincoenta homes por dez reás», dão testemuño de uma Galiza terrível, esmagada e ultrajada na sua miséria, sem ganas de perceber a formosura do sol-pór, nem a policromia dos campos e dos céus, nem a «ladicia das festas».

Da obra tão facetada de Castelao, há ainda um aspecto que convém focar e Rodríguez Lapa assinalou num número especial (Fevereiro de 1951) da «Seara Nova» de homenagem ao grande artista galego: «este espanhol, ou hespanhol, como ele

propositadamente escrevia, votava ao nosso país o mais enranhado afecto, pois via nele, e muito acertadamente, a parte engrandecida de um todo, que os caprichos e os erros dos homens arbitrariamente dividiram. É no seu último grande livro, **Sempre en Galiza**, que nos fala do seu interesse, nos anos da mocidade, em conhecer Portugal e a sua cultura. Sempre que uma dessas tunas académicas vinha em excursão a Portugal, em contraste com os senhoritos que afectavam pimponice castelhana num país que era o prolongamento natural do seu, Castelao embebia-se de cultura portuguesa e, ao regressar, ia, como ele impressionantemente diz, «com os olhos preñes de formosura e o coração cheio de saudades, alegre por ter visto em Portugal o génio galego em liberdade!». E, naturalmente, regressava ainda mais galego».

Uma última nota: o totalitarismo cultural que a Galiza suportou durante tantos anos parece ter-se traduzido num estrondoso fracasso. O galego é falado por cerca de 75 por cento dos habitantes do país (a população camponesa e marinheira e largos sectores da juventude e dos intelectuais), constituindo a reivindicação da língua, como no tempo de Castelao, um passo fundamental na recuperação objectiva da pátria e do povo galego.



CASTELAO

Um artista do seu tempo e do seu povo

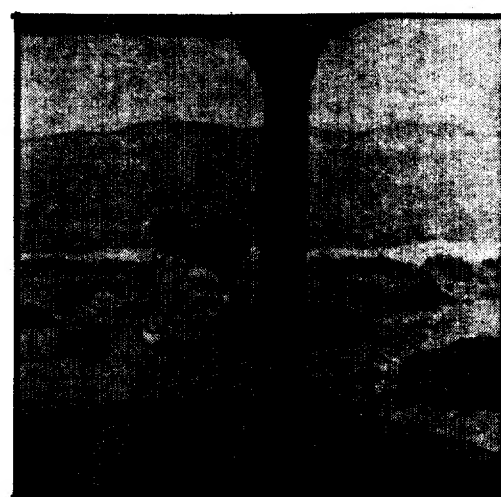
Ernesto Sampaio



— Baixade, cobardes!



Decias que eras probe e tiñas unha vaca, eh?



Na veira do Miño
— E os da banda d'alá son mais estranxeiro que os de Madri?
(Non se soupo o que lles respondeu o vello)



Chora porque o cacique deixouno a pedir. Se fose un irmán labrego teríalle fendido o corazón



O home que parece Don Quixote e presta diñeiro ó doce por cento



A derradeira lección do mestre

Irmáns:

Fuxide sempre dos parvos

Irmáns: Fuxide sempre dos parvos. Non vos arremedes a eles, porque poden roubarvos algo da vosa razón e transmitirvos a súa parvada. Deixádeos paseiar, falar, danzar e medrar no seu mundo. E se algun parvo chega a ser autoridade non mostredes asombro, porque son cousas do sistema que combatimos e dos tempos en que nos cadrou vivir. Levo xa oito meses a estudar as entranas do señoritos hespanoës. Estes monifates, podres de diñeiro, deron na teima de chamaren marxistas a cantos defenden as xustas reivindicacións do povo traballador, e a chamaren antiespañais a cantos defenden as liberdades constitucionales. A min dame medo que esta caste de parásitos chegue a gobernar sen trabas, porque entón Hespaña rematará de afundirse. Óllade, meus irmáns labregos e marinheiros, que os señoritos queren a reforma da Constitución para continuaren á traxica hestoria de Hespaña, aferrollando os anxeios liberais e democráticos que se sinten nos povos diferenciados, porque somentes co

uniformismo político lograrán repartir a fame e a miseria que eles producen n-estas terras de señorío semifeudal. Repartindo a fame e a miseria d-estas partes non se localiza tan ben a responsabilidade dos que a producen. E velahi a razón primeira do seu patriotismo, tan falso e finxido como a relixiosidade de que alardean. Repartir a fame! Eso é o que pretenden os señoritos dereitistas; e no reparto xa se sabe que pode tocarlle a Galiza e o que lle tocará, de recargo, se non conquiere axiña o Estatuto autonómico. O berce da violencia reaccionaria está n-este inmenso latifundio, condominio d-uns poucos folgazáns, onde a grea de famentos contrasta coa fartura da terra. N-estes países, cobardes e incapaces para toda a aventura industrial, e onde a miseria hespanola ten sinos mais arrepiantes, por culpa da inacción a que os someten os que non son capaces de vivir mais que de rendas.

Castelao, in SEMPRE EN GALIZA

Quem nos diz que a escravatura...

Um Fernando Pessoa aguerridamente conservador, dirigindo-se em 1926 a gestores da produção, ensinando-lhes o liberalismo ou, mais terrivelmente, o individualismo económico do século XIX? Um Fernando Pessoa afirmando a não existência de qualquer saber estável sobre a «sociedade», o «progresso», a «civilização»? Relegando os saberes sobre estes objectos para o desprezado lugar de opiniões, na boa tradição de uma velha partilha grega? Sim, e muito mais: um Fernando Pessoa militantemente contra o papel do Estado na sociedade, e por extensão contra os espectros da «nacionalização» e da «socialização».

O texto não é um inédito, mas faz de tal modo parte da zona recalcada da sua produção, que não resistimos a publicá-lo, tanto mais que aqui foi citado há quinze dias, num escrito sobre Luís Filipe Nunes. É parte do que escreveu nesse ano para a «Revista de Comércio e Contabilidade», que o seu cunhado Francisco Caetano Dias Monteiro e dirigiu, e lança mais luz sobre o poeta dos nomes supostos. Os que, a seguir aos condenados bancos de escola, esqueceram a «Mensagem» para só verem Álvaro de Campos, ganham em pôr os olhos nesta diatribe. A realidade é por vezes muito mais complexa do que a desejamos, mas não se avança um palmo ao ignorá-la.

J. M.

A questão chamada dos tabacos veio trazer de novo à superfície o problema batido e debatido de se se deve preferir o sistema de administração de Estado (que no caso particular dos tabacos é uso denominar *régie*), o sistema de monopólio privado ou o sistema de concorrência livre.

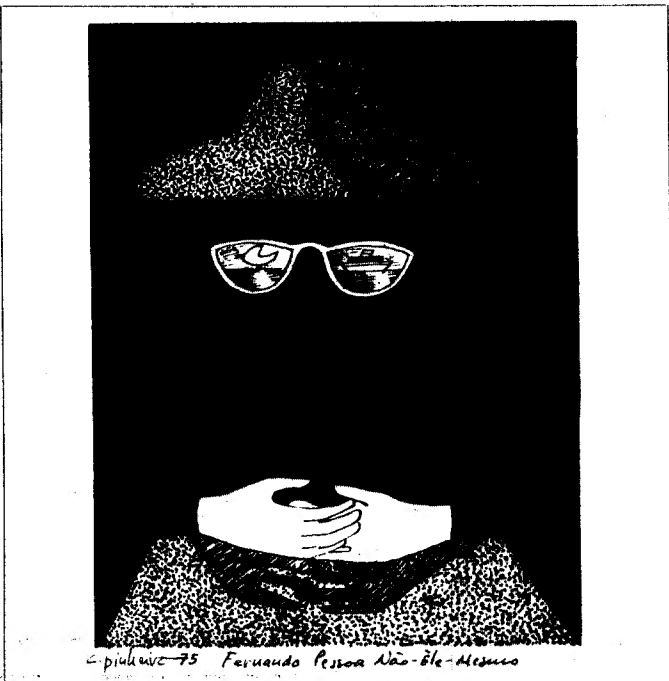
Evidentemente, em qualquer problema desta ordem há três pontos a considerar, ou três interesses — os do Estado, os do comércio ou indústria e os do consumidor. E todos os problemas particulares deste género se apresentam de diverso modo no que respeita a cada um desses interesses. Não é, porém, nosso intuito — nem, dada a índole des Tevista, poderia ser — o tratar particularmente do problema do regime dos tabacos em Portugal. O que pretendemos é servir-nos da oportunidade oferecida por ele, ou, melhor, pelo estado agudo dele, para estudar a questão na sua absoluta generalidade.

Limitar-nos-emos, pois a estudar imparcialmente — ou tão imparcialmente quanto humanamente seja possível — as vantagens e as desvantagens dos três sistemas de administração comercial e industrial. Nada mais. Considerada em si mesma, a administração de Estado é o pior de todos os sistemas imagináveis para qualquer das três entidades com que essa administração implica. De todas as coisas «organizadas», é o Estado, em qualquer parte ou época, a mais mal organizada de todas. E a razão é evidente. A sociologia é uma pseudociência, ou, pelo menos, uma protociência. Não há ciência social, ou, pelo menos, não a há por enquanto. Em matéria social há só opiniões, tão-pouco definitivas e científicas como as que há em matéria artística ou literária. Desconhecemos por completo que leis regem as sociedades, ignoramos por inteiro o que seja, em sua essência, uma sociedade porquê e como nasce, segundo que leis se desenvolve, porquê e de que modo se define e morre. Ninguém ainda sequer definiu satisfatoriamente «sociedade», «progresso» ou «civilização». A humanidade tem-se entretido — desde a formação, na Grécia antiga, do espírito crítico — a ideal sistemas políticos e sociais «definitivos» em matéria tão fluente e incerta como a vida, em assunto ainda tão fora da ciência como a sociedade.

É preciso contudo que as sociedades, sejam o que forem, se governem: é forçoso que haja um Estado de qualquer espécie. E esse Estado é chamado a governar uma coisa que não sabe ao certo, o que é, legislar para uma entidade cuja essência desconhece, a orientar um agrupamento que segue (sem dúvida) uma orientação vital que se ignora, derivada de leis naturais que também se ignoram, e que pode portanto ser bem diferente daquela que o Estado pretende.

Assim o mais honesto e desinteressado dos políticos e dos governantes nunca pode saber com certeza se não está arruinado um país ou uma sociedade com os princípios e leis, que julga sãos, com que se propõe salvá-la ou conservá-la.

honesto e desinteressado dos políticos e dos governantes nunca pode saber com certeza se não está arruinado um país ou uma sociedade com os princípios e leis, que julga sãos, com que se propõe salvá-la ou conservá-la.



— p. 149 — 75 Fernando Pessoa Não éle-Mesmo

A lei aparentemente mais justa, a lei mais de acordo com os nossos sentimentos de equidade, pode ser contrária a qualquer lei natural, pois pode bem ser que as leis naturais nada tenham com a nossa «justiça» e em nada se ajustem às nossas ideias do que é bom e justo. Por o que conhecemos da operação de algumas dessas leis — por exemplo, a da hereditariedade — a Natureza parece frequentemente timbrar em ser injusta e tirânica. Ora não há certeza que a Natureza, seja mais terna para a vida social do que para a vida individual. Ninguém ainda provou, por exemplo, que a abolição da escravatura fosse um bem social. Ninguém o provou porque ninguém o pode provar. Quem nos diz que a escravatura não seja uma lei natural da vida das sociedades sãs? Ninguém o pode dizer porque ninguém sabe quais são as leis naturais da vida das sociedades; e essa pode portanto ser uma delas. A velha afirmação de Aristóteles — aliás tão-pouco propensa a soluções «tirânicas» — de que a escravatura é um dos fundamentos da vida social pode dizer-se que ainda está de pé. E ainda está de pé porque não há com que deitá-la abaixo. A essência do que em política se chama «conservantismo» nasce directamente desta nossa ignorância, consiste no receio de infringir leis desconhecidas em matéria onde todas as leis são desconhecidas.

É pois evidente que quanto mais o Estado intervém na vida espontânea

da sociedade, mais risco há, se não positivamente mais certeza, de a estar prejudicando; mais risco há, se não mais certeza, de estar entrando em conflito com leis naturais, com leis fundamentais da vida, que, como ninguém as conhece, ninguém tem a certeza de não estar violando. E a violação das leis naturais tem sanções automáticas a que ninguém tem o poder de esquivar-se. Pretendendo corrigir a Natureza, pretendemos realmente substituí-la, o que é impossível e resulta no nosso próprio aniquilamento e do nosso esforço. Os riscos, e pois os prejuízos, da administração de Estado estão evidentemente na razão directa da extensão com que essa administração intervém na vida social espontânea. Máximos nos regimes reformadores, que pretendem organizar de novo uma coisa chamada «sociedade», que não sabem o que é nem a que leis obedece, esses riscos e essa extensão baixam à medida que a administração de Estado se aproxima da estrita actividade fiscal e tributária que só ao Estado compete, porque só ao Estado pode competir. Mas não é a esta actividade própria e restrita que nos

referimos quando examinamos a questão de administração de Estado: referimo-nos a essa administração em geral e, particularmente, à administração pelo Estado de comércio ou indústrias que podem não ser administrados por ele. Pelas razões já vistas, é evidente que, na proporção em que esses comércios ou indústrias forem importantes, e implicarem com a vida da sociedade ou da nação, nessa mesma proporção, será prejudicial a administração deles pelo Estado. E se essas indústrias ou comércios não tiverem importância nacional ou social, não há razão para que o Estado queira ocupar-se deles. Em qualquer dos casos, pois a administração do Estado é um erro: num caso é inevitavelmente nociva, no outro francamente desnecessária.

Viciosa, assim, em sua própria essência, a administração de Estado sofre ainda a viciação proveniente de ser exercida por e através do tipo de indivíduo que em geral forma o funcionário público. Salvo para as carreiras militares — em que há aberturas especiais para a ambição e para a energia — e ambição entra para o serviço fixo do Estado. Não entra, porque não há ali caminho para a energia, e muito menos para a ambição. O novelista americano Nathaniel Hawthorne marca isto com extraordinário relevo no prefácio do seu romance «A Letra Encarnada». Formado, pois de um conjunto de homens necessariamente inferiores nas suas qualidades de acção, o serviço

Fernando Pessoa

público civil resulta universalmente incompetente e desleixado e, derivadamente, em sociedades cividas de qualquer vírus corruptor, mais corrupto que qualquer outro conjunto.

Estes elementos fixos, assim tão pouco aptos para o desempenho competente de qualquer função administrativa, ainda que subordinada, são dirigidos, nos estados modernos por políticos profissionais, isto é, por indivíduos que subiram ao poder por circunstâncias várias, em que a competência administrativa não entra, nem tem que entrar. Aliás, quem tem uma notável competência administrativa emprega hoje a sua actividade em campos mais apropriados que a governação dos países. E se em quase todas as nações assim acontece, assim sobretudo sucede naquelas onde a instabilidade governativa é acentuada: nenhum administrador verdadeiro se sujeita a administrar com risco de descontinuidade e interrupção.

A administração de Estado só é admissível quando é inevitável, e só é inevitável num caso anormal, a guerra, e ainda assim, só para certas indústrias ou comércios. Como, porém, nas sociedades, chamadas civilizadas, as actividades normais são todas de ordem pacífica e a guerra, motivando a suspensão de actividades pacíficas, implica a suspensão da própria essência do que constitui uma sociedade civilizada, o facto de que o Estado só pode utilmente administrar um comércio ou uma indústria em tempo de guerra é mais um argumento contra o exercício normal pelo Estado desse comércio ou dessa indústria.

A administração pelo Estado de uma indústria ou de um comércio é prejudicial ao Estado, porque todo o comércio ou indústria mal administrado é prejudicial a si mesmo; e é prejudicial à indústria ou ao comércio particular, que por ela fica proibido. Só pode, em certos casos, beneficiar o consumidor, porque pode bem ser que o produto vendido o seja em condições anormalmente favoráveis. Há serviços de Estado em muitos países, que trabalham com «deficit» previsto para beneficiar o consumidor. Como, porém, esse consumidor é ao mesmo tempo contribuinte, o que o Estado lhe dá com a mão direita, terá fatalmente que tirar-lho com a esquerda. O consumidor é, no fim, quem paga o que deixa de pagar.

Seria ridículo e indesculpável que, depois destas considerações essenciais gastássemos a paciência do leitor com o exame da mitologia de argumentos que se têm apresentado em defesa da «nacionalização», «socialização», ou administração de Estado. Nenhum desses argumentos, próprios em geral, só para contos humorísticos ou discursos políticos, pode prevalecer contra as considerações orgânicas que apresentámos. Sabemos bem, é certo que a administração de Estado não causa hoje o horror que causava no século que passou. Sabemos bem que está hoje em curso o ataque ao individualismo económico do século dezanove. Mas também sabemos que, assim como há modas no vestuário, assim as há nas ideias. Onde não há ciência, nada leva de vantagem a ideia de hoje sobre a ideia de ontem, porque não representa um acréscimo de conhecimentos. E em matéria social ainda não há ciência.

Este excerto de artigo está incluído na colectânea que a Cinevoz publicou em 1969 sob o título «Fernando Pessoa, textos para dirigentes de empresas», impossível de encontrar no mercado livreiro: Aqui deixamos, com a devida vénia, a menção.

Duda Guennes

Jogar com palavras

«Os comunistas comem crianças ao pequeno-almoço». Essa frase ouvi muito desde que estou em Portugal, principalmente no Norte. Confesso que ficava intrigado. Não que achasse crível a afirmativa. O que me intrigava era a origem da mesma. Perguntava-me: — Que mente doentia pariu tão disparatada ideia? Também perguntava às pessoas amigas a origem da tal antropofágico costume. Ninguém sabia res-

liam do alto do púlpito um número da «Crónica Constitucional», onde se referia que Sua Majestade comia a cada jantar um pequeno assado. Faziam por sua conta e com fins de propaganda política o trocadilho, alterando a natureza gramatical e o sentido dos dois elementos: *pequeno*, de adjectivo passava a substantivo, como significação de «criança», *assado*, de substantivo passava a adjectivo-participio.



... o tal D. Pedro

ponder às minhas indagações.

O certo é que no Norte do País a frase surtiu efeito e o Partido Comunista sentiu grandes dificuldades de trabalhar na região. Hoje, os tempos são outros. A realidade tem demonstrado ser bem diferente o conceito que agora goza o PCP no meio do povo do Norte. Mesmo por que, nesses cinco anos de legalidade democrática, nenhuma criança foi comida ao pequeno-almoço — pelo menos por via oral.

Na minha última ida a Trás-os-Montes, em Vila Real para ser mais exacto, conversei com muita gente da cidade. Gosto de conversar e fazer perguntas (deformação profissional; talvez) e num desses «bate-papos», à beira de um copo, um transmontano disse-me uma frase que fixei na memória e agora transmito aos meus leitores: «cá em cima, um 'gajo' bom, honesto, trabalhador e solidário que o meu amigo encontrar, ou é protestante ou comunista», disse-me. De minha parte, não seria tão restritivo... Acredito que haja bem mais gente com essas características. Mas ele é de lá e conhece a terra bem melhor que eu, um simples curioso.

Mas, voltando ao canibalismo comunista, finalmente encontrei a explicação há muito buscada. Encontrei-a no livro de M. Rodrigues Lapa «Estilística da Língua Portuguesa» (edição da Biblioteca Brasileira de Filosofia, 5.ª edição — revista e aumentada. Livraria Académica, Rio de Janeiro). O livro compreio-o a um alfarrabista desta praça e antes havia sido pertença de António José Maldonado Costa Lima, autografado pelo próprio e datado de Março de 1968.

(Não sei quem és, ó Maldonado, mas de qualquer maneira muito obrigado).

No capítulo IV do livro de Lapa, o erudito autor refere-se a O Jogo das palavras. A página 50, diz o filósofo: «Pode contudo jogar-se com as palavras de modo proposital e até para fins malévolos. No tempo das guerras liberais, por ocasião do cerco do Porto, os pregadores miguelistas diziam ao povo ignorante das aldeias que o liberal D. Pedro comia crianças assadas. E para prova desse crime repugnante

É claro que o modo de dizer, a entoação, desempenhava papel preponderante na formação do equívoco. Só o jeito especial de pronunciar, carregando no termo *pequeno*, podia iludir os ouvintes».

Aí está a explicação. Dos liberais aos comunistas foi apenas uma questão de tempo. Os reacçãoários do passado século como os de hoje, costumam jogar com as palavras com o objectivo de iludir o povo.

AS ALIENADAS

Por falar em D. Pedro, no Brasil era D. Pedro I. Em Portugal por uma questão de fuso horário, tornou-se D. Pedro IV. Em Portugal era um liberal. No Brasil, um notório mulherengo e farrista.

É exactamente a vida do Imperador brasileiro, sua boémia e aventuras galantes que chamou a atenção do realizador cinematográfico italiano Franco Zeffirelli que, seduzido, vai dirigir um filme baseado na vida do filho de D. João VI.

Um pescador depois de muitas horas à beira rio conseguiu fisgar uma belíssima truta. Correu contentíssimo para casa, todo feliz:

— Maria, finalmente vamos tirar a barriga da miséria. Prepare uma caldeirada com essa truta.

— Caldeirada? Mas não temos nem batatas nem pimentos, nem...

— Então prepare-o cozido com cebolas.

— Isso é que era bom! Qual cebola qual carapuça!

— Prepara frito...

— Com que azeite? Estás a sonhar...

— Então vamos comê-lo cozido em água e sal.

— Não temos água nem sal.

O pescador, triste, levou o peixe de volta ao rio e tornou a colocá-lo na água. A truta mergulhou, voltou à tona, pôs a cabeça fora d'água e gritou cheia de felicidade:

— Viva o Primeiro-Ministro Mota Pinto!!!